CPAD

Os doze Profetas Menores



Alexandre Coelho e Silas Daniel

Os Doze **Profetas** Menores

Os Doze **Profetas** Menores

Alexandre Coelho e Silas Daniel

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2012 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira

Capa: Wagner de Almeida
Projeto gráfico e Editoração: Rodrigo Sobral Fernandes

CDD: 220 – Comentário Bíblico
ISBN: 85-263-0348-1

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2012 / Tiragem:10.000

Apresentação

Os autores desta obra honram-me com o pedido de lhes escrever mais este prefácio. Mas, o que poderei dizer de Silas Daniel e Alexandre Coelho? Em primeiro lugar, que são operários da palavra escrita e falada; neste ofício, empenham talento e penhoram tempo. Sabem eles que o escrever requer dedicação, presteza e consciência. E, assim agindo, rendem preciosos serviços à Igreja de Cristo.

Desta feita, tratam de um tema apaixonante e que jamais deixará de ser coevo: Os Doze Profetas Menores. Na construção deste livro, foram buscar mensagens proferidas há quase três milênios, e que, apesar de todos esses séculos já transcorridos, jamais deixaram de ser atuais. Somente a Bíblia pode erguer-se como o livro contemporâneo de todas as gerações.

Nesta obra, teremos oportunidade de nos privar com Oséias, Joel e Amós. Com Obadias, Jonas e Miquéias, poderemos conversar longamente. Em seguida, viremos a conhecer um pouco mais da vida e do ministério de Naum, Habacuque e Sofonias. E haveremos, finalmente, de inteirar-nos do contexto histórico e cultural em que profetizaram Ageu, Zacarias e Malaquias.

É uma viagem pelas misteriosas e belas veredas da profecia bíblica. Durante esta peregrinação, constataremos uma vez mais: os arcanos do Senhor nunca deixarão de ser coetâneos. A voz do profeta, ainda que no deserto clame, é para ser ouvida por você e por mim.

Em Cristo,

Pr. Claudionor de Andrade
Gerente de Publicações

Inverno de 2012.

Sumário

Apresentação 5

1. Os Profetas Menores e a Atualidade de sua Mensagem 9
2. **Oseias** — O Matrimônio como Exemplo de Relacionamento com Deus 15
3. **Joel** — O Derramamento do Espírito Santo e o Julgamento das Nações 25
4. **Amós** — Política e Justiça Social como Parte da Adoração 33
5. **Obadias** — O Princípio da Retribuição Divina.....43
6. **Jonas** e a Misericórdia Divina.....51
7. **Miqueias** — A Obediência Está acima dos Rituais.....59
8. **Naum** — O Limite da Tolerância Divina.....69
9. **Habacuque** — "O Justo pela sua Fé Viverá" 75
10. **Sofonias** — O Instrumento Divino para Despertar as Reformas de Josias e um Anunciador do "Dia do Juízo" e da Restauração Final ..85
11. **Ageu** — Um Chamado de Retorno ao Compromisso com Deus ..93
12. **Zacarias** — O Profeta Messiânico e a Segurança Futura de Israel..... 101
13. **Malaquias** — A Sacralidade da Família..... 111

1

Os Profetas Menores e a Atualidade de sua Mensagem

Silas Daniel

Os chamados Profetas Menores — Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias — viveram em um período de tempo que vai do século oitavo a.C. ao século quinto a.C.; entretanto, a sua mensagem é ainda atual e pungente para os nossos dias, pois traz princípios e advertências voltados para questões sociais, políticas, familiares e espirituais que se aplicam à realidade de crentes de todas as épocas, além de conterem revelações escatológicas, sobretudo relacionadas ao futuro de Israel, que ainda irão se cumprir, e muitas profecias relativas à Primeira Vinda de Cristo, que já se cumpriram e são atestadas nos Evangelhos.

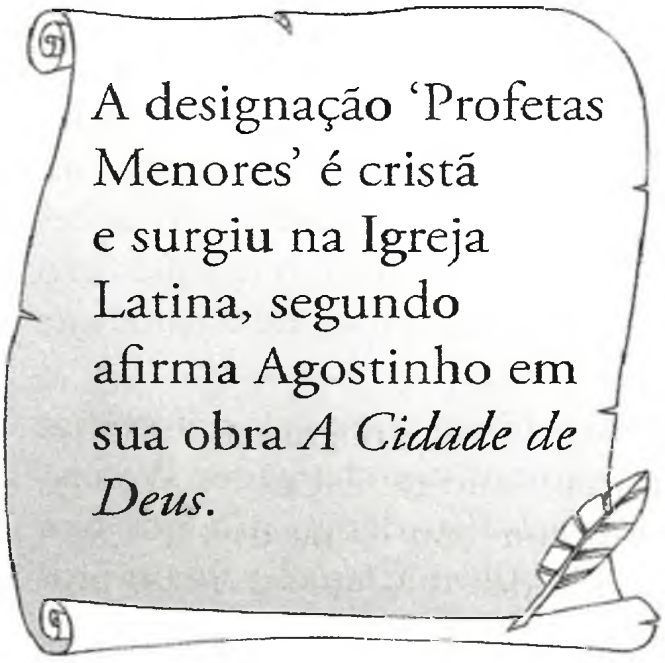
Os Profetas Menores são assim chamados não porque seus ministérios tenham tido menos importância em relação aos dos chamados Profetas Maiores — Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Essa designação, que tem origem no cristianismo, expressa apenas o fato de que aqueles foram profetas canônicos veterotestamentários que deixaram um menor registro de

profecias em seus respectivos livros. Na Bíblia hebraica, eles estão contidos em um só volume e foram provavelmente agrupados dessa forma por volta de 425 a.C. por Esdras e a chamada Grande Sinagoga, um grupo formado por 120 doutores da Lei. Como destaca Isaltino Gomes, "o volume contendo todos os Profetas Menores se constitui de 67 capítulos e 1.050 versículos. É menor que Isaías, que tem 66 capítulos e 1.202 versículos; que Jeremias, que tem 52 capítulos e 1.364 versículos; e que Ezequiel, que tem 48 capítulos e 1.273 versículos. No entanto, [...] não se deve pensar que a extensão de sua obra possa nos levar a presumir de pouco valor espiritual. [...] Se tivermos sensibilidade e soubermos ouvir o que o Espírito Santo nos ensina através deles, nossa vida será grandemente enriquecida".[1]

Na literatura judaica, esses livros são chamados de "Os Doze" ou "Os Doze Profetas" (ou *Dodekapropheton*, no texto grego da Septuaginta) pelo menos desde 132 a.C. (outros datam 190 a.C.), época provável da produção do livro apócrifo de Eclesiástico, escrito por Jesus Ben Sirac, que é o primeiro registro conhecido dessa designação: "Quanto aos doze profetas, refloresçam os seus ossos em seus túmulos, pois fortaleceram Jacó, e redimiram-se (da servidão) por uma fé corajosa" (Eclesiástico 49.12). Quanto à designação cristã "Profetas Menores", ela surgiu na Igreja Latina, segundo afirma Agostinho (345-430 d.C.), bispo de Hipona, em sua obra *A Cidade de Deus*.

A Atualidade da Mensagem dos Profetas Menores

Deus falou no passado por profetas (Hb 1.1) e a mensagem destes ainda tem relevância para os nossos dias, posto que a Bíblia assevera que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16, ARA), servindo para a nossa edificação espiritual, ou seja, "para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2Tm 3.16,17). Porém, é claro que as profecias e orientações do Antigo Testamento devem ser vistas sempre à luz de Cristo.



Os apóstolos Mateus e João, e o próprio Jesus, afirmam o cumprimento das Escrituras dos profetas

do Antigo Testamento em Cristo (Mt 26.56; Lc 24.47; Jo 1.45). Jesus ressaltou que toda a mensagem da Lei e dos Profetas do Antigo Testamento é cumprida em sua regra áurea (Mt 7.12), e os apóstolos Tiago e Paulo frisaram que a mensagem dos profetas do Antigo Testamento é essencialmente a mesma da Igreja no Novo Testamento (At 15.15-17; 26.22,23). Paulo sublinhou também que "tudo que dantes foi escrito [no Antigo Testamento] para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15.4). Logo, entendemos que a mensagem dos profetas do Antigo Testamento "são de máxima importância para a vida espiritual do cristão. A sabedoria e as leis morais de Deus, no tocante a cada aspecto da vida, bem como sua revelação a respeito dEle mesmo, da salvação e da vinda de Cristo, são de valor permanente".[2]

A mensagem dos profetas do Antigo Testamento não era apenas preditiva. Esses homens de Deus eram, sobretudo, pregadores morais e éticos.

A mensagem dos profetas do Antigo Testamento não era apenas preditiva. Esses homens de Deus eram, sobretudo, pregadores morais e éticos, vigias, sentinelas levantados por Jeová para despertar e exortar suas respectivas gerações. Durante as dominações assíria, babilônica e persa, Deus levantou esses homens para ora conclamar o povo de Israel ao arrependimento, ora reanimá-los; e, em suas exortações proféticas, eles denunciaram e combateram contundentemente a corrupção, o abuso de autoridade, a injustiça social, a idolatria e o arrefecimento espiritual e a frouxidão moral do povo, o que atesta a atualidade premente dessas exortações para os nossos dias — ou melhor, para todas as épocas.

Os Profetas Menores e o Messias

Mas os Profetas Menores, como já afirmamos, também são, sim, notabilizados por suas mensagens messiânicas e escatológicas, de maneira que eles concluem o Antigo Testamento com um clima de esperança e expectativa em relação à Primeira Vinda do Messias e trazendo vislumbres do reino milenar de Cristo sobre a Terra, temas abordados no

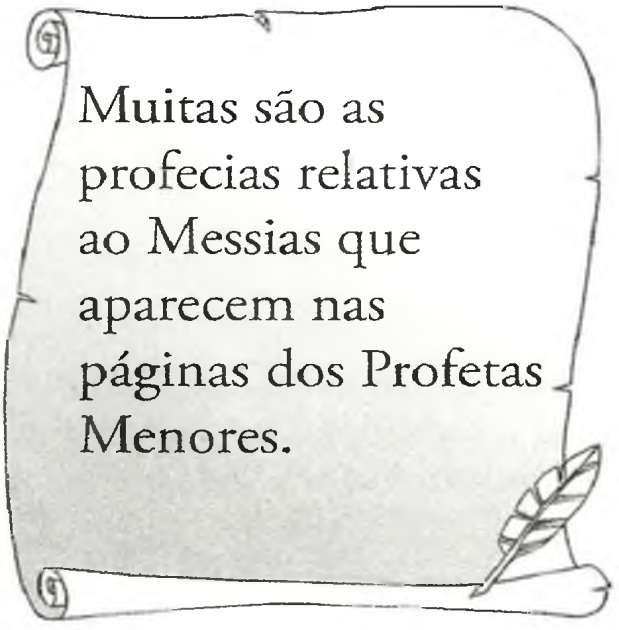
Novo Testamento. São, portanto, uma excelente porta de entrada para os livros neotestamentários.

Como bem ressalta Dionísio Pape,

> é altamente sugestivo que, após o longo silêncio do período intertestamentário, o Novo Testamento se abre com Jesus Cristo e a escolha dos doze apóstolos como pregoeiros da Boa Nova da Salvação. Essa relação histórica entre as promessas dos Doze no fim do Velho Testamento e a sua realização através da missão dos Doze no início do Novo Testamento deve despertar no povo de Deus o afã de conhecer mais profundamente os escritos inspirados dos doze profetas menores, que ainda nos falam hoje. [...] A palavra dos profetas menores é uma mensagem de justiça e esperança para hoje.[3]

Muitas são as profecias relativas ao Messias que aparecem nas páginas dos Profetas Menores. Em Oseias, lemos que o Messias seria o Filho de Deus (Os 11.1a c/c Mt 2.13-15), seria chamado do Egito (Os 11.1b c/c Mt 2.13-15) e venceria a morte (Os 13.14 c/c 1 Co 15.55-57). Em Joel, foi predito que o Messias ofereceria a salvação para todos (Jl 2.32 c/c Rm 10.12,13). Em Amós, é anunciado que Deus faria com que o céu se escurecesse ao meio-dia, como ocorreu na morte do Messias (Am 8.9 c/c Mt 27.45,46).

Em Miqueias, é predito que o Messias nasceria em Belém (Mq 5.2a c/c Mt 2.1,2), que Ele seria o Servo de Deus (Mq 5.2b c/c Jo 15.10) e que veio da Eternidade (Mq 5.2 c/c Ap 1.8). Em Ageu, é predito que o Messias visitaria o Segundo Templo (Ag 2.6-9 c/c Lc 2.27-32) e que seria descendente do governador Zorobabel (Ag 2.23 c/c Lc 3.23-27). Em Zacarias, o Messias seria Deus encarnado e habitaria entre o seu povo (Zc 2.10,11a c/c Jo 1.14), seria enviado por Deus (Zc 2.10,11b c/c Jo 8.18,19), o descendente do governador Zorobabel (Zc 3.8 c/c Lc 3.23-27), o Servo de Deus (Zc 3.8b c/c Jo 17.4), Sacerdote e Rei (Zc 6.12,13 c/c Hb 8.1), recebido com alegria em Jerusalém (Zc 9.9a c/c Mt 21.8-10), visto como Rei (Zc 9.9b c/c Jo 12.12,13), justo (Zc 9.9c c/c Jo 5.30), estaria trazendo a salvação (Zc 9.9 c/c Lc 19.10), seria humilde (Zc 9.9 c/c Mt 11.29), apresentado a Jerusalém montado num jumento (Zc 9.9 c/c Mt 21.6-9), a pedra de esquina (Zc 10.4 c/c Ef 2.20), rejeitado por Israel (Zc 11.10 c/c Lc 19.41-44), traído e trocado por trinta moedas de prata (Zc 11.12 c/c Mt 26.14,15), as trinta mo-



edas de prata seriam lançadas na Casa do Senhor (Zc 11.13a c/c Mateus 27.3-5) e usadas para comprar o campo do oleiro (Zc 11.13b c/c Mt 27.6,7), o corpo do Messias seria transpassado (Zc 12.10 c/c Jo 19.34), Ele seria um com Deus (Zc 13.7a c/c Jo 14.9) e seus discípulos se dispersariam (Zc 13.7b c/c Mt 26.31-56).

Em Malaquias, é anunciado que um mensageiro prepararia o caminho para o Messias (Ml 3.1a c/c Mt 11.10), que o Messias apareceria subitamente no Templo (Ml 3.1b c/c Mc 11.15,16), que seria o mensageiro da Nova Aliança (Ml 3.1c c/c Lc 4.43), que o precursor do Messias viria no espírito de Elias (Ml 4.5 c/c Mt 3.1,2) e que esse precursor converteria muitos à justiça (Ml 4.6 c/c Lc 1.16,17).[4]

Divisão dos Livros

Os Profetas Menores podem ser divididos em Pré-Exílicos (antes do Exílio Babilônico) e Pós-Exílicos (depois do Exílio Babilônico). Os Pré-Exílicos são Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias; os Pós-Exílicos são Ageu, Zacarias e Malaquias.

Outra forma de organizarmos esses livros é olhando para qual público se dirigiam. Dessa forma, podemos dividi-los também em livros com mensagens voltadas ao Reino de Judá (Joel, Miqueias, Habacuque e Sofonias), livros com mensagens voltadas para o Reino de Israel (Amós e Oseias), livros com mensagens voltadas às nações (Jonas, Naum e Obadias) e livros com mensagens voltadas aos judeus remanescentes pós-exílio (Ageu, Zacarias e Malaquias). Os profetas do Reino de Israel profetizaram no oitavo século; os de Judá, no oitavo e sétimo séculos; e os pós-exílicos, no sexto e quinto séculos.

Nas próximas páginas, apresentaremos um estudo panorâmico de cada um desses doze livros especiais, examinando o contexto histórico de cada profeta, o propósito de suas mensagens e a aplicação delas para os nossos dias e para a nossa vida.

Esperamos que esse estudo abençoe a sua vida de forma especial e desperte-o a aprofundar-se ainda mais no estudo dos Profetas Menores.

[1] COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menores**. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.
[2] STAMPS, Donald. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1725.
[3] PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje — a mensagem dos profetas menores**. São Paulo: ABU Editora, 1993.
[4] Levantamento de profecias messiânicas no Antigo Testamento do site www.biblicist.org.

2

Oseias
O Matrimônio como Exemplo de Relacionamento com Deus

Alexandre Coelho

Ela, pois, não reconhece que eu lhe dei o grão, e o mosto, e o óleo e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal.

– *Oseias 2.8*

E acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que me chamarás: Meu marido e não me chamarás mais: Meu Baal.

– *Oseias 2.16*

Introdução

Deus tem formas muito didáticas para lidar com seu próprio povo, e Oseias, o primeiro dos chamados profetas menores, é um exemplo disso. Nele vemos a forma com que Deus chama a atenção de Israel e de sua infidelidade, e de que forma agiria para que o seu povo se tornasse para

Ele. É uma prova do quanto Deus ama seu povo insistentemente, ainda que esse mesmo povo não mereça.

Quem Foi Oseias

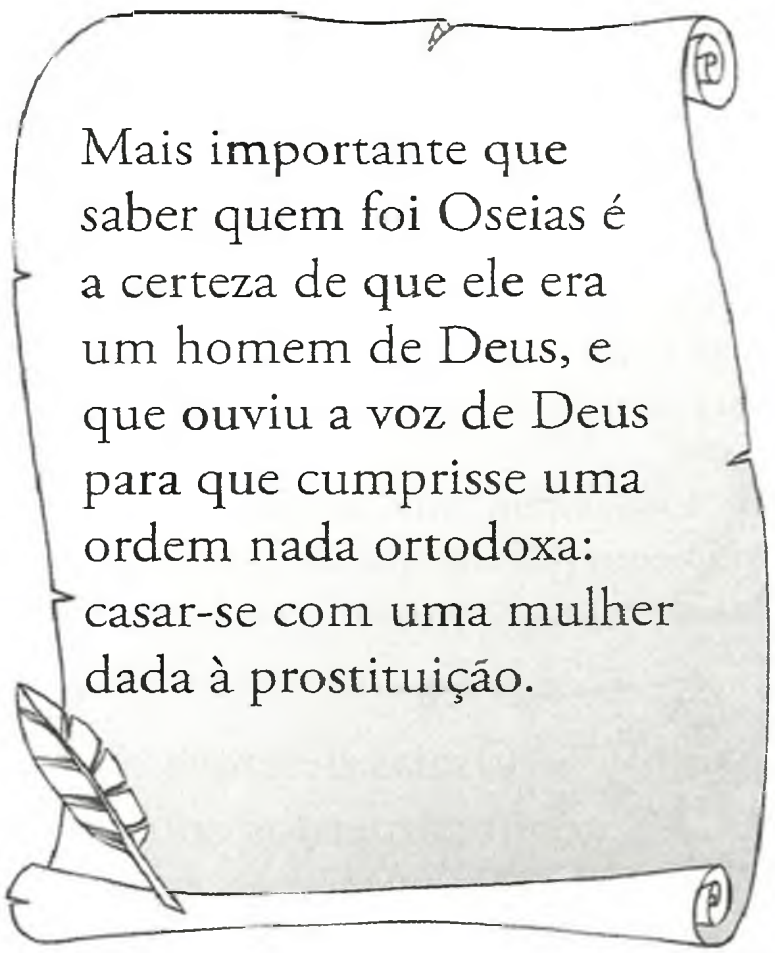
Oseias, o primeiro dos chamados profetas menores, foi filho de um homem chamado Beeri. A Bíblia registra que ele se casou e que teve três filhos. Pelo que apresenta a Bíblia, sua mulher, Gomer, foi uma prostituta. Ela deu a Oseias três filhos: Jezreel (Deus espalhou), Lo-Ruama, uma menina (desprezada) e Lo-Ami, outro filho (Não é meu povo). Há quem creia que desses três filhos apenas o mais velho era de Oseias, e os dois outros seriam fruto das traições de Gomer. A família de Oseias, como se percebe, não era das mais dignas de serem seguidas.

A literalidade do casamento de Oseias tem sido muito discutida. Muitos especialistas no Antigo Testamento pensam que Deus não ordenaria a um de seus profetas que se casasse com uma prostituta. Entende-se que Oseias, por ser profeta, era um homem consagrado. Como Deus iria ordenar a um homem temente a casar-se com uma mulher cuja reputação era questionável, por força de seus hábitos totalmente reprováveis? Se essa perspectiva puder ser aceita, teremos então que tal união jamais aconteceu. Ocorre que Oseias descreve os acontecimentos como literais, a ponto de dizer que Gomer tem três filhos depois de se casar com ele. Além disso, nenhuma referência existe na profecia de que o casamento de Oseias com Gomer deve ser entendido como uma figura parabólica.

Oseias descreve os acontecimentos como literais, a ponto de dizer que Gomer tem três filhos depois de se casar com ele. Além disso, nenhuma referência existe na profecia de que o casamento de Oseias com Gomer deve ser entendido como uma figura parabólica.

Nesse aspecto, para que haja um equilíbrio dentro das diversas opiniões, Gleason L. Archer Jr sugere que

a melhor solução ao problema acha-se na suposição que quando Oseias se casou com Gomer, esta não seria uma mulher de moral abertamente baixa. Se Oseias entregou sua mensagem em anos posteriores, pode ter considerado a história da sua tragédia doméstica, e descoberto nela a mão orientadora de Deus...[1]

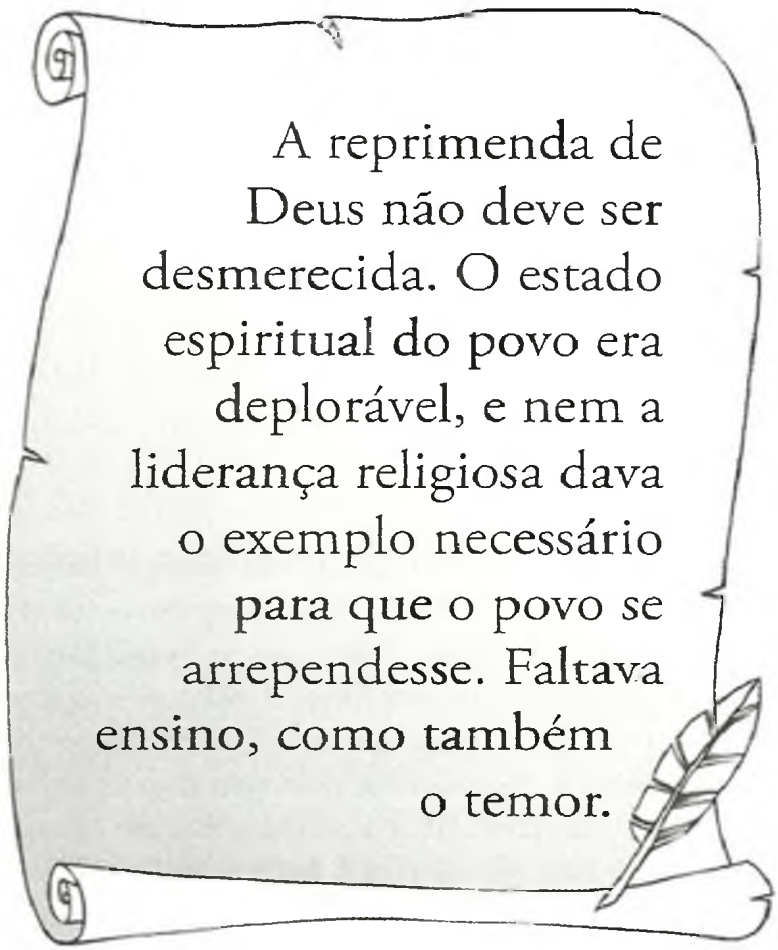


A posição de Archer tem por objetivo, como foi dito, solucionar o problema aparentemente moral que envolvia o cumprimento da ordem de Deus ao profeta. Esse é uma proposta que considero equilibrada, mas como não há uma referência no tocante ao momento em que Gomer se tornou uma prostituta, tratarei este capítulo como se ela já fosse uma mulher de moral questionável quando Deus ordenou a Oseias que se casasse com ela, até em respeito à narrativa do próprio profeta.

Mais importante que saber quem foi Oseias é a certeza de que ele era um homem de Deus, e que ouviu a voz de Deus para que cumprisse uma ordem nada ortodoxa: casar-se com uma mulher dada à prostituição. Para que não tenhamos dúvidas da procedência divina dessa ordem, lembremo-nos de Oseias 1.2: "O princípio da Palavra do Senhor a Oseias; disse, pois, o Senhor, a Oseias...". Duas vezes o Senhor é citado apenas no verso 2 do capítulo 1 de Oseias, e não é por redundância. Ele desejava que soubéssemos que realmente essa ordem partiu dEle.

Em alguns momentos, Deus ordena a seus servos que cumpram certas missões nada ortodoxas. Ordenou que Abraão oferecesse seu filho em holocausto em uma montanha. A Josué, ordenou que atravessasse o Jordão no período de cheia do rio, e ordenou a Josafá que mandasse cantores na frente do exército, para que adorassem a Deus. É evidente que nos planos divinos a propensão à obediência rendeu resultados positivos. A Abraão, ordenou que parasse o ritual, preservando, assim, a vida de Isaque. Josué presenciou o rio Jordão se abrindo para que o povo

passasse, e Josafá presenciou a derrota dos seus inimigos pela mão de Deus. Mas e Oseias? Oseias teve de contrair núpcias com uma mulher que partilhara sua cama com muitos outros homens.



Sua Mensagem

Oseias nos apresenta a história de um Deus que ama de forma insistente seu povo. Esse amor não é correspondido na mesma medida, como vemos ao longo da história do Antigo Testamento. Apesar de Deus ter dado aos israelitas a liberdade, uma terra, transformando-os em uma nação e trazendo-lhes prosperidade, os israelitas contínua e facilmente se esqueciam de Deus e de seus preceitos, abandonando-o e se voltando a outros deuses. Essa situação não é distante da nossa própria realidade, pois o homem tem facilidade de se esquecer de Deus e do amor demonstrado por Ele.

O casamento de Oseias com uma "mulher de prostituições" é uma comparação clara com a própria nação de Israel. Deus considerava o assunto prostituição de forma dupla: no sentido físico, quando os israelitas participavam de cultos a outros deuses que envolviam a prática sexual como parte da liturgia, e no sentido espiritual, deixando a adoração ao Senhor para envolverem-se com outros deuses.

A profecia de Oseias teve como destinatários os israelitas do Reino do Norte, Israel. Ellisen comenta que

> embora sejam dados os nomes dos reis de Judá com a finalidade de localizar a época, e Judá seja mencionado no livro, a profecia é dirigida ao Reino do norte, Israel... Dirige-se a ele como "Efraim" trinta e sete vezes, em virtude da poderosa tribo do centro oriunda do muito abençoado filho de José. Efraim quer dizer "fértil".[2]

Matthew Henry diz acerca de Oseias e de sua mensagem:

> Ele deveria convencê-los dos seus pecados, ao se desviarem de Deus em prostituições, casando-se com uma mulher que praticara a prostituição... Ele deveria

> predizer a destruição que viria sobre eles por causa de seu pecado, nos nomes de seus filhos, o que significava que Deus os estava rejeitando e abandonando... Ele deveria falar da consolação ao reino de Judá, que ainda retinha a adoração pura a Deus, e assegurar-lhe a salvação do Senhor... Ele deveria dar uma declaração da grande misericórdia que Deus tinha reservado tanto para Israel quanto para Judá, nos últimos dias...[3]

A reprimenda de Deus não deve ser desmerecida. O estado espiritual do povo era deplorável, e nem a liderança religiosa dava o exemplo necessário para que o povo se arrependesse. Faltava ensino, como também o temor:

> O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Como eles se multiplicaram, assim contra mim pecaram; eu mudarei a sua honra em vergonha. Alimentam-se do pecado do meu povo e da maldade dele têm desejo ardente. Por isso, como é o povo, assim será o sacerdote; e visitarei sobre ele os seus caminhos e lhe darei a recompensa das suas obras. (Os 4.6-9)

Em que Aspecto a História de Oseias Fala conosco

Deus mostra, por meio de Oseias, o quanto algo tão sagrado como o casamento pode ser destituído de sacralidade por meio da infidelidade. Se tomarmos a expressão *infidelidade* como sinônimo de *traição*, não teremos dificuldades em entender o quanto essa prática é abominável. Em algum momento de nossa vida, todos somos surpreendidos por pessoas que buscam nos ser adversárias, e de forma declarada. Denominamos esse tipo de pessoas de inimigos. Tais pessoas desejam o nosso mal e não medem esforços para que não tenhamos sucesso em nossas empreitadas. De certa forma, esses tipos de atitudes nos mostram quem são essas pessoas e como agem. Não nos surpreenderia qualquer oposição delas, pois são declaradamente nossas inimigas. Mas a traição é diferente. Não somos traídos por nossos inimigos. Somos traídos pelos que nos são próximos, por pessoas que se ligam a nós por laços de confiança. Lembremo-nos de Jesus e Judas. Judas era próximo de Jesus. Tinha visto os milagres que o Senhor fez. Presenciou conversas que nós desejamos muito ouvir. Mas não pensou muito quando lhe deram a oportunidade de trair Jesus por 30 moedas de prata. Independentemente dos motivos que o levaram à traição, o fato é que até hoje seu nome é um símbolo de traidor.

Apliquemos tal raciocínio ao casamento. Deus não utilizou a figura de dois amigos para demonstrar a destruição que a traição pode trazer. Deus utilizou a figura do casamento para demonstrar primeiro o quanto Ele amou e respeitou os israelitas, e também o quanto se sentia ferido pela traição do seu povo. Um cônjuge traído costuma se sentir trocado, inútil ao matrimônio e, em muitos casos, sem rumo para o futuro, ao menos naquele momento. Pense em um homem que fez de tudo para que seu casamento desse certo, mas que foi trocado por outro que, aos olhos da esposa, era mais bonito ou tinha mais dinheiro. Ou pense na mulher que se dedicou ao esposo e aos filhos, e de repente descobre que seu esposo partilhava a cama com outra mulher propensa a satisfazê-lo em seus desejos mais ocultos.

Deus se apresenta, na pessoa de Oseias, como um marido que foi traído por sua esposa. Foi a forma mais inteligente de Deus mostrar-se ao povo de Israel como aquEle que reclama a traição da nação depois de todas as coisas pelas quais foram beneficiados com o favor divino.

Acima de tudo, Oseias nos mostra que amar é uma decisão divina. Deus tinha tudo para desprezar Israel, da mesma forma que Israel o desprezou por séculos. Mas Deus foi insistente em seu amor. Ainda que Israel buscasse amantes e ainda pagasse para se prostituir com eles.

A prostituição e a idolatria nos dias de Oseias

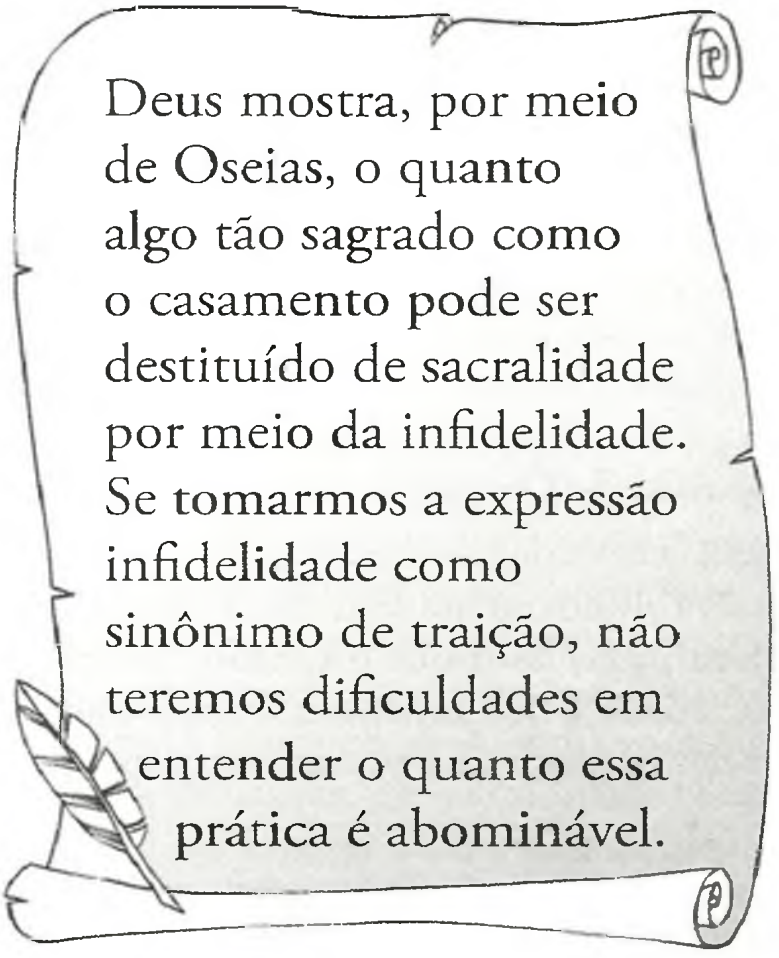
A figura da prostituição está atrelada à prática da idolatria. Eram praticadas juntas, o que deixava Deus profundamente irritado. Primeiro, porque a adoração estava sendo deturpada, visto que o Criador estava sendo trocado por uma divindade criada pelos cananeus, e segundo, porque a adoração nesses cultos era carregada de atos sexuais não permitidos por Deus.

> Quando Deus disse a Oseias que se casasse com uma prostituta, como um símbolo vivo de Israel e de sua infidelidade espiritual, Ele escolheu uma metáfora apropriada. O povo de Israel não apenas se prostituiu espiritualmente, mas também literalmente — a adoração de deuses cananeus envolvia relações sexuais com prostitutas do templo. Embora muitas pessoas continuassem a adorar a Deus, também adoravam os deuses locais, como um tipo de garantia de desastre espiritual. O Deus mais popular parecia ser Baal, que o povo julgava proporcionar a fertilidade no campo, nos rebanhos e na família. Os adoradores acreditavam, por exemplo, que a chuva era o sêmem de Baal. E aparentemente pensavam que poderiam incentivá-lo, ou pelo menos, convencê-lo a honrar o pedido que eles faziam de chuva.[4]

Esperança para o casamento

Oseias mostra que a esperança da união entre Deus e seu povo começa com o reconhecimento de que Israel não teria mais prazer com os demais deuses cananitas:

> Porque sua mãe se prostituiu, aquela que os concebeu houve-se torpemente porque diz: Irei atrás de meus namorados, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas. Portanto, eis que cercarei o teu caminho com espinhos; e levantarei uma parede de sebe, para que ela não ache as suas veredas. E irá em seguimento de seus amantes, mas não os alcançará; e buscá-los-á, mas não os achará; então, dirá: Ir-me-ei e tornar-me-ei a meu primeiro marido, porque melhor me ia, então, do que agora. (Os 2.5-7)



Infelizmente, Israel não consegue reconhecer que Jeová é o seu Deus, a não ser que se sinta privado daquilo que antes possuía. Essa é uma forma de julgamento de Deus para com seu povo, pois tudo o que Deus graciosamente lhes dava era utilizado para a idolatria: "Ela, pois, não reconhece que eu lhe dei o grão, e o mosto, e o óleo e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal" (Os 2.8). Pior que isso, Gomer deixa seu esposo e seus filhos para tornar à vida de prostituições. Ela preferia uma vida de aventuras a se estabelecer como uma mulher de família e honrada. Mas sua vida de aventuras estava prestes a terminar, e de forma trágica.

O Livro

O livro de Oseias possui 14 capítulos, divididos em três partes principais:[5]

I. Experiência e Entendimento, 1.1—3.5

A. A Vida Pessoal de Oseias, 1.1—2.1
B. A Tragédia Pessoal e o Amor Redentor de Oseias, 2.2-23
C. Os Procedimentos de Oseias com Gomer, 3.1-5

II. O Pecado de Israel, 4.1—13.16

A. A Infidelidade de Israel e sua Causa, 4.1—6.3
B. A Infidelidade de Israel e seu Castigo, 6.4—10.15
C. O Amor de Jeová, 11.1—13.16

III. Arrependimento e Restauração, 14.1-9

A. A Súplica Final ao Arrependimento, 14.1-3
B. A Promessa de Bênção Última, 14.4-8
C. Epílogo, 14.9

Profecias Cumpridas em Oseias

De forma geral, os nomes dados aos filhos de Oseias mostram o que estava acontecendo e o que haveria de acontecer à nação de Israel. Jezreel (Deus espalhou) tratava do julgamento vindouro "de Deus sobre as dez tribos de Israel, por causa do 'sangue de Jezreel' (v. 4), uma referência ao massacre dos descendentes de Acabe e Jezabel realizado por Jeú, profetizado por Elias (1 Rs 21.21-24), ordenado por Eliseu (2 Rs 9.6-10) e aprovado por Deus (10.30)".[6]

Deus cobrou o sangue das mãos de Jeú, visto que ele excedeu a ordem do Senhor e matou a Jorão (9.24), matou a Acazias, rei de Judá (9.27,28), e parentes de Acazias (10.12-14), o que não havia sido ordenado por Deus. Essa cobrança ocorreu com o assassinato de Zacarias, um rei que era descendente de Jeú, exterminando, assim, sua linhagem, de forma que não houvesse descendente de Jeú para o trono.

Uma das referências futuras que encontramos em Oseias é acerca a referência que trata da ausência temporária de uma liderança espiritual para os filhos de Israel:

> Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem estátua, e sem éfode ou terafins. Depois, tornarão os filhos de Israel e buscarão o Senhor, seu Deus, e Davi, seu rei; e temerão o Senhor e a sua bondade, no fim dos dias. (Os 3.4,5)

Essa é uma consequência clara da prostituição dos israelitas: ficariam sem rei, profeta ou sacrifícios. Tem sido de entendimento comum que essa profecia será concretizada por ocasião da vinda do Messias, por ocasião do estabelecimento do reino milenar.

Outro texto trata da reunificação das tribos em um só grupo, que terá seu cumprimento por ocasião também da volta de Cristo:

> Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não pode medir-se nem contar-se; e acontecerá que, no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo. E os filhos de Judá e os filhos de Israel juntos se congregarão, e constituirão sobre si uma única cabeça, e subirão da terra; porque grande será o dia de Jezreel. (Os 1.10,11)

> Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele despedaçou e nos sarará, fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos dará a vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele. Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor: como a alva, será a sua saída; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra. (Os 6.1-3)

[1] ARCHER, Gleason L. **Merece confiança o Antigo Testamento?** São Paulo: Edições Vida Nova, 1979, p. 365.
[2] ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1991, p. 273, 274.
[3] HENRY, Matthew, **Comentário Bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 910.
[4] **Manual Bíblico Entendendo a Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 271.
[5] REED, Oscar F. **Comentário Bíblico Beacon**. vol. 5. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 27.
[6] WALLVOERD, John F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 246.

3

Joel
O Derramamento do Espírito Santo e o Julgamento das Nações

Silas Daniel

Há muitas opiniões sobre quando viveu o profeta Joel. Alguns acham que ele foi contemporâneo do profeta Amós, dentre eles o célebre fundador do metodismo, John Wesley (1703-1791).

Em suas anotações, Wesley conclui que uma vez que "Joel fala dos mesmos julgamentos de que fala Amós, logo é provável que eles apareceram quase ao mesmo tempo: Amós em Israel, e Joel em Judá. Amós profetizou nos dias de Jeroboão II (Am 7.10)".[1]

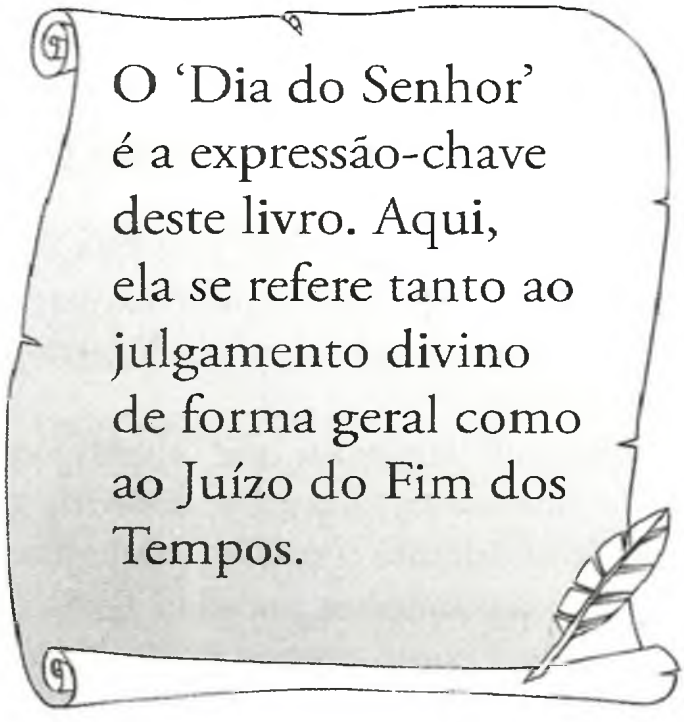
Outros, porém, como o teólogo John Gill, lembram que "alguns dos escritores judeus, como Jarchi, Kimchi e Abendana, fazem Joel contemporâneo de Eliseu, e dizem que ele profetizou durante o reinado de Jeorão, filho de Acabe, quando a fome dos sete anos veio sobre a terra (2 Rs 8)".[2]

Gill evoca ainda que há quem ponha Joel como contemporâneo dos reis Ezequias e Manassés.[3] Finalmente, existe a hipótese de que pro-

fetizou após os exilados terem voltado a Jerusalém, o que colocaria o profeta por volta de 510 a.C. a 400 a.C.[4] Todavia, antes de apontarmos a época mais provável do desenvolvimento do seu ministério, há de se destacar que, indubitavelmente, Joel foi profeta do Reino de Judá, por pelo menos duas razões: primeiro, não há nenhuma menção a Israel — isto é, ao Reino do Norte — na profecia de Joel, mas apenas ao futuro de Judá e Jerusalém; e segundo, como destacam os teólogos Jamieson, Fausset e Brown, "[Joel] fala de Jerusalém, do Templo, dos sacerdotes e das cerimônias como se fosse intimamente familiarizado com eles (Joel 1.14; 2.1, 15, 32; 3.1, 2, 6, 16, 17, 20, 21)".[5] Logo, não há dúvida de que ele pertencia ao Reino do Sul. Quanto à autenticidade desse livro, sempre foi aceita pelos judeus e é confirmada no Novo Testamento por dois apóstolos: Pedro (At 2.16-20) e Paulo (Rm 10.13; Jl 2.32).

Em relação ao período exato de seu ministério profético, o mais provável, e mais aceito pelos especialistas, é que "suas profecias foram entregues nos primeiros dias de Joás, pois não há nenhuma referência à Babilônia, à Assíria ou mesmo à invasão da Síria, e os únicos inimigos mencionados são os filisteus, os fenícios, os egípcios e os edomitas (Jl 3.4,19). Se ele tivesse vivido após Joás, sem dúvida teria mencionado os sírios entre os inimigos que enumera, uma vez que eles tomaram Jerusalém e levaram imenso espólio de Damasco (2 Cr 24.23,24).

A idolatria também não é mencionada, e os serviços do Templo, o sacerdócio e outras instituições da teocracia são representados como florescentes. Tudo isso aponta para o estado de coisas sob o sumo sacerdócio de Joiada, pelo qual Joás tinha sido colocado no trono e que viveu nos primeiros anos de Joás (2 Rs 11.17,18; 12.2-16; 2 Cr 24.4-14)".[6]



Portanto, todas as evidências apontam para Joel, filho de Petuel (Jl 1.1), profetizando por volta de 835 a.C. a 830 a.C., período dos primeiros anos do reinado do jovem rei Joás, que subiu ao trono aos 7 anos (1 Rs 11.21). Talvez seu ministério tenha perdurado durante todo o reinado de Joás, que se estendeu de 835 a.C. a 796 a.C., mas o

livro de sua profecia compreende apenas o período inicial daquele reinado. Outro fato que podemos depreender sobre ele é que Joel nasceu de uma família de fervorosos adoradores de Jeová, já que o seu nome significa "O Senhor é Deus".

Entendendo as Profecias de Joel

O Livro do Profeta Joel é sobretudo escatológico. O primeiro capítulo descreve a desolação causada em Judá por uma invasão de gafanhotos — um dos instrumentos do juízo divino mencionado por Moisés em sua profecia (Dt 28.38,39) e por Salomão em sua oração (1 Rs 8.37), e que já havia sido usado por Deus contra o Egito (Êx 10.12-20). Nos capítulos seguintes, há também promessas de bênção em foco, mas o tema principal continua sendo o juízo divino, sendo que agora em um futuro ainda mais adiante.

Isto é, a principal mensagem de Joel é que Deus julga, e essa mensagem da realidade do juízo divino, conforme orientação do profeta ao povo, não deveria ser esquecida, mas recontada às gerações seguintes (Jl 1.3). Não é à toa que Deus permitiu que essa obra inspirada pelo Espírito Santo ficasse para a posteridade, para que sua mensagem nunca fosse olvidada e pudesse reverberar durante séculos, despertando vidas.

O "Dia do Senhor" é a expressão-chave desse livro. Ela aparece pela primeira vez no versículo 15 do primeiro capítulo. Tal expressão se refere tanto ao julgamento divino de forma geral — sendo, nesse caso, usada para se referir a um julgamento específico que poderia ser tomado como símbolo do Grande Julgamento Final — como também, e na maioria das vezes, ao Juízo do Fim dos Tempos, quando toda a impiedade será julgada pelo Senhor. Este último e mais recorrente sentido é explorado a partir do capítulo 2 de Joel, quando o profeta faz claramente referência a acontecimentos que se darão em um futuro mais distante.

A descrição do cenário decorrente do julgamento dos gafanhotos é terrificante (Jl 1.10-12,15-20). Por isso, há até quem acredite que essa profecia inicial de Joel sobre essa desolação não está se referindo a uma praga literal, mas a uma nação que se levantaria contra Judá para destruí-la por causa de seus pecados (Jl 1.6), o que realmente aconteceria tempos depois. Porém, não parece prudente essa interpretação à luz do próprio texto. O que parece mais claro e coerente é que Joel alude a uma praga de gafanhotos mesmo, só que, na sequência, usa esse acontecimento como gancho e símbolo para um castigo que ocorrerá ainda mais à frente sobre Judá e, por extensão, também como símbolo do Dia

do Juízo de Deus no fim dos tempos. Como sublinha o teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman,

> "o profeta vê nesta calamidade uma visitação do Senhor e se refere a ela como um tipo do castigo final do mundo — o Dia do Senhor (Jl 1.15). Como muitos dos outros profetas, Joel predisse o futuro à luz do tempo presente, considerando um acontecimento presente e iminente como símbolo de um acontecimento futuro. Por isso ele vê na invasão dos gafanhotos um indício da invasão vindoura do exército assírio (Jl 2.1-27 *c/c* Is 36 e 37). Projetando a sua visão ainda mais para o futuro adentro, vê a também invasão final da Palestina pelos exércitos confederados do Anticristo".[7]

Sendo assim, podemos dividir a profecia de Joel em pelo menos três partes: um juízo imediato (Jl 1), um juízo iminente (Jl 2.1-27) e o Juízo futuro (Jl 2.28—3.21).

O Juízo Imediato: A Desolação Causada pela Invasão de Gafanhotos (Jl 1.2-12,15-20)

Para compreendermos melhor os terríveis efeitos que essa praga de gafanhotos teve sobre Judá, basta analisarmos a ocorrência desse tipo de juízo divino sobre o Egito. A Bíblia diz que a praga dos gafanhotos afetou grandemente o Egito (Êx 10.1-19), de tal maneira que Faraó chamou-a de "esta morte" (Êx 10.17).

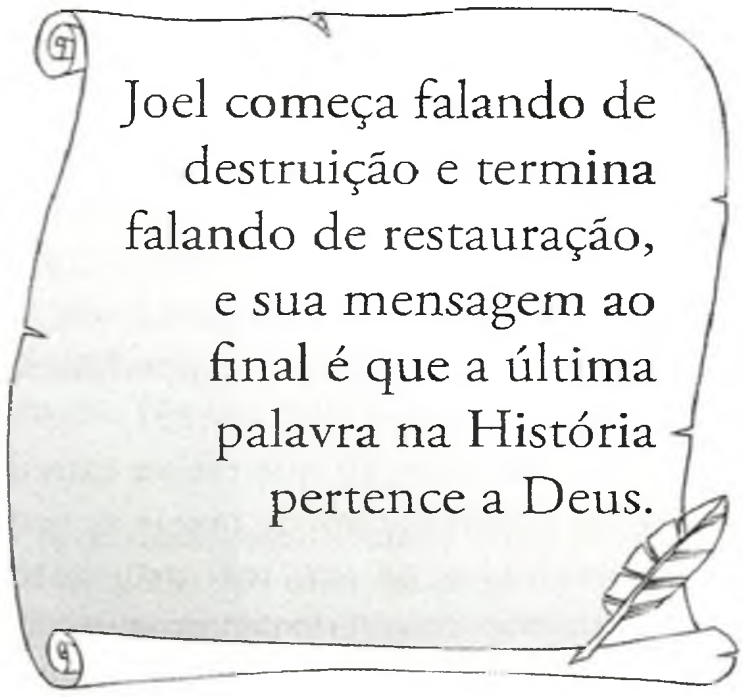
> Acerca da manifestação da praga sobre Judá, alguns expositores bíblicos acreditam que a lagarta, o gafanhoto, a locusta e o pulgão citados no texto (Jl 1.4) "provavelmente não eram quatro tipos diferentes de insetos, mas quatro estágios no crescimento do gafanhoto".[8]

Já outros preferem crer que a referência seja a insetos distintos mesmo. Sabe-se que a locusta é um gafanhoto de antenas curtas, e o pulgão, um inseto menor, que se parece com um gafanhoto, sendo que arredondado e sugador. Já a lagarta é o estágio larval dos insetos.

> Os que creem que se trata de fases diferentes de um mesmo inseto lembram que o vocábulo traduzido como "lagarta" é, no hebraico, "gāzām", que significa "devorador" e era usado para se referir também a gafanhotos migradores e cortadores de forma geral; o vocábulo traduzido como "gafanhoto" é "arbeh", que se refere a um gafanhoto maior, de aumento rápido; o vocábulo traduzido como "locusta" é "yeleq", que era usado para se referir também a um "gafanhoto jovem"; e o vocábulo traduzido como "pulgão" é "hāsil", que quer dizer "assolador" e era usado também para designar gafanhotos, além de larvas e lagartas.[9]

O texto bíblico enfatiza que esses insetos consumiriam tudo o que era comestível naquela terra. Eram gafanhotos do deserto, "um tipo de inseto ortóptero que destruiu a Palestina em 1915 d.C.

> Eles representam uma metamorfose inexplicável dos gafanhotos à sua forma de locusta. Além disso, quando a sua densidade alcança determinado nível, um enxame desses insetos devorará qualquer planta que esteja no seu caminho".[10]



Primeira Exortação ao Arrependimento (Jl 1.13,14)

Nos versículos 13 e 14, Joel conclama os sacerdotes do Senhor ao arrependimento. O texto fala de clamor, pranto, pano de saco e jejum. No Antigo Testamento, é comum vermos jejuns serem apregoados em períodos de calamidade ou de iminência de calamidades (2 Cr 20.3; Et 4.16).

Aplicando essa mensagem aos nossos dias, Donald Stamps diz com razão que mesmo que hoje

> "o povo de Deus não experimente pragas literais de gafanhotos, é provável que veja suas congregações devastadas por aflições, pecados e doenças que angustiam famílias inteiras", e "o conselho bíblico para se resolver tais impasses é que os pastores e leigos reconheçam igualmente, com a máxima urgência, a necessidade de ajuda, poder e bênção de Deus. Devem voltar-se a Ele com a sinceridade, intensidade, arrependimento e intercessão descritos por Joel (Jl 1.13,14; 2.12-17)".[11]

Só há restauração e avivamento onde há genuíno arrependimento.

Um Juízo Iminente e ainda Maior, a Verdadeira Conversão e a Promessa de Fartura (Jl 2.1-20)

No segundo capítulo de Joel, o profeta trata esse exército de gafanhotos do capítulo 1 como um símbolo e precursor de um flagelo ainda mais terrível. A Palavra do Senhor a Joel é que, no futuro, haveria uma desolação que envolveria toda a Terra. Ou seja, o pranto pelo juízo dos

gafanhotos apenas prefigurava um pranto ainda maior decorrente de uma desolação muito maior.

Joel começa falando de uma invasão militar que Judá também sofreria (Jl 2.2-4) para, mais à frente, ainda no capítulo 2, aludir ao Dia do Senhor em sua acepção absolutamente escatológica. Tudo indica que os exércitos do "Norte" (Jl 2.20) são uma referência aos exércitos da Assíria e Babilônia. Aqui, Deus conclama mais uma vez o povo ao arrependimento — mas a um arrependimento realmente sincero, verdadeiro, genuíno, autêntico (Jl 2.12,13).

Deus diz ao povo que estava cansado do seu ritual de vestir pano de saco em jejum depois de rasgar as vestes, porque esses atos já não eram acompanhados de um real propósito de mudar, não eram realizados como exteriorização de um genuíno arrependimento (Jl 2.13). Não bastava rasgarem suas vestes se antes não estavam rasgando os seus corações diante dEle. Ou seja, nessa passagem, Deus está afirmando que penitência externa não muda nada. É preciso um coração realmente rasgado diante do Senhor para que Ele se volte para o seu povo com perdão, restauração e bênçãos (Jl 2.14).

Nessa seção do livro, mais uma vez vemos os ministros de Deus, os sacerdotes do Senhor, sendo conclamados a liderar esse jejum e também se derramarem diante de Deus (Jl 2.15-17). O resultado será Deus libertar o seu povo e o retorno das chuvas temporã e seródia — isto é, as primeiras chuvas, que favorecem o plantio, e as últimas, que lhe garantem o sucesso ao final — para fertilizar as terras desoladas. E, por fim, há a promessa de derramamento espiritual, além do juízo de Deus sobre os inimigos de Judá, ao passo que Judá será estabelecida para sempre (Jl 2.18-27).

Um contraste é também ressaltado: o medo perturbador (Jl 2.1) é substituído por uma grande alegria pela intervenção divina em resposta ao arrependimento do seu povo (Jl 2.21,23).

Note que é dito mais de uma vez no capítulo 2 que o povo nunca mais seria envergonhado (Jl 2.26,27), mas, claro, essa bênção é condicionada ao arrependimento sincero e à permanência à obediência a Deus. O povo judeu nunca mais passará por dificuldades e aflições somente após o retorno de Cristo (Zc 14.9-11; Ap 21).

O Derramamento do Espírito Santo (Jl 2.28-32)

A passagem do livro de Joel citada pelo apóstolo Pedro no Dia de Pentecostes, conforme Atos 2.16-21, é puramente escatológica. A ex-

pressão "Dia do Senhor" mencionada em Joel 2.31 é, como se vê pelo contexto imediato (Jl 2.28-31), uma referência ao Julgamento das Nações, ao Juízo Final de Deus sobre todos os povos. E um dos sinais da proximidade do Fim dos Tempos seria, segundo a profecia de Joel, o Derramamento do Espírito Santo "sobre toda a carne" (Jl 2.28).

Essa promessa, conforme as próprias palavras de Pedro, começou a ser cumprida a partir daquele dia especial para a Igreja em Jerusalém (At 2.16), e seu cumprimento tem se estendido até os nossos dias. Entretanto, o cumprimento total dessa promessa ("sobre toda a carne") só se dará quando do retorno de Cristo.

> É importante frisar ainda que muitas outras passagens do Antigo Testamento aludem a esse Derramamento do Espírito Santo, tais como Isaías 32.15-17 e Ezequiel 11.19,20. E o profeta Joel afirma, inspirado pelo Espírito Santo, que um dos resultados marcantes do Derramamento do Espírito nos últimos dias é a distribuição dos dons espirituais. Como lembra Stamps, a manifestação dos dons evidencia a manifestação do Espírito Santo na Igreja e, consequentemente, a presença de Deus no meio do seu povo (1 Co 14.24,25).[12]

Algo a se enfocar aqui ainda é que pessoas de todas as nações, de todos os sexos, de todas as faixas etárias e de todas as condições sociais seriam alcançadas pelo Derramamento do Espírito Santo. Joel fala de homens e mulheres, velhos e jovens, servos e livres — todos teriam a bênção da efusão do Espírito a seu alcance se voltassem suas vidas totalmente para Deus (Jl 2.28,29,32).

O Julgamento das Nações (Jl 3.1-21)

O capítulo 3 de Joel dedica-se a descrever a restauração final de Israel e o Julgamento das Nações, dois eventos que se darão no Final dos Tempos. Duas verdades muito claras e enfatizadas nessa passagem bíblica são que as nações serão julgadas pela sua impiedade e que esse julgamento incluirá também como critério a forma como as nações trataram Israel (Jl 3.2,3).

No caso específico do castigo divino sobre Tiro e Sidom, mencionado nos versículos 4 a 8, acredita-se que ele tenha ocorrido, pelo menos parcialmente, no quarto século a.C., quando as duas principais cidades da Fenícia, localizadas ao Noroeste de Israel, foram subjugadas pelo conquistador Alexandre, o Grande, e, pouco tempo depois, por Antíoco III. Esse castigo, aliás, fora predito também pelos profetas Amós (Am 1.9,10), Ezequiel (Ez 26—28) e Isaías (Is 23). Nos versículos 17 a 21, segue a descrição da restauração de Israel.

Enfim, a grande lição desse capítulo é que Deus é o Senhor da História.

O livro de Joel começa falando de destruição e termina falando de restauração; inicia com juízo e conclui com a bênção de Deus. A sua mensagem ao final é que a última palavra na história das nações pertence a Deus; que quem determina o destino final das nações não são os chamados grandes líderes mundiais, mas o Senhor do Universo. E, no final, o mal perecerá e o bem triunfará. Porque Deus está no controle de tudo.

[1] WESLEY, John. **John Wesley's Notes on the Bible**. Kindle Edition, 2010.
[2] GILL, John. **Gill's commentary and exposition of the Old and New Testaments**. vol. IV. Grand Rapids: Baker Book House, 1980.
[3] Idem.
[4] STAMPS, Donald. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1285.
[5] FAUSSET, A. R.; BROWN, David; JAMIESON, R. **Jamieson, Fausset and Brown's commentary on the whole Bible**. Grand Rapids: Zondervan Classic Reference Series, 1999.
[6] Idem.
[7] PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia** — livro por livro. 5. ed. São Paulo: Editora Vida, 1978, p. 146.
[8] **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 935.
[9] Idem, p. 1537, 1578, 1649, 1683.
[10] Idem, p. 935.
[11] STAMPS, p. 1288.
[12] Idem, p. 1290.

4

Amós
Política e Justiça Social como Parte da Adoração

Alexandre Coelho

Assim diz o Senhor: Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha, assim serão livrados os filhos de Israel que habitam em Samaria, no canto da liteira e na barra do leito.

– *Amós 3.12*

Aborrecei o mal, e amai o bem, e estabelecei o juízo na porta; talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, tenha piedade do resto de José.

– *Amós 5.15*

Introdução

O assunto política sempre dividiu opiniões, e não é diferente quando se fala de política com cristãos. Esse tipo de assunto não costuma ter fim em virtude das opiniões manifestas por simpatizantes e antipatizantes

à ideia de pessoas nascidas de novo estarem envolvidas com questões políticas nos governos em nossos dias.

Até que ponto Deus se interessa realmente por política e justiça social? É possível crer que a forma como vivemos delimita se Deus recebe ou não a nossa adoração a Ele devotada? Neste capítulo, veremos que a justiça social, praticada ou não por nós, interfere também em nossa relação com Deus.

Quem Foi Amós

Pouca coisa se sabe de Amós. Um dos poucos momentos em que encontramos na Bíblia uma referência à sua procedência ou origem é por ocasião de sua resposta a Amazias, sacerdote em Betel, que acusou Amós de ser um conspirador contra o rei: "E respondeu Amós e disse a Amazias: Eu não era profeta, nem filho de profeta, mas boieiro e cultivador de sicômoros. Mas o Senhor me tirou de após o gado e o Senhor me disse: Vai e profetiza ao meu povo Israel" (Am 7.14,15). É possível entender que por ser uma pessoa de origem simples, e por suas atividades diárias — boieiro e cultivador de sicômoros — não haja registro de seus ancestrais. Sabemos que ele era da tribo de Judá, de um local chamado Tecoa, a 22 quilômetros de Jerusalém. Seu ministério foi exercido no Reino do Norte.

Amós talvez não fosse a pessoa mais indicada para trazer uma profecia nas circunstâncias em que ele se encontrava. Ele não era profeta ou, pelo menos, não tinha estudado para ser profeta! Tinha procedência simples, ainda mais para as pessoas às quais iria profetizar: a classe dominante e sofisticada em Israel. A linguagem de Amós não era muito refinada também: ele chamou as mulheres ricas da cidade de "vacas", uma linguagem pouco ortodoxa para aqueles dias. Mas foi esse homem que Deus escolheu para trazer um duro juízo contra a sociedade israelita corrupta e injusta.

Sua Mensagem

Em primeiro lugar, Amós nos mostra que Deus se utiliza de quem Ele quer, e que Ele pode se utilizar de pessoas que, dentro dos nossos padrões, não seriam enquadradas como adequadas a certas funções. Amós era um homem rústico, de origem humilde, com um vocabulário limitado e nenhum compromisso com as normas cerimoniais que regiam a convivência dentro das suntuosas casas dos ricos israelitas.

Ele era de Judá, mas profetizou para Israel. E além de tudo, era um "leigo na igreja", ou melhor, não era uma pessoa acostumada com os

trabalhos de liderança nem de administração dos sacrifícios e leis cerimoniais descritos no Pentateuco. Mark Dever diz que

> Muitas vezes Deus chama pessoas inesperadas para servi-lo de formas surpreendentes, não é mesmo? Apenas rememore as histórias do Antigo Testamento. O pagão Abraão tornou-se o pai dos fiéis. O octogenário e gaguejante Moisés tornou-se o grande doador da Lei e libertador de Israel. O jovem pastor Davi tornou-se o maior rei de Israel... e Deus chamou Amós, o leigo da igreja e lavrador, para ser profeta de uma nação que parecia próspera e bem-sucedida.[1]

O cenário religioso e social de Israel era de total descaso para com as coisas de Deus. Os sacerdotes se aproveitavam de suas funções para tratar de seus próprios interesses e se tornarem ricos. Quem tinha dinheiro podia comprar sentenças judiciais de juízes corruptos, usurpando o direito dos mais necessitados. Pai e filho dormiam com uma mesma prostituta. E todos tinham a certeza de que, se seguissem os rituais descritos na lei de Moisés, não precisariam se preocupar com suas vidas pessoais.

A situação era tão séria que Deus deu a Amós uma visão em que apareceu um prumo, um instrumento com o qual uma parede era medida, para que se verificasse se estava reta ou não. Com o prumo, um hábil construtor poderia ver se a parede poderia ser ou não aproveitada em uma reforma, ou se deveria ser demolida para que outra fosse colocada em seu lugar. E o prumo de Jeová mostrou que a parede Israel estava torta. Essa falta de retidão não era demonstrada apenas na forma como cultuavam, mas principalmente na forma como os mais abastados tratavam os mais carentes, exigindo deles tributos e fazendo pouco caso do que a Lei ordenava no tocante à ajuda necessária aos pobres. A profecia de Amós tinha por objetivo mostrar ao povo de Deus que a prosperidade financeira não poderia instituir a arrogância e a acomodação em relação à prática da justiça social.

A transgressão do povo era tão séria que vale a pena aqui recordar alguns versos que tratam da assistência e da justiça social em Israel. A lei de Moisés trazia diversas observações sobre os cuidados que os israelitas deveriam ter uns com os outros:

Êxodo

> **22.25** Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como um usurário; não lhe imporás usura. [Um israelita não poderia cobrar juros a uma pessoa pobre, com objetivos de enriquecimento pessoal.]

23.6 Não perverterás o direito do teu pobre na sua demanda. [As causas judiciais deveriam ser julgadas de forma equilibrada. A parte mais fraca, o pobre, não poderia ter seu direito pervertido pelo julgador.]

19.15 Não fareis injustiça no juízo; não aceitarás o pobre, nem respeitarás o grande; com justiça julgarás o teu próximo. [Aqui a norma obriga o juiz a realizar um julgamento justo, não privilegiando nenhum dos que se apresentavam diante dele.]

25.35 E, quando teu irmão empobrecer, e as suas forças decaírem, então, sustentá-lo-ás como estrangeiro e peregrino, para que viva contigo. [Deus ordena que haja um auxílio no caso de um irmão não ter em si mesmo forças para trabalhar e ganhar com o trabalho de suas mãos o seu sustento.]

25.39 Quando também teu irmão empobrecer, estando ele contigo, e se vender a ti, não o farás servir serviço de escravo. [A lei prezava pela dignidade humana dos israelitas, mesmo numa época em que a escravidão era aceita como uma prática social normal. O irmão pobre, que se vendia por uma questão de necessidade temporária, não deveria ser tratado como escravo.]

Quando vemos que um dos pilares da verdadeira religião é a preocupação e ação de auxílio para com "os órfãos e as viúvas" (Tg 1.27), e que os israelitas estavam fazendo pouco caso daquilo que a própria lei ordenava, não devemos nos surpreender que Deus tenha ficado tão irado com o seu próprio povo. O descaso com as coisas de Deus traz consequências sérias.

Deuteronômio

15.9 Guarda-te que não haja palavra de Belial no teu coração, dizendo: Vai-se aproximando o sétimo ano, o ano da remissão, e que o teu olho seja maligno para com teu irmão pobre, e não lhe dês nada; e que ele clame contra ti ao Senhor, e que haja em ti pecado. [Esse mandamento proibia que um pobre que vendia seu trabalho a um irmão fosse liberado de suas obrigações sem receber qualquer resultado do seu trabalho.]

15.11 Pois nunca cessará o pobre do meio da terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado e para o teu pobre na tua terra.

[Deus deixa claro que sempre haveria pobres em Israel, mas também mostra que os mais abastados deveriam cuidar dessas pessoas, com generosidade.]

24.15 No seu dia, lhe darás o seu salário, e o sol se não porá sobre isso; porquanto pobre é, e sua alma se atém a isso; para que não clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado. [Aqui Deus trata do salário do trabalhador diário, que não poderia ter protelada a sua entrega, sob pena de Deus ouvir a oração do pobre e reconhecer o rico como uma pessoa em que havia pecado.]

Deus é contra a riqueza? De forma alguma. Como vimos em alguns versículos acima, Deus tratou de ricos e pobres. Os ricos deveriam ter um coração generoso para com os menos abastados, de forma que aqueles que tinham muito não sentiriam falta daquilo que estavam oferecendo, e os que pouco tinham teriam o necessário para sua subsistência. Esse era o padrão de Deus.

Como tais normas foram esquecidas e pervertidas, Deus usou os profetas para trazer à memória do povo o seu próprio pecado:

Isaías

1.17 Aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas.

1.23 Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama os subornos e corre após salários; não fazem justiça ao órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas.

3.14 O Senhor vem em juízo contra os anciãos do seu povo e contra os seus príncipes; é que fostes vós que consumistes esta vinha; o espólio do pobre está em vossas casas.

3.15 Que tendes vós que afligir o meu povo e moer as faces do pobre? — diz o Senhor, o Deus dos Exércitos.

10.2 para prejudicarem os pobres em juízo, e para arrebatarem o direito dos aflitos do meu povo, e para despojarem as viúvas, e para roubarem os órfãos!

58.7 Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desterrados? E, vendo o nu, o cubras e não te escondas daquele que é da tua carne?

Ezequiel

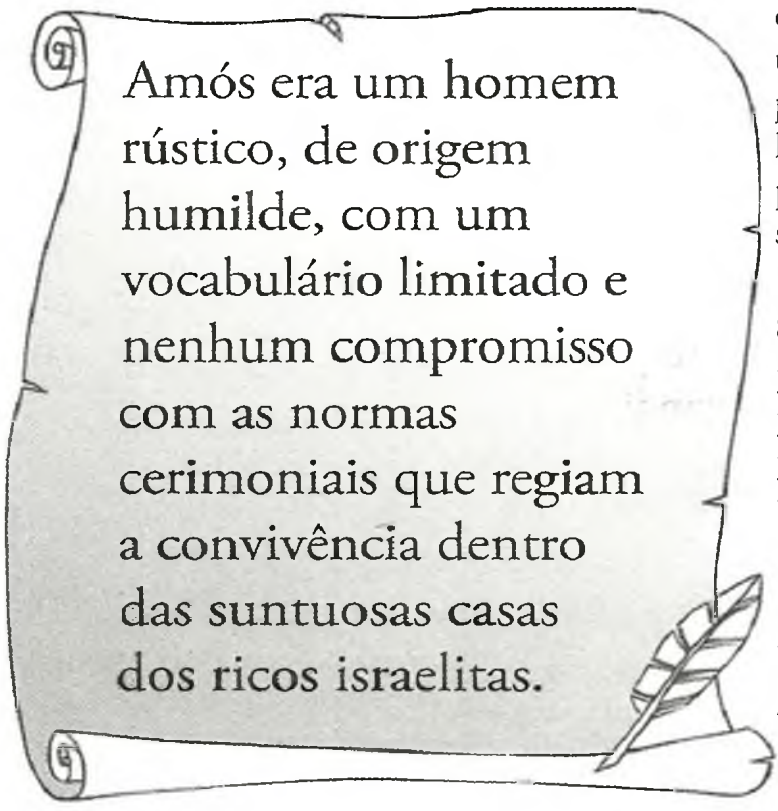
16.49 Eis que esta foi a maldade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e abundância de ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca esforçou a mão do pobre e do necessitado.

Daniel

4.27 Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e desfaze os teus pecados pela justiça e as tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres, e talvez se prolongue a tua tranquilidade.

Amós

4.1 Ouvi esta palavra, vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis os pobres, que quebrantais os necessitados, que dizeis a seus senhores: Dai cá, e bebamos.



5.11 Portanto, visto que pisais o pobre e dele exigis um tributo de trigo, edificareis casas de pedras lavradas, mas nelas não habitareis; vinhas desejáveis plantareis, mas não bebereis do seu vinho.

8.6 para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sapatos? E, depois, venderemos as cascas do trigo.

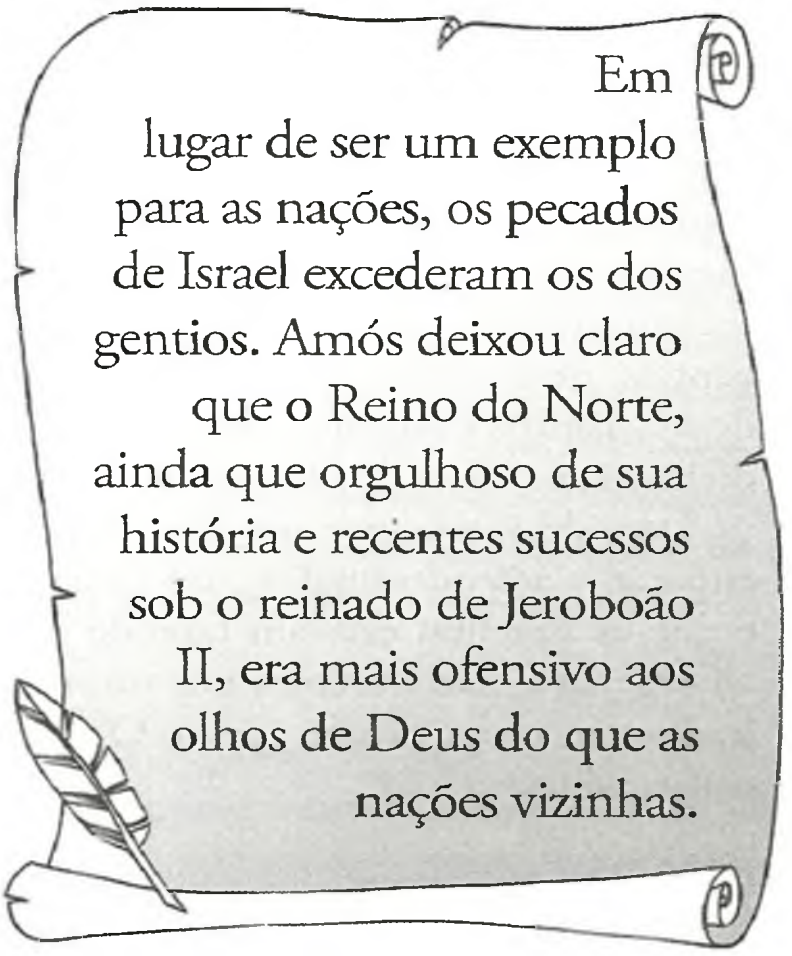
Zacarias

7.10 e não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente o mal cada

um contra o seu irmão, no seu coração.

Malaquias

3.5 E chegar-me-ei a vós para juízo, e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o jornaleiro, e pervertem o direito da viúva, e do órfão, e do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos.



Essas citações selecionadas mostram o quanto Deus se preocupava com o bem-estar de seu povo, e o quanto Ele estava indignado com o descaso dos mais abastados em relação àqueles que pouco ou nada tinham. Para Deus, tal situação merecia um duro juízo. Deus sabia que pobres sempre existiriam em Israel, e deixou claro que eles deveriam ser assistidos.

Em que Aspecto a História de Amós Fala Conosco

A expressão "justiça social" merece uma analise mais acurada em nossos dias, pois os profetas tratam desse assunto sem muita cerimônia. Nos dias desses homens de Deus, a justiça social referia-se ao cumprimento da lei no tocante ao próximo e ao respeito com que ele deveria ser tratado, independentemente de sua condição social. Em diversas citações, Deus acusa os israelitas de agirem de forma ímpia para com seus irmãos menos favorecidos. A ideia de praticar a justiça social está declarada na Lei de Moisés, no trato com aqueles que precisavam de ajuda.

Deus é contra a riqueza? De forma alguma. Como vimos em alguns versículos acima, Deus tratou de ricos e pobres. Os ricos deveriam ter um coração generoso para com os menos abastados, de forma que aqueles que tinham muito não sentiriam falta daquilo que estavam oferecendo, e os que pouco tinham teriam o necessário para sua subsistência. Esse

era o padrão de Deus. Portanto, Deus jamais foi contrário às riquezas, mas também incentivou o auxílio como uma demonstração de justiça social. O problema era que os ricos descritos por Amós tinham acumulado muitas propriedades, esquecendo das necessidades de seus irmãos. Aquela terra era, acima de tudo, do Senhor, e desprezar os pobres era o mesmo que ter descaso para com o concerto com Deus. Em lugar de ser um exemplo para as nações, os pecados de Israel excederam os dos gentios. Amós deixou claro que o Reino do Norte, ainda que orgulhoso de sua história e recentes sucessos sob o reinado de Jeroboão II, era mais ofensivo aos olhos de Deus do que as nações vizinhas.

Quando vemos que um dos pilares da verdadeira religião é a preocupação e ação de auxílio para com "os órfãos e as viúvas" (Tg 1.27), e que os israelitas estavam fazendo pouco caso daquilo que a própria lei ordenava, não devemos nos surpreender que Deus tenha ficado tão irado com o seu próprio povo. O descaso com as coisas de Deus traz consequências sérias.

O Livro

O livro de Amós possui nove capítulos, e é dividido em 3 seções:[2]

I. O Julgamento Iminente, 1.1—2.16

A. Título e Tema, 1.1,2
B. Oráculos contra as Nações Vizinhas, 1.3—2.3
C. Oráculo contra Judá, 2.4,5
D. Oráculos contra Israel, 2.6-16

II. Sermões sobre o Futuro Julgamento de Israel, 3.1—6.14

A Relação de Israel com Deus, 3.1-8
A Pecaminosidade de Samaria, 3.9—4.3
A Profundidade da Culpa de Israel, 4.4—5.3
Exortação e Condenação, 5.4,15
O Aparecimento de Jeová, 5.16-25
Invasão e Exílio, 5.26—6.14

III. Visões e Epílogo, 7.1—9.15

As Visões de Amós, 7.1—8.3
Pecado e Julgamento, 8.4-14
O Julgamento Inexorável, 9.1-7
Epílogo, 9.8-15

Profecias Cumpridas em Amós

Deus permitiu que o povo de Israel fosse enviado ao exílio, mesmo sendo um povo escolhido. As mulheres ricas da cidade, que ajudavam a oprimir os pobres, foram levadas como escravas (Am 4.1,2). Deus destruiu também os altares de Betel, que eram usados para a idolatria, e a destruição de Israel também se concretizou. Com o passar do tempo, Deus também cumpriu sua palavra de trazer de volta do exílio nos séculos IV e V, concretizando-se o plano de Deus: "E removerei o cativeiro do meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus" (Am 9.14,15).

[1] DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 740.
[2] REED, Oscar F. **Comentário Bíblico Beacon**. vol. 5. Rio de Janeiro, CPAD, 2005, p. 98.

5

Obadias
O Princípio da Retribuição Divina

Alexandre Coelho

Se te elevares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, dali te derrubarei, diz o Senhor.

– *Obadias 4*

Porque o dia do Senhor está perto, sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua maldade cairá sobre a tua cabeça.

– *Obadias 15*

Introdução

Irmãos costumam ter diferenças entre si. Tais diferenças são saudáveis, distinguem-nos de forma natural, não apenas em questão de aparência, mas

também na forma de pensar, objetivos e maneira de vestir. Mas quando essas diferenças criam pendências entre eles, a unidade familiar pode estar apresentando sinais de rachadura. A vida familiar não é tão fácil quanto se pensa. As diferenças existem. O problema existe quando as diferenças induzem os parentes à malignidade ou à prática de covardias, então teremos uma situação semelhante à que foi citada por Obadias em sua profecia.

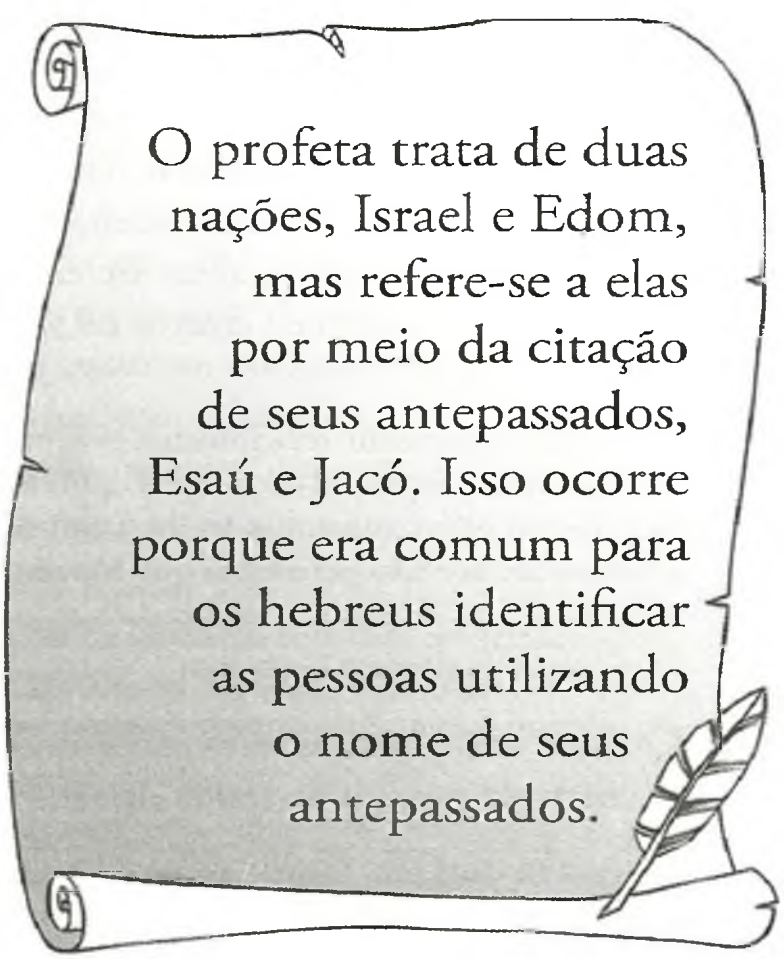
Quem Foi Obadias

Além do nome, que significa "servo de Deus", nada mais se sabe sobre Obadias. Ellisen, escritor e pesquisador do Antigo Testamento, defende que esse era "um nome comum no Antigo Testamento, semelhante a Onésimo no Novo Testamento ou Abdulá em árabe".[1] Sabe-se que ele estava na cidade de Jerusalém quando os edomitas participaram do ataque contra a cidade e maltrataram os sobreviventes dessa investida invasora.

Sua Mensagem

Obadias traz sua profecia contra os descendentes de Esaú, os edomitas. Os "irmãos" dos israelitas seriam duramente julgados pela forma com que os trataram quando estavam sendo atacados pelos invasores. Esse tratamento desprezível dado ao povo de Deus em um momento em que estavam vulneráveis foi motivo suficiente para que Deus declarasse a queda de Edom. Relatos nos dizem que a maldade dos edomitas chegou ao cúmulo de preparar armadilhas para os israelitas que conseguiram escapar da cidade com vida:

> Refugiados judeus, para salvarem suas vidas, correram para a nação vizinha de Edom, primos raciais que como Judá, eram descendentes de Abraão e Isaque. Mas Edom recebeu



> seus primos? Não, Edom lhes preparou uma emboscada. Então Edom os prendeu, e os entregou aos invasores, e saqueou de Judá tudo o que tinha ficado para trás.[2]

Os muitos pecados de Israel foram o motivo de seu exílio e da perda temporária de sua nação. Mas isso não era motivo para que Edom aproveitasse a situação e colocasse em prática seu desprezo pelos israelitas, tratando-os com malignidade.

Em que Aspecto Obadias Fala Conosco

Para que possamos entender o livro de Obadias, precisamos ter em mãos um breve resumo da história de Israel. O profeta trata de duas nações, Israel e Edom, mas refere-se a elas por meio da citação de seus antepassados, Esaú e Jacó. Isso ocorre porque era comum para os hebreus identificar as pessoas utilizando o nome de seus antepassados. Ao longo da história entre Israel e Edom, houve momentos de animosidade, e isso perdurou por muitos anos, despertando e mantendo acesa uma inimizade entre esses dois povos descendentes de Abraão.

Apesar da animosidade entre esses dois grupos, a recomendação divina aos israelitas era que tratassem os edomitas com respeito, da mesma forma que deveriam tratar os egípicios: "Não abominarás o edomita, pois é teu irmão; nem abominarás o egípcio, pois estrangeiro foste na sua terra" (Dt 23.7). Essa recomendação os edomitas não seguiram.

O problema foi a atitude de Edom no momento do juízo de Deus. Os edomitas foram condenados não apenas porque se mantiveram distantes e alegres quando seus parentes estavam sendo atacados. Eles foram condenados porque, além de observar o que estava acontecendo, participaram dos ataques contra os sobreviventes. Mas seu julgamento não tardaria a vir.

> ... embora estivessem relacionados por parentesco com Judá, [os edomitas] também não escapariam do juízo. A águia babilônica voaria rasante e se apoderaria de sua presa, consumindo-lhe a carne, deixando os ossos à vista. Mesmo assim, o Senhor não permitiria que Moabe e Amom desaparecessem da terra. Mas a respeito de Edom, este jamais se recuperaria, perdendo seu lugar na terra, como Sodoma e Gomorra.[3]

Quanto aos israelitas, eles seriam restaurados, e teriam suas terras de volta, além de possuir as terras de seus inimigos também:

> E a casa de Jacó será fogo; e a casa de José, chama; e a casa de Esaú, palha; e se acenderão contra eles e os consumirão; e ninguém mais restará da casa de

> Esaú, porque o Senhor o disse. E os do Sul possuirão a montanha de Esaú [a terra dos edomitas]; e os das planícies, os filisteus; possuirão também os campos de Efraim e os campos de Samaria; e Benjamim, Gileade. (Ob 18,19)

Deus se encarrega de julgar nossas falhas, com certeza, mas isso não deve servir de motivo para que aproveitemos da desgraça alheia e nos regozijemos de nossos desafetos quando eles estiverem sendo julgados. Como já foi dito, os israelitas estavam sendo julgados por Deus, por causa de seus pecados. Até aí, Edom não tinha qualquer ingerência a ponto de receber uma dura palavra da parte do Senhor. Mas quando Edom se propôs a ataca os israelitas e maltratá-los, e entregá-los aos inimigos, então Edom caiu na mesma sentença que foi dada aos israelitas: eles seriam julgados e exterminados, e suas terras, dadas aos que antes tinham atacado.

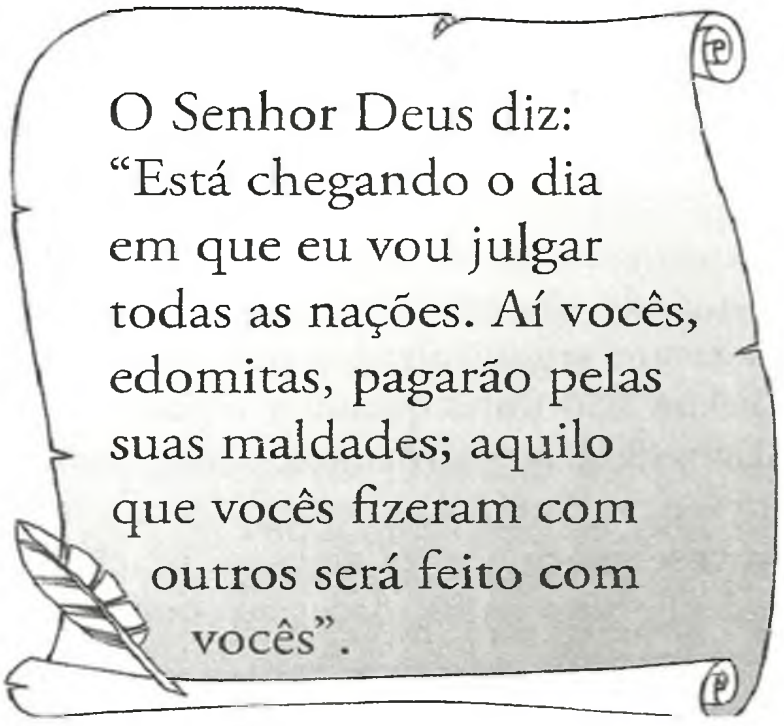
Deus não espera que venhamos a dar uma "forcinha" na forma com que Ele decide exercer seus juízos para com as pessoas. A ira do homem não opera a justiça de Deus. Por isso, deixemos que Ele ajuste as contas com os que nos perseguem, pois os tratará com um grau de justiça diferente do nosso.

O Deus da *Retribuição*

Deus tinha seus motivos para abater Edom. Ele nunca age trazendo julgamento sem uma razão coerente. Os edomitas tinham uma razão para se sentirem seguros em relação às suas atitudes. Edom estava situada em uma região de montanhas rochosas, ao sul do mar Morto. Nessa região havia pastos e irrigação generosa, e a capital de Edom era Sela, hoje Petra, cidade que foi esculpida no alto de um penhasco. O local tinha um recuo suficiente para permitir que o vale fosse bem observado. Com isso os edomitas tinham bastante mobilidade para sair *de* seus lugares, promover ataques e retornar em segurança. Seu senso de segurança baseava-se mesmo na geografia do lugar em que viviam. Pense em morar em uma região como esta:

> Essa altitude de 1200 a 1700 metros tornava a região de fácil defesa, e ela estava, de fato, protegida por uma série de fortalezas rochosas construídas para vigiar as estradas que rodeavam os precipícios e margeavam gargantas ameaçadoramente profundas. Estas defesas naturais contribuíam para o orgulho de Edom.[4]

Esse foi o primeiro elemento que os fez ser pessoas seguras de suas atitudes. Sua segurança geográfica não os fez reconhecer que tinham



sido beneficiados por Deus. Na verdade, tornou-os soberbos.

Um segundo elemento foi o histórico de relacionamento entre Edom e Israel. Mesmo sendo parentes, jamais houve paz entre eles. Quando Moisés precisou passar pelo território deles, na ocasião do êxodo do Egito à Palestina, eles negaram a passagem ao povo de Deus (Nm 20.14-21). Além disso, os edomitas estavam sempre com ânimo pronto a ajudar qualquer grupo que fosse contrário a Israel. A Bíblia registra, pelo menos, quatro ocasiões em que os filhos de Esaú pilharam os israelitas: no reinado de Jeorão (2 Cr 21), no reinado de Amazias (2 Cr 25), no reinado de Acaz (2 Cr 28) e no reinado de Zedequias (2 Cr 36). Essa animosidade nunca foi bem vista por Deus. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje mostra

> O Senhor diz ao povo de Edom: "Vocês maltrataram e mataram os seus irmãos, os descendentes de Jacó. Por isso, vocês serão destruídos, e a desgraça os acompanhará para sempre. Quando o inimigo derrubou os portões de Jerusalém, entrou na cidade e tirou todas as coisas de valor, vocês não se importaram com isso. Quando aqueles estrangeiros tiraram a sorte para ver quem ficava com as riquezas, vocês fizeram a mesma coisa. Mas vocês não deviam ter ficado alegres com a desgraça dos seus irmãos de Judá; não deviam ter olhado com prazer quando eles foram destruídos; não deviam ter zombado deles quando eles estavam aflitos. Quando o meu povo foi derrotado, vocês não deviam ter entrado em Jerusalém, nem deviam ter ficado alegres com a desgraça deles. Quando eles sofreram a derrota, vocês não deviam ter roubado os seus bens; não deviam ter esperado nas encruzilhadas para matar os que procuravam fugir, nem deviam ter entregado ao inimigo os que escaparam com vida." O Senhor Deus diz: "Está chegando o dia em que eu vou julgar todas as nações. Aí vocês, edomitas, pagarão pelas suas maldades; aquilo que vocês fizeram com outros será feito com vocês. (Ob 10-15, NTLH)

Isso pode nos servir como uma séria advertência. Pensemos em nós mesmos. Não são poucas as vezes em que, mesmo na igreja, somo tentados a tratar de forma carnal pessoas com as quais não nos identificamos.

Isso é errado. Quando agimos assim, estamos bebendo da mesma água dos edomitas.

Há situações em que somos confrontados a falar a verdade sobre certas pessoas. Se você é chamado para prestar esclarecimentos sobre o comportamento de uma pessoa, sendo esse um comportamento reconhecidamente impróprio, seja no trabalho, seja em casa, ou mesmo no ministério, é prudente que você fale. Há pessoas que usam o nome do Senhor para ocultar seus erros e desvios de conduta, e isso fere a honra não apenas da igreja como um todo, mas também de Deus. Ainda que isso venha a acontecer, que tais palavras sejam verdadeiras e isentas de um sentimento de vingança, pois Deus irá julgar nossas atitudes.

Paulo, ao escrever aos romanos, disse que "Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12.18). Esse versículo traz uma observação muito transparente acerca de nossas relações pessoais: nem sempre teremos paz com todas as pessoas. Apesar disso, não podemos nos furtar à prática da bondade e da oração por aqueles que nos consideram adversários.

> Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? (Mt 5.43-46)

Esse texto é de extremo mau gosto para o nosso ego. Ficamos felizes quando lemos o pensamento judaico de retribuição nos relacionamentos pessoais (na verdade, esse pensamento espelha de forma bem ampla o sentimento universal, e não apenas o pensamento judaico dos dias de Jesus), mas somos confrontados com o "Eu, porém, vos digo" de Jesus. Deus sabe que se fizermos justiça por meio do nosso senso de justiça, a verdadeira justiça jamais se manifestará.

Paulo diz aos cristãos romanos: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Essa palavra é tão válida para nós quanto o foi para os romanos. Precisamos sempre tomar cuidado com a possibilidade de "tirar uma casquinha" de nossos inimigos no dia em que o Senhor os julgar. O escritor aos Hebreus traz essa mesma ideia, mas com um acréscimo: "Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O

Senhor julgará o seu povo" (Hb 10.30). O acréscimo vem na parte final: "O Senhor julgará o seu povo". Isso deve nos fazer andar em temor, pois não estaremos isentos do julgamento de Deus também.

"Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4.17). Essa é uma mostra do padrão de justiça divina. Com Deus não tem coerência o ditado corrente entre estudantes de Direito que diz "Aos amigos, a lei; aos inimigos, os rigores da lei". Ele vai começar o julgamento dentro de sua própria casa. E para que não sejamos surpreendidos por tal evento, andemos em conformidade não apenas no relacionamento com Deus, mas também com nosso próximo e também até com nossos adversários.

O Livro

O livro de Obadias tem 21 versículos, assim dispostos:

I. O Julgamento de Edom, 1-9

II. Razões para o Julgamento, 10-14

III. O Dia do Senhor, 15-21.

Profecias Cumpridas em Obadias

Deus convoca as nações para que destruam Edom (v. 1). De acordo com Lawrence O. Richards, "as impressionantes profecias de destruição foram cumpridas logo após, quando Edom acabou sendo destruída por Nabonido, o último dos governantes babilônicos".[5] Portanto, não tardou a queda daquele povo.

[1] ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 1992, p. 293

[2] **Manual bíblico entendendo a Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 289.

[3] MERRIL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 490.

[4] RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Devocional da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 491.

[5] RICHARDS, Lawrence O. Guia do Leitor da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 544.

6

Jonas e a Misericórdia Divina

Alexandre Coelho

> Mas desgostou-se Jonas extremamente disso e ficou todo ressentido. E orou ao Senhor e disse: Ah! Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me preveni, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus piedoso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade e que te arrependes do mal.
>
> — *Jonas 4.1,2*

Introdução

Pensemos em uma pessoa que possui um dom que muitas pessoas certamente gostariam de ter. Essa pessoa é detentora de um ministério divino, amante de sua pátria e que tem a oportunidade de mudar o destino de uma nação com suas palavras. Mas pensemos nessa pessoa não apenas como responsável por um dom e um ministério, mas como alguém que luta contra sua própria vontade e se vê vencido pelo poder de Deus. Esse é Jonas, o profeta hebreu nacionalista, que se viu obrigado

por Deus a pregar aos assírios, um povo que Jonas adoraria ver sendo exterminados.

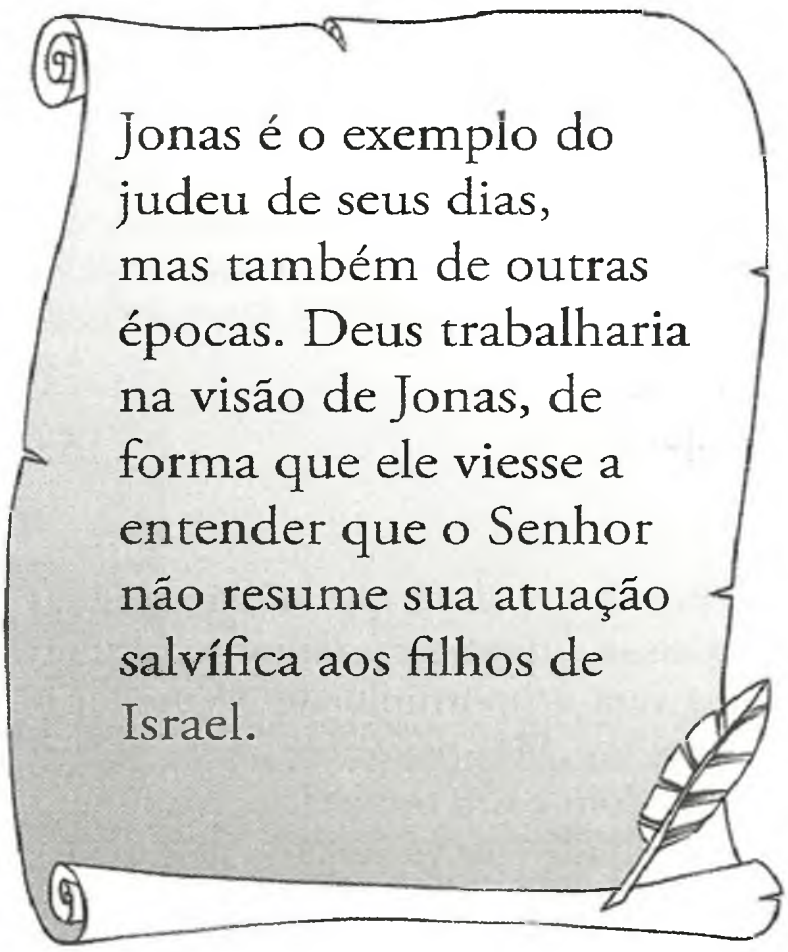
Quem Foi Jonas

Jonas, cujo nome significa *pombo*, é descrito como filho de Amitai. Foi um profeta do Reino do Norte, e seu vaticínio aos ninivitas não foi o único de seu ministério. No período do rei Jeroboão, quando era rei de Samaria, este restabeleceu os termos de Israel de acordo com uma profecia de Jonas:

> Também este restabeleceu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da Planície, conforme a palavra do Senhor, Deus de Israel, a qual falara pelo ministério de seu servo Jonas, filho do profeta Amitai, o qual era de Gate-Hefer. (2 Rs 14.23-25)

Portanto, Jonas era um profeta reconhecido em seus dias. Em nossos dias, a história de Jonas vem sendo questionada por estudiosos que não dão por verídica a narrativa do grande peixe que engoliu Jonas. Para tais pessoas, a história de Jonas não merece crédito.

Jesus deu crédito à história de Jonas, inclusive falando dos três dias em que o profeta esteve no ventre do grande peixe. As versões da Bíblia costumam variar nesse aspecto, no que tange ao peixe ser ou não uma baleia, mas para o Senhor a história foi real, e serviu de referência para mostrar o que aconteceria no futuro: a sua ressurreição ao terceiro dia. Se Jesus deu crédito à história de Jonas, por que não deveríamos nós fazer o mesmo?



Sua Mensagem

Esse profeta e homem de Deus ouviu a palavra do Senhor: "E veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim"

(Jn 1.1). Jonas foi chamado para pregar aos inimigos do povo de Deus, os assírios, que tinham um histórico de crueldades para com os povos dominados.

Tal mensagem era um desafio aos israelitas daqueles dias. Deus era Deus dos israelitas, e não um Deus que deveria mostrar compaixão para com outras nações. E Jonas aprendeu isso do próprio Deus: "... não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?" (Jn 4.11).

Se para os dias de Jonas tal mensagem era inconcebível, o mesmo ocorreu nos dias de Jesus. Nos dias em que o Senhor esteve nesta terra, trouxe a mensagem do Reino de Deus primeiramente aos judeus, mas não desprezou os estrangeiros. A mulher siro-fenícia, os gregos que queriam ver Jesus, a mulher samaritana e o centurião são exemplos de que Deus se interessa por todas as pessoas, e não apenas pelos israelitas.

Mesmo depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, os então apóstolos tiveram dificuldades em administrar esse tipo de conflito. A nacionalidade dos estrangeiros atrapalhava a pregação do evangelho — pelo menos para os primeiros cristãos! Pedro inicialmente teve dificuldades em entender que Deus o estava chamando para falar a um gentio, Cornélio. Mesmo depois de ter recebido a revelação divina, quando chegou à casa do centurião, não sabia o que fazer:

> E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo. Pelo que, sendo chamado, vim sem contradizer. Pergunto, pois: por que razão mandastes chamar-me? (At 10.28,29)

Jonas, portanto, é o exemplo do judeu de seus dias, mas também de outras épocas. Mas como veremos, Deus trabalharia na visão de Jonas, de forma que ele viesse a entender que o Senhor não resume sua atuação salvífica aos filhos de Israel.

Ainda mostrando Jonas como um homem tributário do seu tempo, vemos que ele não apenas reconhece a voz de Deus, mas tenta fugir dela. Quando confrontado pelos marinheiros durante a tempestade que acometeu a embarcação em que estava, ele diz: "Eu sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca. Então, os homens se encheram de grande temor e lhe disseram: Por que fizeste tu isso? Pois sabiam os homens que fugia de diante do Senhor, porque ele lho tinha declarado" (Jn 1.9,10).

Ele já deveria saber que, sendo profeta do Deus que fez o mar e a terra seca (por sinal, muito desejada naquele momento...), não poderia fugir da presença divina. A mão de Deus sempre é mais longa do que imaginamos. Mas não culpemos Jonas. Quantas vezes agimos como ele, praticando coisas que são contrárias aos preceitos divinos e tentando fugir de sua presença?

Em que Aspecto Jonas Fala Conosco?

Você não pode fugir de Deus

Jonas nos ensina que Deus Não se esquece de nós, e que não podemos fugir de sua presença. Se pensarmos que estaremos livres da presença de Deus em algum lugar neste planeta, ou fora dele, estaremos redondamente enganados. Jonas pegou um barco para o lugar mais remoto conhecido em sua época, mas foi alcançado pelo braço divino. Deus poderia esquecer aquele profeta fujão e usar outra pessoa para falar com os ninivitas? Certamente, mas Ele não o fez.

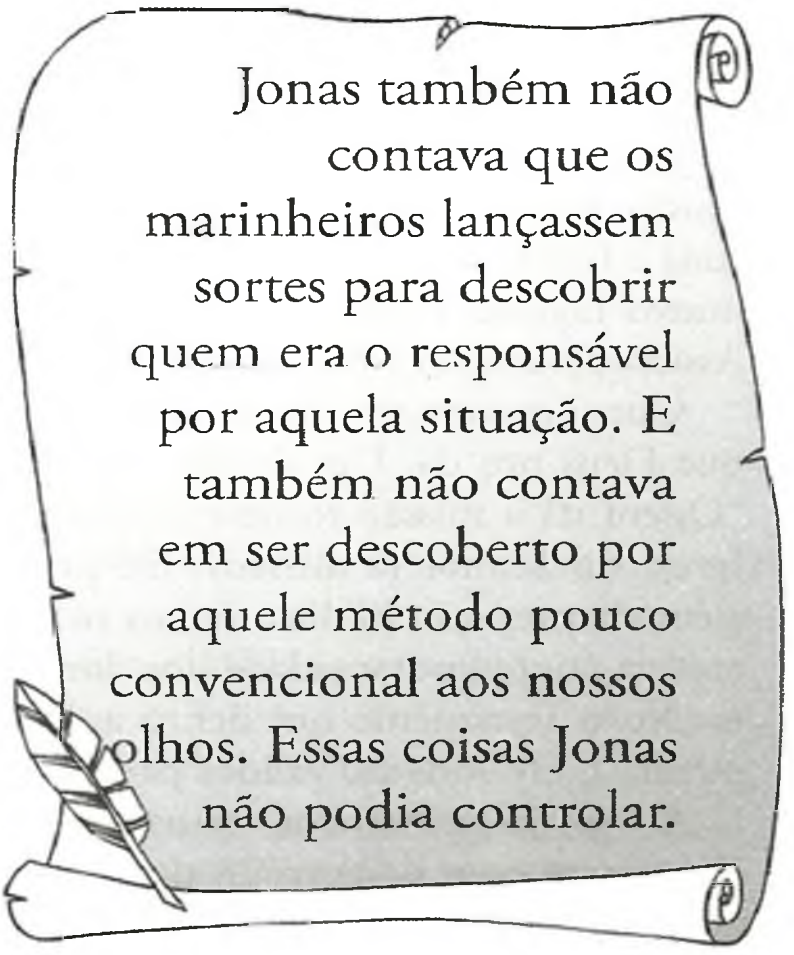
Deus pode usar as circunstâncias para nos colocar no lugar em que Ele deseja

Em seus planos de fuga da ordem de Deus, Jonas calculou a rota a ser tomada para outro lugar. Ele empregou seus recursos para comprar uma passagem de navio, achou o navio que ia para a direção contrária e adentrou na embarcação como uma pessoa comum, talvez um turista. Essas coisas Jonas podia controlar.

Mas o que ele não contava era com uma tempestade que, ocasionada por um vento enviado pelo Senhor, fosse suficiente para trazer desespero aos marinheiros e quase destruir o navio. Jonas também não contava que os marinheiros lançassem sortes para descobrir quem era o responsável por aquela situação. E também não contava em ser descoberto por aquele método pouco convencional aos nossos olhos. Essas coisas Jonas não podia controlar.

Foi justamente aí que Jonas foi confrontado. Como, sendo ele um profeta de Deus, comissionado para uma nação estrangeira, poderia imaginar que em alto mar, seria lançado nas águas para que a tripulação do navio não perecesse? E o que dizer do grande peixe que o engoliu, e o manteve vivo por três dias em oração? Confesso que acho essa parte da história engraçada. Jonas não orou pedindo que outro

profeta fosse em seu lugar. Ele não orou perguntando se poderia passar mais um ano em Israel, e depois cumprir a ordem de Deus. Mas ele orou no ventre do grande peixe — uma situação terrível, se você imaginar que onde ele estava passava tudo o que o animal conseguia comer. Além de incômodo e quente, era fétido. Não é sem razão que ele diz: "na minha angústia clamei ao Senhor e ele me respondeu; *do ventre do inferno gritei*, e tu ouviste a minha voz" (Jn 2.2, ênfase minha). Jonas sabia bem o que significava passar por um inferno pessoal.



Não precisamos esperar que Deus nos permita estar em lugares pouco agradáveis para que obedeçamos a Ele. Mas nem sempre estamos atentos a isso. Não raro, buscamos ao Senhor apenas quando estamos atribulados. A questão é: Será que se estamos passando por alguma tribulação, se olharmos para trás, não veremos um pequeno desvio nosso dos planos traçados pelo Senhor? Por favor, entenda, não quero com essa pergunta idealizar uma regra que indique que todas as tribulações pelas quais passamos são um sinal de nossa desobediência. Mas no caso de Jonas, essa foi a regra.

Todos certamente temos nossos próprios motivos para, de alguma forma, não obedecer a todos os mandamentos de Deus. Segundo Armor D. Peisker,[1]

> Para entendermos o ponto de vista de Jonas, "é necessário que lembremos que o preconceito nacional dos hebreus contra todos os outros povos na questão da religião. Embora cressem que Jeová fosse um Deus amoroso, consideravam-no exclusivamente deles. A incumbência de entregar uma mensagem a uma cidade que não pertencia ao concerto, além de ser a metrópole que era o centro de um poder que fora tirânico e cruel, deveria ter sido assustador para Jonas". De

nossa perspectiva atual é fácil censurar Jonas. Pensamos que um homem de sua categoria e experiência já deveria saber que não se pode fugir de Deus.

Jonas tinha seus "motivos" para desobedecer à ordem de Deus. Os assírios foram os responsáveis por mais de um século de exploração de Judá e Israel. A maioria dos descendentes de Abraão foram levados para outros lugares, e longe de suas terras, entendiam perfeitamente que a Assíria deveria ser tida como uma grande inimiga de Jeová.

Outro aspecto em que Jonas fala conosco é referente ao uso dos dons que Deus nos dá. Um ditado comum entre os fuzileiros navais é que "Quem dá a missão fornece os meios". Para que haja a edificação da Igreja do Senhor (a missão), Ele provê os meios, e entre esses meios, além da pregação bíblica, temos os dons espirituais. Ser pentecostal é crer na contemporaneidade dos dons, visto que não há qualquer texto no Novo Testamento que defina a data de fim de validade dos dons espirituais. Os dons são válidos para os nossos dias.

A teologia pentecostal crê na contemporaneidade dos dons espirituais, e entre esses dons está o dom de profetizar. Como os demais dons espirituais, o de profetizar deve ser ministrado de acordo com a vontade de Deus. Dons recebidos precisam ser usados para a edificação da igreja, e não do próprio indivíduo, exceto no caso da variedade das línguas, que de acordo com Paulo, edifica a pessoa que fala.

Deus não incentiva a desobediência

Jonas nos mostra também que Deus não incentiva a desobediência. Uma ordem dada por Ele deve ser respeitada e acatada, independentemente da forma que pensamos. De nada adianta ser um profeta se não desejamos ser obedientes ao Deus que nos vocacionou. O caminho trilhado por Jonas era contrário à direção dada por Deus, e Deus se encarregou de mostrar ao profeta que se formos desobedientes não prosperaremos em nossos intentos.

O Livro

O livro de Jonas possui quatro capítulos, e é assim dividido:

I. O Comissionamento e Desobediência de Jonas, 1.1-3

II. A Interposição de Deus, 1.4—2.10

A Tempestade, 1.4-14

O Lançamento de Jonas ao Mar, 1.15-17
Jonas no Fundo do Mar, 2.1-9
A Libertação de Jonas, 2.10

III. O Recomissionamento e Obediência de Jonas

A Comissão, 3.1,2
A Obediência, 3.3,4
O Resultado, 3.5-10

IV. Deus Convence Jonas pela Lógica

O Descontentamento de Jonas, 4.1-11
O Parecer de Deus, 4.4-9
A Preocupação de Deus por todos, 4.10,11

Profecias Cumpridas em Jonas

Não há uma profecia cumprida em Jonas, mas isso não desmerece o texto do profeta. Lembremo-nos de que ele foi enviado com uma missão específica, mas cujo resultado é, com certeza, condicional. O povo de Nínive ouviria a mensagem do Senhor por meio do profeta, e resolveria se iria ou não atender aos oráculos divinos. Na verdade, era uma profecia que tinha em seu escopo uma promessa condicional. O "se" faz toda a diferença.

Não deve ter sido muito fácil para os assírios encarar esse fato, afinal, Jonas era um profeta de uma nação vassala da Assíria. Imagine uma nação desenvolvida e dominadora dando ouvidos a um profeta de um povo dominado... Mas Deus não via dessa forma.

Se analisarmos friamente, veremos que os objetivos de Deus, de preservar uma nação estrangeira e dar-lhe uma chance para que se arrependessem de seus pecados, foram cumpridos.

> E começou Jonas a entrar pela cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida. E os homens de Nínive creram em Deus, e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até ao menor... E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez. (Jn 3.4,5,10)

Mas essa é a primeira perspectiva. A chance que Deus dera àquela geração de assírios infelizmente não alcançou as gerações seguintes, e não foi por que Deus limitou sua generosidade à posteridade ninivita. A

Assíria tornou a fazer coisas que desagradavam a Deus, e Deus, décadas depois, anunciou por meio do profeta Obadias, a destruição daquela nação. A Assíria teve a sua chance, e conseguiu desperdiçá-la.

A Bíblia se cala sobre o que aconteceu com Jonas depois de Nínive ter sido poupada. O livro do profeta começa dizendo que a Palavra do Senhor veio a Jonas, e se encerra com as palavras também do Senhor. Ele tem a última palavra na vida e no livro de Jonas A mensagem principal de Jonas é a demonstração de misericórdia de Deus para com as nações.

[1] PEISKER, Armor D. **Comentário Bíblico Beacon**. vol. 5. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 145.

7

Miqueias
A Obediência Está acima dos Rituais

Silas Daniel

"Quem é como Jeová?" — eis o significado do nome Miqueias, um dos profetas mais respeitados de sua geração. Curiosamente, no capítulo 7 e versículo 18 de sua profecia, essa indagação é evocada, quando lemos a exclamação de Miqueias: "Quem, ó Deus, é semelhante a ti?".

Conta-nos o profeta Jeremias que, certa vez, as profecias de Miqueias sobre a destruição de Jerusalém foram, indiretamente, a razão pela qual ele teve sua vida poupada. Quando os príncipes de Judá, os sacerdotes e os profetas se reuniram para decidir se Jeremias deveria ser executado por profetizar a ruína de Jerusalém e do Templo, alguns dentre os anciãos do povo o salvaram ao lembrar que Miqueias profetizara o mesmo em sua época e não fora condenado pelo rei Ezequias, que, muito ao contrário, temeu ao Senhor, se arrependeu de seus pecados e clamou a Deus para que poupasse Jerusalém e seu povo em seus dias (Jr 26.10-19,24), en-

quanto o rei Jeoaquim, muito tempo depois, agiria diferentemente com o profeta Urias (Jr 26.20-23).

A reação do rei Ezequias à profecia de Miqueias nos revela duas coisas: como Ezequias foi um rei temente a Deus e como Miqueias era respeitado pelo rei. Curiosamente, seu contemporâneo, o profeta Isaías, profetizou sobre os mesmos temas, só que de forma muito mais extensa e detalhada, de maneira que se costuma dizer que as suas profecias nada mais são do que a ampliação das de Miqueias.

Tanto Isaías quanto Miqueias eram do Reino do Sul, isto é, do Reino de Judá; porém, enquanto Isaías era um profeta palaciano de Jerusalém, um nobre que profetizava na corte real, Miqueias era um homem muito simples, um homem do campo, que residia em uma pequena aldeia chamada Moresete-Gate (Mq 1.14), que distava pouco mais de 30 quilômetros ao sudoeste de Jerusalém, na fronteira de Judá com o território filisteu. Miqueias era, enfim, um profeta com um ministério mais voltado para as pessoas comuns. Mesmo assim, como mostra o texto de Isaías, seu ministério repercutiu até mesmo no palácio real, durante os dias do rei Ezequias. Isso nos mostra que, seja onde estivermos — no "palácio" ou em uma distante, pequena e insignificante "aldeia" —, se mantivermo-nos no centro da vontade divina para nossas vidas, sendo fiéis ao chamado de Deus, nossa vida e ministério farão diferença.

Contexto Histórico e Propósito do Livro

Miqueias profetizou nos dias dos reis Jotão, Acaz e Ezequias em Judá (Mq 1.1) e dos reis Pecaías, Peca e Oseias em Israel (2 Rs 15.23-30), e sua mensagem era tanto para Judá quanto para Israel (Mq 1.1-9). Ele predisse o cativeiro do povo do Reino do Sul e do Reino do Norte. Viu a queda de Samaria pela Assíria e a queda de Jerusalém pela Babilônia.

Pelos reis que lhe foram contemporâneos, o período de seu ministério profético pode ser estabelecido de 752 a.C. a 697 a.C. Um detalhe muito significativo é que Deus escolheu Miqueias para profetizar o local do nascimento do Messias (Mq 5.2; Mt 2.1,5,6).

A mensagem de Miqueias pode ser dividida, fundamentalmente, em duas partes: na primeira, que compreende os capítulos de 1 a 3, ele denuncia os pecados de Samaria e Jerusalém, e anuncia a condenação vindoura; e na segunda, que vai do capítulo 4 ao 7, ele traz uma mensagem de consolação, de redenção do povo judeu e de promessas de bênçãos.

Outro destaque da mensagem de Miqueias é que ele foi usado por Deus também para denunciar a opressão e as injustiças sociais em Israel,

especialmente nos capítulos 2 (vv. 1,2,8,9) e 3 (vv. 2,3,11), mas também no capítulo 6 (vv. 8-12).

Primeira Parte (Capítulos 1 a 3): Denúncia contra os Pecados de Judá e Israel

Após anunciar introdutoriamente que a mensagem que Deus lhe dera era tanto para Judá quanto para Israel (Mq 1.1), Miqueias começa dirigindo-se ao Reino do Norte, destacando sobretudo a idolatria que grassava em Samaria (Mq 1.1-8), e que levara o povo a vários outros tipos de pecado. Diante desse cenário de imoralidade em Israel, o profeta diz que lamentaria "despojado e nu", pois a "chaga" daquela nação era "incurável".

A expressão traduzia por "nu" aqui é, no original hebraico, *'eryãh*, e geralmente aparece na Bíblia referindo-se a uma nudez parcial, apesar de poder significar também "nudez completa e inaceitável".[1] Trata-se, segundo a maioria dos expositores bíblicos, de uma referência ao estar mal vestido, usando apenas as vestes exteriores (como em 1 Samuel 19.24) e, no caso, como sinal de luto.[2]

Em seguida, Miqueias fala da iniquidade de Judá (Mq 1.9-16). E na sequência, ele afirma que por causa da impiedade de Judá e Israel as duas nações sofreriam cativeiro (Mq 2.1-11). Aliás, no capítulo anterior, ele já anunciara a ruína citando cidades cujos nomes têm significados que são mencionados durante a profecia, em um jogo de palavras: Bete-Leafra — "casa de pó" (Mq 1.10); Marote — "amargura" (Mq 1.12); Laquis — "confiança em si mesmo", uma alusão à arrogância da antes "inexpugnável" Laquis, que seria arruinada (Mq 1.13); Aczibe — "engano" (Mq 1.14); e Adulão — "herdeiro", que receberia uma terrível visita do "herdeiro" (Mq 1.15).

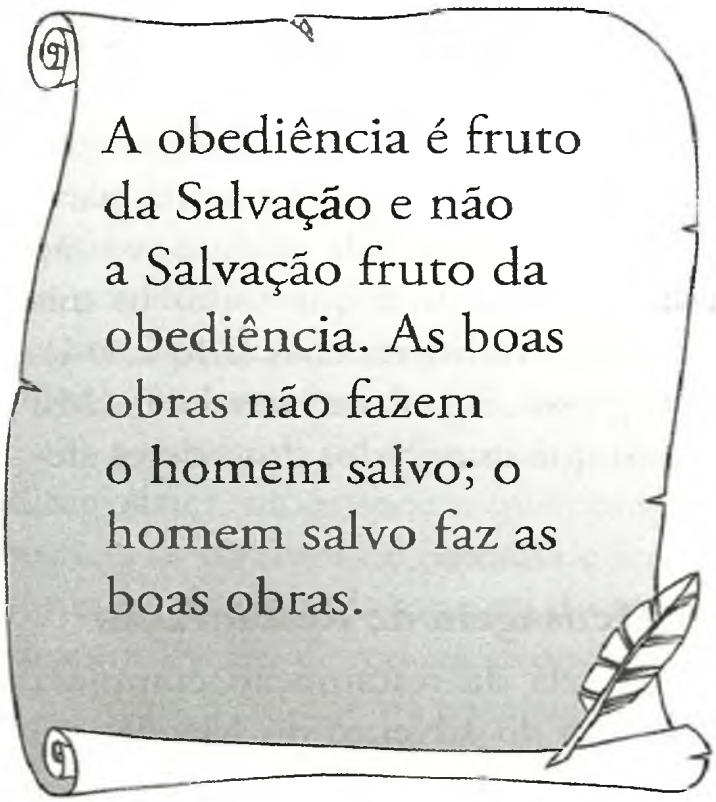
A mensagem de restauração é antecipada nos dois últimos versículos do capítulo 2 (vv. 12,13) e o capítulo 3 conclui essa primeira parte caracterizada por denúncias com profecias onde os líderes do povo são repreendidos por suas injustiças. Um detalhe aqui é que todos os três grupos de líderes da nação são mencionados: os líderes civis (Mq 2.1-4), os profetas (Mq 2.5-10) e os líderes religiosos, isto é, os sacerdotes (Mq 2.11). Miqueias arremata deixando claro que os pecados dos líderes afetariam toda a nação (Mq 2.12).

Segunda Parte (Capítulos 4 a 7): Mensagem de Restauração

O glorioso capítulo 4 de Miqueias fala da restauração completa de Israel, que ocorrerá no futuro, quando do advento do Messias. O

teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman reproduziu em uma de suas obras um esboço muito interessante dos primeiros oito versículos desse capítulo, que falam de nove características do reino milenial de Cristo:

1. Administração universal – "O monte da Casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes" (v. 1).
2. Visitação universal – "E concorrerão a eles os povos" (v. 1).
3. Educação universal – "Ele nos ensinará acerca dos seus caminhos" (v. 2).
4. Legislação universal – "De Sião sairá a lei" (v. 2).
5. Evangelização universal – "A Palavra do Senhor sairá de Jerusalém" (v. 2).
6. Pacificação universal – "Uma nação não levantará a espada contra a outra" (v. 3).
7. Adoração universal – "Andaremos em nome do Senhor nosso Deus" (v. 5).
8. Restauração universal – "E da que coxeia farei um resto e da que estava lançada para longe, uma nação poderosa" (v. 6).
9. Coroação universal – "E o Senhor reinará sobre eles" (vv. 7,8).[3]

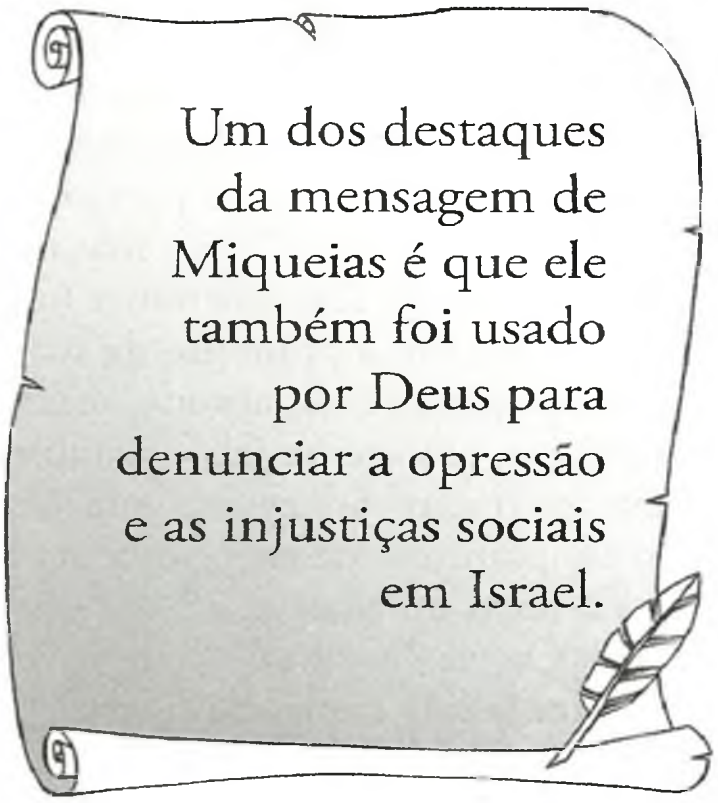


Miqueias deixa claro que o cumprimento dessa profecia se dará em um futuro mais distante, porque em um futuro mais próximo viria a dor e sofrimento do cativeiro, quando o povo seria levado à Babilônia (Mq 4.9,10). Deus, porém, faria com que as nações que levaram cativo o povo de Israel e Judá fossem castigados (Mq 4.11-13).

No capítulo 5, vemos a predição do nascimento do Messias

(v. 2) e a instituição do seu reino milenial na Terra (vv. 3-15).

Nos capítulos 6 e 7, as promessas de restauração são intercaladas por uma extensa palavra de exortação divina sobre as maldades do seu povo, que é alertado para o fato de que Deus não o pouparia do juízo iminente. Mais razões são apresentadas para esse juízo: o povo vivia um terrível formalismo religioso (Mq 6.6,7), cometia perseverantemente injustiças sociais (Mq 6.8-12) e a corrupção era generalizada, afetando até as relações familiares (Mq 7.1-6). A salvação do povo, frisa Miqueias, estaria em confiar no Senhor (Mq 7.7).



Por fim, o livro é concluído com mais uma mensagem gloriosa de restauração (Mq 7.15-20), que ressalta a grandeza da misericórdia divina (vv. 18,19) e a fidelidade de Deus em cumprir as suas promessas (v. 20).

Uma Palavra contra o Formalismo Religioso

Um dos temas centrais de Miqueias é o combate ao mero formalismo religioso. O verdadeiro crente deve viver como tal. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos falam muito disso.

A Palavra de Deus assevera que "Deus preparou [as boas obras] para que andássemos nelas" e que é nosso dever fazer o bem (Ef 2.10; Tg 4.17). Logo, as obras não são dispensáveis para o cristão. É verdade que, por outro lado, este não deve confiar nelas para a sua salvação, porque, como também afirmam as Escrituras, a nossa salvação "não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.9). As boas obras nada mais são do que a obrigação natural de todo crente, fazendo parte da confirmação (Mt 3.8) e do desenvolvimento da fé (2 Pe 1.3-11). Por isso, quando a Igreja for arrebatada, passará pelo Tribunal de Cristo, quando cada um receberá ou deixará de receber galardão conforme a prática das boas obras (2 Co 5.10).

As obras são consequência natural da salvação, seus frutos naturais. Quando Tiago fala que "a fé sem obras é morta" e quando Jesus fala do julgamento entre "bodes" e "ovelhas" destacando as obras (Mt 25.31-

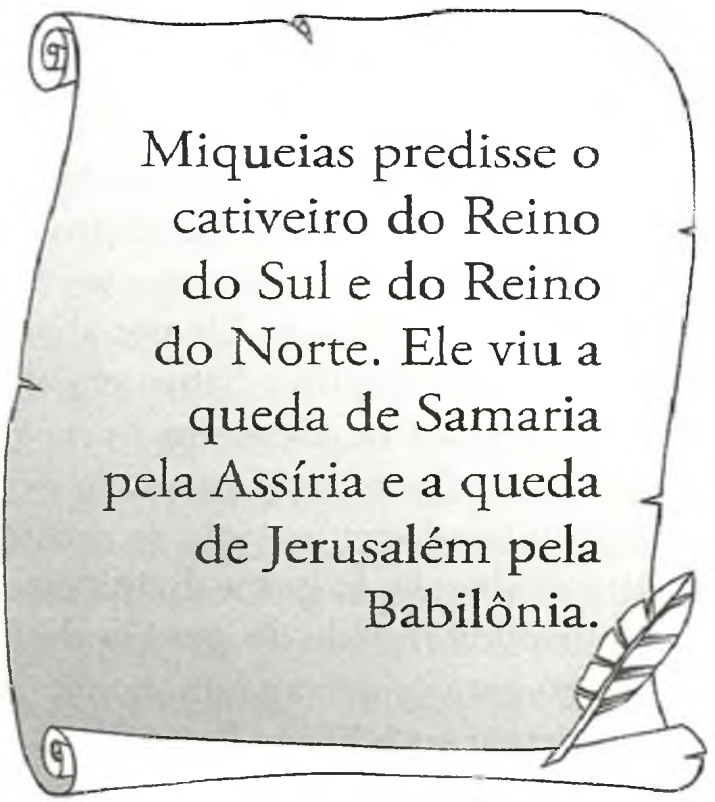
46), o que está em foco é a falsa profissão de fé. Essas passagens não estão dizendo que as obras são decisivas para a nossa salvação, mas estão enfatizando que elas são um sinal externo, o resultado lógico, de uma genuína conversão, e que, portanto, se alguém chama Jesus de "Senhor" e diz que é salvo em Cristo, mas nunca se importou em viver o evangelho, é porque de fato este nunca foi salvo de verdade ou, se o foi um dia, perdeu de vista o propósito da sua salvação, esfriou na fé e porque não se arrependeu de sua atitude, mas continuou deliberadamente no erro, tornou-se um crente falso. Lembremo-nos de que o texto de Tiago é uma exortação para pessoas que já eram salvas, mas que estavam falhando em praticar e desenvolver a sua fé, isto é, a sua salvação.

O texto de Mateus 25 diz que no rebanho do Filho do Homem (Jesus) havia "ovelhas" (crentes verdadeiros) misturadas com "bodes" (crentes falsos) e que, no final dos tempos, o Pastor Jesus separará uns dos outros (Mt 25.32). Os que foram salvos no grande julgamento de Mateus 25 não o foram porque as obras salvam. Jesus evidencia as suas boas obras aqui apenas para destacar o sinal visível da verdadeira profissão de fé em contraste com uma confissão de fé falsa. Na confissão de fé falsa, as pessoas o chamam de "Senhor", mas nunca o tiveram realmente como tal (os "bodes"). São apenas crentes nominais, nunca foram salvos de fato — ou se já o foram um dia, esfriaram na fé e se desviaram, vivendo um cristianismo só de casca, de aparência, sem conteúdo. Ou seja, as obras foram destacadas nesse trecho do Sermão Profético porque Jesus queria frisar que só irão subir aos céus os crentes verdadeiros, não os meramente nominais. Ele não estava querendo dizer que as obras são a causa da salvação. Tanto é que, em outro sermão neste mesmo Evangelho de Mateus, mais precisamente no Sermão da Montanha, Jesus fala de crentes que professam fé em Jesus, que em algum momento de suas vidas praticaram boas ações em nome dEle (até milagres), mas que não se importaram em viver uma vida de santidade — como diz o texto, praticavam a iniquidade —, e se perderam eternamente (Mt 7.21-23). Suas boas obras e o chamar Jesus de "Senhor" não foram suficientes, porque se eles fossem crentes de verdade, não viveriam em iniquidade.

O Paralelo entre Salvação-Obras e Justificação-Santificação

A santificação vem antes da justificação? Não, mas após ela. As obras vêm antes da justificação? Não, mas após ela. Eu não me santifico para ser justificado, nem faço boas obras para ser justificado — sou justificado pela fé, e não pelas obras; mas, porque fui justificado, devo ser santi-

ficado e praticar boas obras. Estas são a consequência natural da minha salvação. Se fui realmente, de fato, convertido a Cristo, salvo em Cristo, desejarei vivenciá-las. O que eu faço para Deus não é mais importante do que aquilo que Deus fez por mim. O que eu faço para Deus é meu dever depois do que Ele fez por mim! Aliás, mais do que um dever: um prazer também!



A obediência é fruto da salvação, e não a salvação fruto da obediência. As boas obras não fazem o homem salvo; o homem salvo faz as boas obras. Não fomos salvos pelas nossas obras, mas para praticar boas obras (Ef 2.8-10). Você não tem que obedecer para ganhar a graça de Deus. Você obedece a Ele porque já recebeu a graça divina na sua vida. Você o ama porque Ele te amou primeiro!

Se "não mais vivo eu, mas Cristo vive em mim", se "revesti-me de Cristo", se sou realmente salvo, é impossível eu não me importar com boas obras. Elas são a consequência natural. Um novo convertido, por exemplo, incendiado pela chama do primeiro amor, se importa naturalmente com boas obras, com o próximo e com a evangelização. Só um crente frio, que não tem o seu homem interior renovado dia após dia, não quer saber mais de fazer o bem.

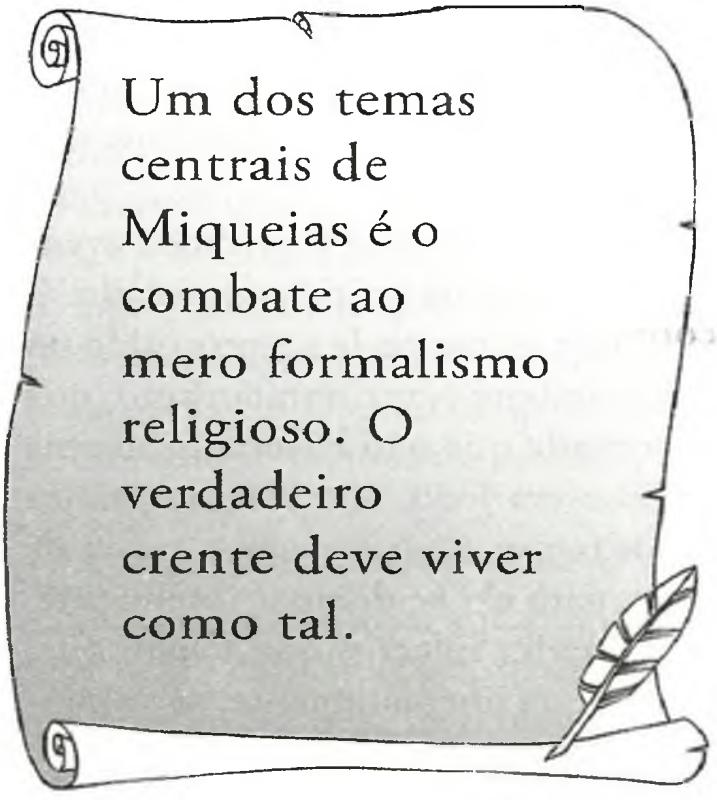
Aqui, é importante frisar: há uma diferença entre (1) pecados eventuais na vida de um crente sincero e (2) o viver na prática do pecado. É disso que João fala em sua primeira epístola, e que pode ser resumido no texto de 1 João 3.7. Nessa epístola, ele combate o antinomianismo, que ensinava que o crente podia pecar à vontade que não haveria problema algum. Ora, quem é de Deus, como assevera João, não vive na prática do pecado (1 Jo 5.18). Agora, outro extremo é pensar que a graça de Deus é tão frágil que basta um pecado para ela se dissipar totalmente. Por exemplo: É comum encontrarmos crentes sinceros que acham que, quando pecam, o Espírito Santo os abandona imediatamente, só voltando a eles depois de muito clamar. Isso não tem base bíblica alguma. O

Espírito Santo de Deus só nos abandona se permanecermos no pecado. Ao pecarmos, Ele se entristece, mas ainda está em nós, pronto para nos restaurar (Ef 4.30). A evidência prática disso é que Ele toca a nossa consciência para que sejamos convencidos do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), e nos arrependamos. Se nos arrependemos, somos perdoados. Porém, se não nos arrependemos, se endurecemos o nosso coração para o arrependimento, aí, sim, Ele nos abandona de fato.

A presença do Espírito Santo em nós mesmo depois de errarmos é evidência da graça de Deus em nossa vida, insistindo pela garantia da nossa salvação. Agora, essa presença deve ser valorizada e mantida por meio do arrependimento, pois, se resistida, ela poderá ser perdida.

Outra evidência da graça divina em ação, garantindo a nossa salvação, é a disponibilidade do perdão de Deus. Mas essa disponibilidade, frise-se, é só para os que andam diante do Criador em sinceridade de coração e desejam ser fiéis. As Sagradas Escrituras afirmam: "Filhinhos [...] não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo" (1 Jo 2.1, ARA). Em outras palavras, João está dizendo aqui: "Tenha ojeriza pelo pecado, odeie pecar. Não peque! Porém, se em meio à sua busca sincera em viver uma vida de santidade, em um momento de fraqueza, você pecar, não se desespere! Pior do que pecar é pecar e não se arrepender do pecado cometido. Você tem um Advogado. O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado!".

Alguém pode dizer: "Oba! Quer dizer que posso pecar à vontade que depois Deus me perdoa numa boa?". Não, não é assim que funciona. Quem age assim não é uma pessoa sinceramente arrependida: é uma pessoa que está brincando de ser crente, não um crente verdadeiro (ou não mais um crente verdadeiro, se um dia o foi). A questão é a sinceridade, o desejo sincero de viver uma vida de retidão. A promessa de perdão não é para os que não são sinceros em sua fé. Diz a Bíblia: "Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas [isso é falso cristianis-



mo], mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz [sinceridade de fé], como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.6,7, ARA).

O texto bíblico diz que o sangue de Jesus só purifica aqueles que "andam na luz". "Andar na luz" nessa passagem significa sinceridade, busca íntegra. Interpretar essa expressão de modo diferente aqui faz desse texto o que ele não é: uma pregação de salvação pelas obras. Se o texto diz que só são perdoados os que "andam na luz", e eu pensar que "andar na luz" aqui se refere a boas obras ou à vida sem nenhuma possibilidade de manchar-se, logo concluo que Deus só perdoa quem não peca ou pratica boas obras, o que não tem lógica à luz do ensino bíblico. O apóstolo não está falando aqui de salvação pelas obras, mas de uma vida em sinceridade, uma busca a Deus íntegra, sincera. Explica o professor John Montgomery Boice:

> João diz que aquele que caminhar na luz vai encontrar o sangue do Senhor Jesus Cristo disponível para uma purificação contínua. Em um primeiro momento, isso parece uma contradição. Por que alguém que já caminhava na luz necessita de purificação? Ele já não foi limpo? Por outro lado, se ele está sendo purificado do pecado, isso não implica no fato de que ele estava caminhando na luz anteriormente? A contradição é apenas superficial, pois João está só dizendo que alguém que caminha em comunhão com Deus vai encontrar perdão para qualquer pecado que entre em sua vida. De fato, esse perdão já foi providenciado pelo sacrifício de Cristo. Isso não é dito para incentivar o pecado, como alguns podem pensar ("Façamos males, para que venham bens?", Rm 3.8), mas para estimular a santidade.[4]

Lembre-se do contexto histórico e do propósito dessa epístola. Quando o apóstolo João escreveu sua primeira carta, ele estava enfrentando o ensino de falsos mestres que defendiam um cristianismo nominal. Havia uma vertente do gnosticismo, por exemplo, que afirmava ser possível pecar e permanecer em Deus. Por isso, nessa passagem, "andar na luz significa crer na verdade de Deus, conforme revelada na sua Palavra, e esforçar-se sincera e continuamente por sua graça para cumpri-la por palavras e obras" (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, CPAD). Em outras palavras, João está falando que o perdão de Deus sempre estará disponível para cristãos verdadeiros, crentes que se arrependem sinceramente dos seus erros, que de fato querem acertar, que procuram de verdade viver uma vida de santidade, que querem sincera e ardentemente servir a Deus, andam em sinceridade de vida, reconhecem seu pecado, demonstram arrependimento verdadeiro.

A segurança da salvação é para quem leva a sério a salvação. Para quem leva a sério a salvação, a graça de Deus está sempre sobre a sua vida. Ele não precisa temer, não precisa ter medo de Deus. O Senhor não é um carrasco com uma espada pronta para ser enterrada na sua carne a cada erro cometido. Não! Nossos pecados, todos eles, o ofendem, mas a manifestação da ira divina é apenas para os que não se arrependem dos seus erros, amam a impiedade e desprezam o Senhor. Não para os que são sinceros em servi-lo, sempre se arrependem sinceramente e se apoiam na graça em Deus. Estes estão muito longe do formalismo religioso condenado pelo profeta Miqueias e por todas as Sagradas Escrituras.

[1] **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 955.
[2] Idem.
[3] PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia** — livro por livro. 5. ed. São Paulo: Editora Vida, 1978, p. 162.
[4] BOICE, John Montgomery. **As Epístolas de João**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 36, 37.

8

Naum
O Limite da Tolerância Divina

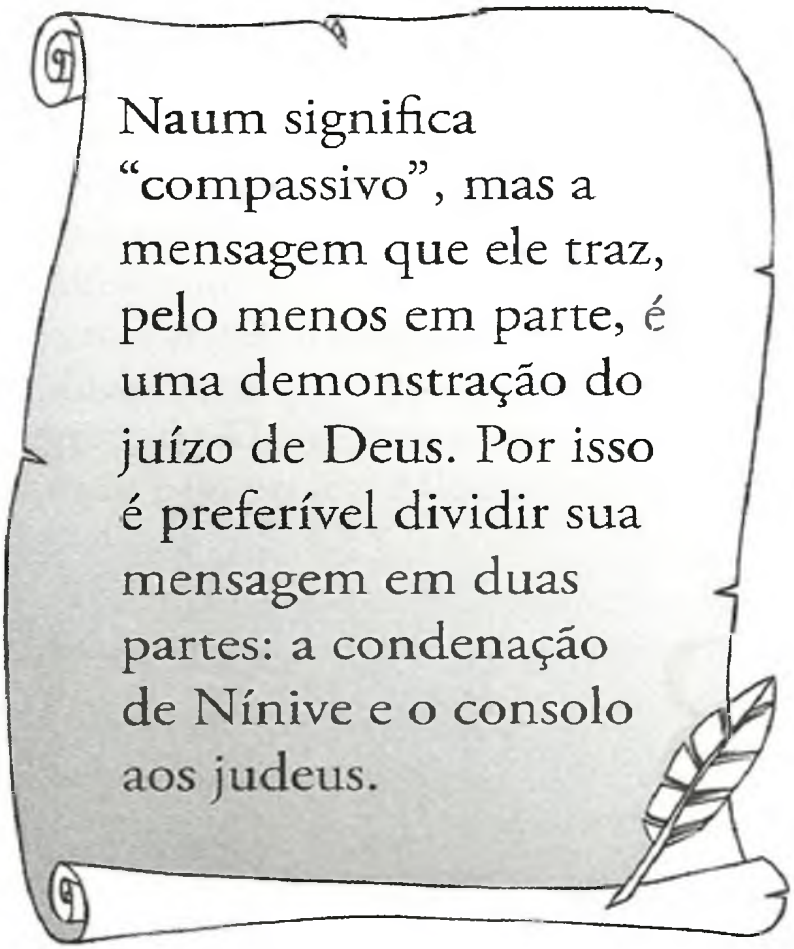
Alexandre Coelho

O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em força, e ao culpado não tem por inocente; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés.

– *Naum 1.3*

Introdução

Os homens sempre são tendentes ao pecado, e o cometem sempre que podem. E como Deus dá a todos um tempo para que se arrependam de seus pecados, algumas pessoas pensam que Deus está acobertando suas falhas, ou que Ele não as julgará pelos seus feitos. Mas a verdade é que Deus estipula em sua sabedoria um limite para que venha o julgamento necessário aos que não se arrependem de seus pecados e não demonstram uma vida de retidão para com Ele. Deus é um Deus de amor, mas seu amor não está isento da justiça. Essa foi a lição que os assírios



aprenderiam. Deus executaria os juízos declarados por Jonas contra aquela nação.

Quem Foi Naum

Pouco se sabe acerca de Naum. Ele é descrito como originário de uma localidade chamada Elcos. Há algumas localidades que poderiam ser identificadas com a cidade de Naum, mas a que provavelmente melhor se adéqua seria Cafarnaum, que em árabe, Kefr-Nahum, é "cidade de Naum". Se essa identificação está correta, o profeta era oriundo do norte da Galileia.

Sua Mensagem

Naum significa "compassivo", mas a mensagem que ele traz, pelo menos em parte, é uma demonstração do juízo de Deus. Por isso é preferível dividir sua mensagem em duas partes: a condenação de Nínive e o consolo aos judeus.

Naum apresenta o limite da tolerância divina para com os inimigos do seu povo. Isso não anula o fato de que Ele é misericordioso, mas também demonstra que há um limite para que as atitudes de um povo sejam toleradas.

> O principal objetivo de Naum foi consolar Judá com referência ao seu feroz inimigo, a Assíria. No seu recado profético, Naum revelou o detalhado plano divino para destruir e devastar Nínive completamente. Essa mensagem foi entregue ao povo de Judá a fim de lembrá-los da soberania do Senhor sobre todas as nações, e que Ele não tolera por muito tempo aqueles que governam com pilhagem e violência...[1]

Era uma mensagem muito positiva para os israelitas, aqueles que estavam padecendo nas mãos dos assírios. Não é a toa que o nome Naum significa "consolação", pois sua mensagem era um consolo aos israelitas, que esperavam o juízo de Deus para os seus inimigos.

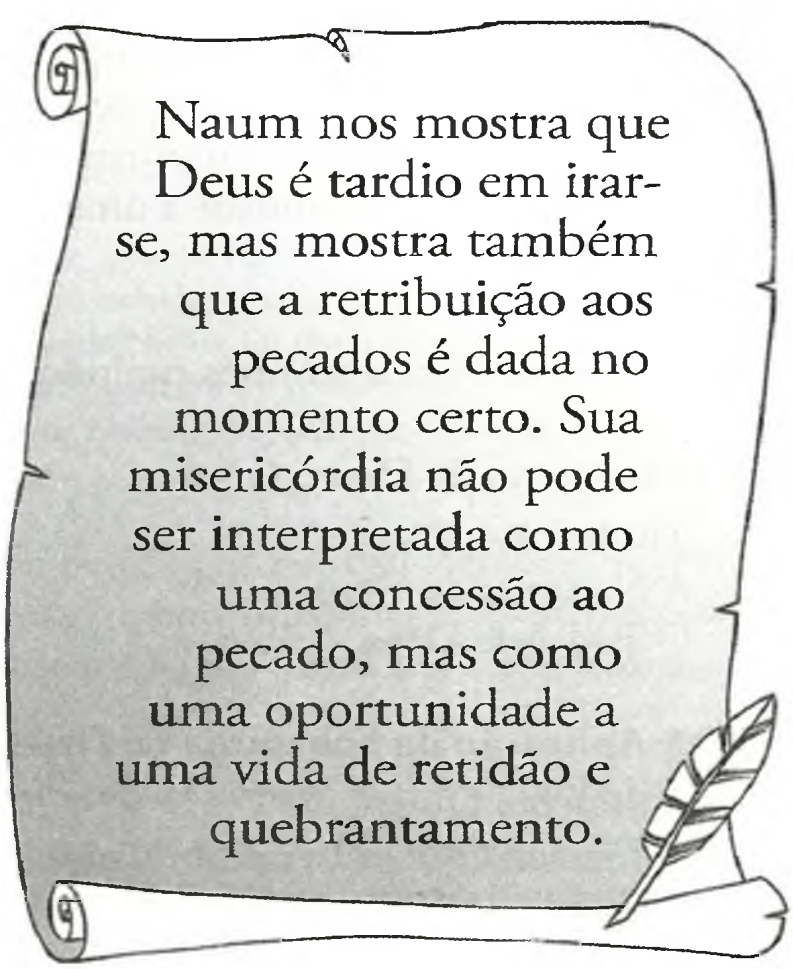
Naum começa seu livro com a expressão "peso de Nínive", uma referência à pesada sentença do Deus de Israel contra o império conhecido por suas conquistas e crueldades. A forte mão de Deus se absteve temporariamente de punir àquela nação, mas como o Império Assírio manteve suas maldades, revogando o arrependimento originário advindo da pregação de Jonas, a destruição não tardaria.

Sobre a mensagem do profeta, comenta Matthew Henry:

> Dizia respeito a Nínive, e à monarquia assíria, da qual este era o assento real. Cerca de 100 anos antes disso Judá tinha, em nome de Deus, predito a rápida derrubada dessa grande cidade; mas, então, os ninivitas se arrependeram e foram poupados, e esse decreto não saiu. Os ninivitas viram então o quão era vantajoso para eles deixarem os seus maus caminhos; era a salvação da cidade. No entanto, logo depois, eles voltaram a ele novamente; ela se tornou pior do que antes, uma cidade sangrenta e cheia de mentiras e roubos. Eles se arrependeram de seu arrependimento, voltaram como o cão para o seu vômito, e por fim se tornaram piores do que haviam sido. Então, Deus não lhes enviou este profeta, como Jonas, mas esta profecia, para ler a eles a sua condenação, que era agora irreversível. Note que a suspensão temporária da pena não continuará se o arrependimento não continuar.[2]

Em que Aspecto Naum Fala Conosco

Naum nos mostra que Deus não tem o culpado por inocente, e que o tempo que muitas vezes Ele nos concede para que nos arrependamos de nossos pecados não pode ser confundido com uma concessão ao próprio pecado. Jonas advertiu Nínive de seu pecado, e ela foi poupada, mas décadas depois tornou a fazer as coisas que antes tinham desagradado ao Senhor, tornando-se, assim, digna de ser duramente punida.



Há uma séria advertência contra a soberba e a violência em Naum. A Assíria e sua capital, Nínive, eram bem co-

nhecidas pela sua máquina de guerra e pela crueldade com que tratava os povos conquistados. Basta dizer que os deuses dos assírios, em sua maioria, eram deuses guerreiros. Portanto, não há dúvidas acerca do comportamento beligerante e sanguinário desse povo.

Nínive foi fundada por Ninrode (Gn 10.11), sendo, portanto, uma das cidades mais antigas do mundo. Ela também foi a capital da Assíria, com outras localidades próximas, pois os assírios em alguns casos transferiam a sede do poder para outros locais adjacentes.

Naum nos fala que Deus está no controle de todas as coisas. E esse controle pode ser exercido de diversas formas, inclusive permitindo que alguns grupos ímpios tenham domínio temporário das nações, e fazendo o que bem lhes aprouver. Entretanto, Naum também nos mostra que a misericórdia divina não deve se tornar motivo de escárnio, pois Deus há de julgar as atrocidades que esses mesmos grupos cometem.

Deus pode suspender um julgamento a um grupo de pessoas ou mesmo a uma pessoa se a tal se arrepender, mas caso ela volte a fazer as coisas que antes fazia, será duramente punida. Como disse Matthew Henry, caso os homens abandonem o bem que estavam fazendo e tornem a fazer o mal, podem esperar que Deus abandone o bem que estava fazendo e traga o mal que esteve retendo.

Naum nos mostra que Deus é tardio em irar-se, mas mostra também que a retribuição aos pecados, caso não haja uma mudança real de atitudes por meio do arrependimento, é dada no momento certo. Sua misericórdia não pode ser interpretada como uma concessão ao pecado, mas como uma oportunidade a uma vida de retidão e quebrantamento.

O Livro

O livro de Naum tem três capítulos, assim divididos:

I. O Governo de Deus, 1.1-6

Títulos, 1.1
A Natureza de Deus, 1.2,3ª
O Poder de Deus, 1.3b-6

II. A Aplicação da Soberania de Deus

Aplicações Diversas, 1.7,8
Discursos a quem Recebe a Justiça, 1.9-15—2.13
A Queda de Nínive, 2.1,3-13

III. Deus Destruirá o Mal

A Maldade de Nínive, 3.1-4
A Oposição de Deus à Maldade, 3.5-7
A Inevitabilidade da Derrota do Mal, 3.8-13
O Canto Fúnebre, 3.14-19

Profecias Cumpridas em Naum

O julgamento de Deus aos assírios cumpriu-se de forma terrível. Nínive era uma cidade construída junto a três rios, canalizados para diversos bairros da cidade por meio de portões que retinham a entrada de inimigos e da própria água. Esses portões foram tomados, e o excesso de águas ajudou até mesmo a ruir o palácio e outras construções mais baixas da cidade, abrindo espaço para que a cidade fosse invadida, saqueada e destruída.

De nada adiantou o número de combatentes do grande exército assírio. Ele foi destruído, com todo o seu arsenal. Por isso, Naum diz que "com uma inundação transbordante acabará de uma vez com o seu lugar; e as trevas perseguirão os seus inimigos. As portas do rio se abrirão, e o palácio se derreterá" (Na 1.8; 2.6).

A destruição das estruturas da cidade foi tão grande que Naum comparou as fortalezas a frutos maduros de figo, que com uma sacudida cairiam sem que ninguém impedisse: "Todas as tuas fortalezas serão como figueiras com figos temporãos; se se sacodem, caem na boca do que os há de comer" (Na 3.12). Não é de admirar que o que restou de suas parcas ruínas fosse descoberto apenas no século XIX d.C.

O poder assírio começou a esfarelar a partir de 626 a.C. Ellisen comenta que

> Nínive foi destruída em 612 a.C. Seu exército foi finalmente aniquilado em Carquemis, em 605 a.C. A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade tornou-se uma lenda durante dois milênios, até ser redescoberta em 1842 por Layard e Botta. Alexandre passou por ela em 331, sem ver sinais de sua existência. Nada restou da cidade e de seu poderio.[3]

Dessa forma, chegava ao fim o período da bondade temporária divina para com a Assíria, que teve em mãos a oportunidade de arrepender-se de seus pecados e não ser destruída de forma tão brutal por seus inimigos.

---

[1] ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 1991, p. 317.
[2] HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1107.
[3] ELLISEN, 1991, p. 316.

9

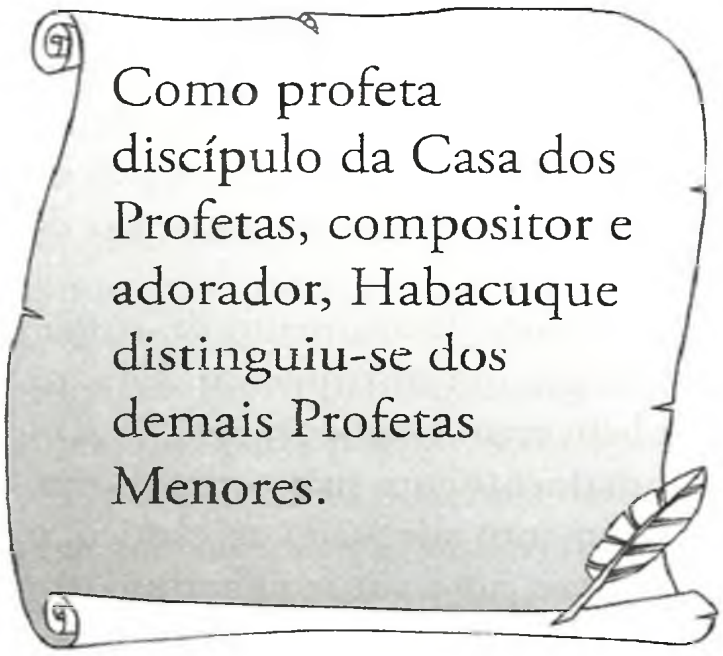
Habacuque
"O Justo pela sua Fé Viverá"

Silas Daniel

Entre os famosos Rolos do Mar Morto, descobertos na primeira caverna de Qumram em meados do século passado, encontra-se um manuscrito de Habacuque, contendo os capítulos 1 e 2 de sua profecia. Os especialistas afirmam que o manuscrito teria sido escrito perto do fim do primeiro século a.C. Isso o torna o manuscrito hebraico mais antigo do livro de Habacuque de que se tem notícia. Mas quem foi exatamente Habacuque? O que podemos saber de concreto sobre ele? Pelo menos quatro coisas.

Quem Foi Habacuque?

Em primeiro lugar, só ele, em todas as Sagradas Escrituras, recebe esse nome, que pode significar "abraçado", "abraço" ou "abraço amoroso". Segundo especialistas, seu nome deriva provavelmente de um vocábulo assírio usado para designar uma planta (*hambakuku*) e cujo significado pode ser também e simplesmente "vegetal". Na Septuaginta, seu nome é *Ambakoum*. Jerônimo, no quinto século d.C., afirmou que o nome



do profeta derivava de uma raiz hebraica cujo significado era "segurar", e que recebera esse nome ou por causa do seu amor a Deus ou porque lutara com Ele.

Uma tradição dos rabinos liga o nome do profeta a 2 Reis 4.16, fazendo-o filho da sunamita ("Disse-lhe o profeta: Por este tempo, daqui a um ano, *abraçarás um filho*..."). Outros escritores rabínicos o identificam como o atalaia de Isaías 21.6 e asseguram ser ele da tribo de Levi. Já algumas obras apócrifas dizem que Habacuque pertencia à tribo de Simeão e que nascera em Baitzocar, de onde fugiu para Ostrarine, na Arábia, durante o ataque de Nabucodonosor a Jerusalém.

Eusébio de Cesareia declara, em seu relato sobre a história da Igreja, que existia em Ceila, na Palestina, um suposto túmulo do profeta.[1] Há ainda a lenda apócrifa de Bel e o Dragão, onde Habacuque aparece sendo levado pelos cabelos até Daniel, salvando-o pela segunda vez da cova dos leões (sic)!

Apesar de tudo isso ser nitidamente fantasioso ou no mínimo duvidoso, há algo concreto que podemos extrair daí, e que é a segunda informação sólida que temos sobre Habacuque. Todas essas lendas apontam para o mesmo período histórico, corroborando o que se pode discernir do contexto de seu livro: ele ministrou no sétimo século antes de Cristo.

A terceira informação que podemos inferir sobre a vida desse homem de Deus é que, por se apresentar diretamente como profeta (Hc 1.1), ele era possivelmente membro de alguma Casa ou Escola de Profetas. Essa instituição funcionava como seminário e, além de ensinar, arquivava fatos importantes da vida da nação israelita.

Em outras palavras, além de ter o dom da profecia nos moldes veterotestamentários, tudo indica que Habacuque era um profeta profissional, isto é, uma pessoa preparada para exercer a função profética, diferentemente de boa parte dos profetas canônicos.

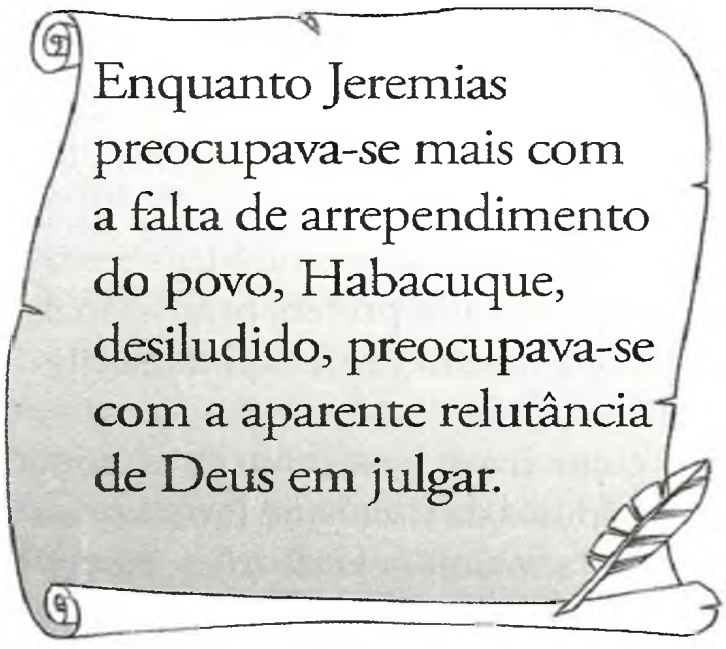
Os profetas canônicos são aqueles cujos livros entraram no cânone bíblico. Provavelmente poucos eram discípulos da Escola de Profetas, ou seja, profetas profissionais. Ao que parece, a maioria era de casos parecidos com o de Amós (Am 7.14,15). Habacuque seria uma das exceções.

No entanto, a quarta informação cimentada que temos sobre esse homem de Deus nos leva mais além: Habacuque era muito mais que um profeta profissional. O final de seu livro deixa claro que, de alguma forma, ele era também habilitado oficialmente a participar da liturgia do Templo: "... Ao mestre de música. Para instrumento de corda" (Hc 3.19).

O termo traduzido no texto citado como "instrumento de corda" é *neginoth*, que tem em si a ideia de tanger um instrumento. Ora, os salmos não eram apenas cantados, também eram entoados. Por isso seus compositores costumavam fornecer, juntamente com suas composições, algumas informações, tais como o instrumento adequado ao cântico, o tom em que ele deveria ser tocado e, às vezes, até a voz mais apropriada. Podemos ver isso nas epígrafes dos salmos 4, 5, 6, 8, 9, 12, 22, 45, 46, 53-62, 67, 69, 75, 76, 80, 81, 84, 88, etc. O Salmo 46, por exemplo, de autoria dos filhos de Coré, deveria ser cantado em voz de soprano; e o 6, de Davi, com instrumentos de corda em tom de oitava.

Esse final do livro de Habacuque mostra que o capítulo 3 de seu livro é um arranjo musical feito por ele mesmo. Logo, acredita-se que ele também era um levita. Talvez fosse membro de um grupo profissional de profetas que estavam ligados ao Templo em Jerusalém, como pode ser visto em 1 Crônicas 25.1: "Davi, juntamente com os chefes do serviço, separou para o ministério os filhos de Asafe, de Hemã e de Jedutum, *para profetizarem com harpas, alaúdes e címbalos*" (ARA).

O texto de 1 Crônicas fala claramente que os cânticos a Deus compostos por aqueles homens separados por Davi eram considerados profecias. Isso é comprovado de maneira marcante em muitas passagens das Sagradas Escrituras, visto que muitos dos cânticos bíblicos são de natureza profética ou de autoria de profetas, como os salmos de Moisés e Davi.



Sem sombra de dúvida, Habacuque é um dos mais singulares profetas de toda a Bíblia. Como profeta discípulo da Casa dos Profetas, compositor e adorador, distinguiu-se dos demais Profetas Menores. E sua distinção se sobressai nas páginas de seu livro.

Estilo Marcante

O livro de Habacuque é tanto vigoroso como comovente. O autor usa ilustrações e comparações cheias de vida (Hc 1.8,11,14,15; 2.5,11,14,16,17; 3.6,8-11). Podemos identificar na obra pelo menos três estilos literários distintos: o diálogo entre o homem e Deus, como vemos em algumas porções do livro de Jó, o que faz lembrar uma espécie de diário (Hc 1.1—2.5); um conteúdo semelhante ao dos demais livros proféticos do Antigo Testamento, na passagem dos cinco "ais" (Hc 2.6-20); e uma parte poética, semelhante aos salmos (Hc 3).

De forma geral, podemos definir esse livro salientando apenas qualquer um dos seus três estilos. Assim, podemos dizer tanto que ele é um diálogo quanto uma profecia ou um poema. O livro destaca a grandeza e a excelência de Deus sobre todas as nações (Hc 2.20; 3.6,12), enfatizando a soberania divina na existência. E destaca com a mesma intensidade a fé (2.4) e a exultação ao Senhor (3.18,19).

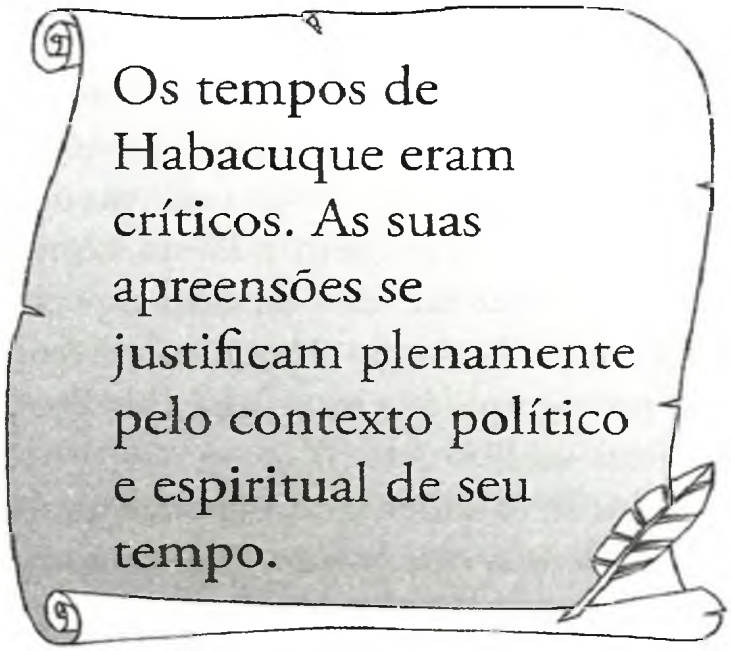
Contexto Histórico, Moral e Espiritual

Os tempos de Habacuque eram críticos. As suas apreensões se justificam plenamente pelo contexto político e espiritual de seu tempo.

Conquanto as datas sugeridas para a profecia de Habacuque vão desde 650 a 330 a.C., a maioria dos estudiosos bíblicos está convencida de que a mais provável é a que se situa entre 609 a.C., no fim do reinado de Josias, e 605 a.C. Por quê?

Há apenas três referências históricas em todo o livro de Habacuque. A primeira se encontra na declaração "Deus está no seu santo templo" (2.20) e a segunda, na nota ao final do livro — "Ao mestre de música. Para instrumento de corda" (3.19). Esses dois textos indicam que o autor profetizou antes de o Templo construído por Salomão em Jerusalém ser destruído em 607 a.C.

Em Habacuque 1.6 temos a outra referência histórica. O texto fala da iminência de um ataque dos caldeus, uma tribo semita que ocupara a região entre a Babilônia e o Golfo Pérsico, sendo por isso denominados babilônios. Posto isso, para chegarmos à data considerada a mais provável, basta considerarmos três fatos: em primeiro lugar, uma possível ameaça babilônica só se tornaria evidente após a destruição de Nínive em 612 a.C.; em segundo lugar, devemos considerar que Josias, que reinou de 639 a 609 a.C., havia sido um bom rei e simpatizava politicamente com os babilônios, tanto que se levantou contra Faraó Neco para estorvá-lo na batalha contra o exército babilônico. Ora, se Habacuque



se mostrou surpreso ao saber que Deus escolhera os caldeus para castigarem a desobediente Judá, temos um sinal de que o profeta escreveu seu livro no fim do reinado de Josias. Judá, nos tempos de Josias, simpatizava com os caldeus. Eles eram vistos, de certa forma, como aliados. Mas, em terceiro lugar, o último detalhe histórico que reforça a possível data é que os primeiros prisioneiros dos babilônios (inclusive Daniel e seus amigos) só foram levados depois da batalha de Carquemis, em 605 a.C. Nabucodonosor vai até o Egito e, retornando, invade Judá. A segunda invasão de Judá só se deu em 597 a.C. O chamado cativeiro babilônico inicia oficialmente em 587 a.C. Ora, Habacuque só admitiu plenamente os caldeus como uma ameaça a Judá depois da réplica de Deus (Hc 1.5—2.1). Logo, a data mais provável é entre 609 e 605 a.C., pois os caldeus já eram vistos como um exército muito poderoso, mas ainda não haviam ameaçado Judá.

Em síntese, esse é o contexto político dos tempos de Habacuque: a Assíria havia derrotado o Reino do Norte e estabelecido o cativeiro. A conquista de Judá parecia uma questão de tempo. No entanto, surge uma nova potência mundial, que se move arrasando o que há em seu caminho, como correnteza impossível de ser represada. São os caldeus. Em pouco tempo, eles sublevaram-se contra os assírios e os esmagaram em confrontos sistemáticos e sucessivos. Em um primeiro momento, Judá se alegra, mas o tiro sai pela culatra.

Outro ponto importante é o contexto moral e espiritual da época de Habacuque. Josias, que governou o Reino do Sul de 639 a 609 a.C., era neto de Manassés, possivelmente o rei mais ímpio de toda a história de Judá. Há quem sustente, concordando com a tradição rabínica, que Habacuque já profetizara mais cedo, durante o reinado de Manassés. Segundo a tradição judaica, ele teria sido um dos profetas aludidos em 2 Reis 21.10 e 2 Crônicas 33.10. De qualquer forma, Josias e Manassés são, sem dúvida, os reis cujas atividades mais marcaram o contexto espiritual e moral da geração do profeta. Manassés expandiu o paga-

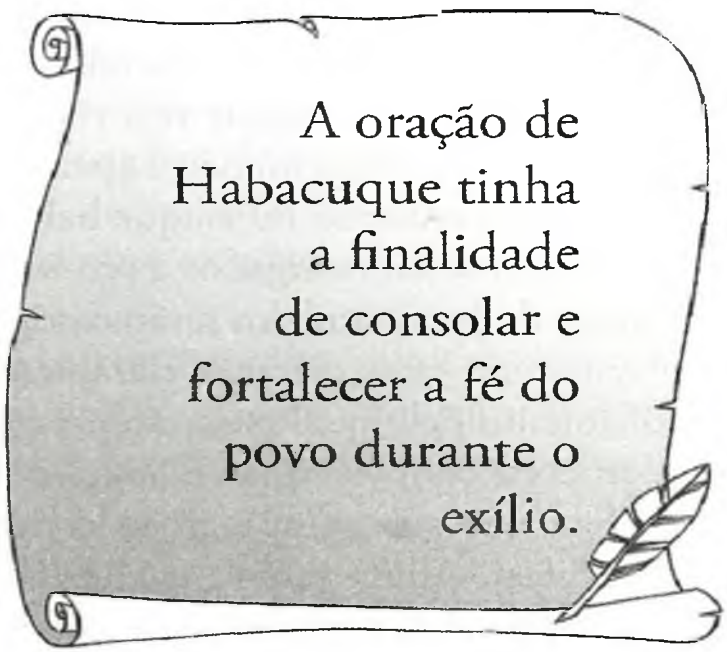
nismo em sua nação, depois ele mesmo se entregou ao culto pagão, abraçando a magia negra do Oriente, tendo até queimado seus filhos como sacrifício. Era agoureiro e tratava com médiuns e feiticeiros (2 Cr 33.1-10). Amom, filho de Manassés, seguiu bem os passos maus do pai (2 Rs 21.19-26; 2 Cr 33.21-25). Seu filho Josias, no entanto, voltou-se para Deus.

Aos 20 anos, Josias começou a fazer suas primeiras reformas (2 Cr 34.3b). Aos 26 anos (2 Cr 34.8), com a descoberta do Livro da Lei, o rei impulsionou suas reformas, as maiores que o Reino do Sul já experimentara. Como contemporâneo de Josias, Habacuque certamente se deixou levar pelo fervor que as reformas inspiravam. Ele acreditou que finalmente a justiça e a confiança no Deus vivo e verdadeiro haveriam de prevalecer em Judá. Um bom sinal disso era que a Assíria, diante dos ataques caldeus, começava a perder a sua força. Porém, de repente, morre Josias. Joacaz, seu filho, assume o trono, mas só reina por três meses. Faraó Neco vem da campanha em Carquemis, depõe Joacaz e coloca seu irmão, Jeoaquim (ou Eliaquim), em seu lugar. Judá começa agora a pagar tributo ao Egito. E pior: a impiedade volta a reinar.

As reformas haviam tido um resultado superficial. Não atingiram em cheio o coração do povo que, mal enterrara seu bom rei, já se entregava de novo ao paganismo. Habacuque fica indignado. O impacto é muito forte. Os fatos desiludem o profeta, traumatizam-no, fragilizam sua esperança.

Habacuque está abalado. Desmancha-se em lamentos. Resolve, então, clamar ao Senhor e o faz desesperadamente. Mas o céu parece de bronze.

O profeta-levita está perturbado por causa da impiedade de Judá. Entretanto, enquanto o coevo Jeremias preocupa-se mais com a falta de arrependimento do povo, Habacuque, desiludido, preocupa-se com a aparente relutância de Deus em julgar. Violência e desconsideração para com a lei de Deus campeiam incontidamente (Hc 1.2-4). O profeta clama, mas Deus parece mudo, distante e insensível ao que está acontecendo.



O Primeiro Enigma e a Resposta de Deus (Hc 1.1-11)

Apesar da insistência do profeta, Deus parece não se mover. Essa indiferença o desnorteia. Deus o permite ver a desgraça de seu povo e se esquiva de agir. Por quê?

"Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? [...] Por que razão me fazes ver a iniquidade e ver a vexação?" (Hc 1.2,3). Esse é o primeiro grande enigma de Habacuque: o silêncio de Deus. Mas a pergunta do profeta não permaneceu sem reposta.

A resposta de Deus ao profeta expressa um dos grandes princípios bíblicos acerca da oração e do relacionamento com Deus: embora algumas vezes pareça que Deus mantém silêncio e é indiferente, deixando o pior acontecer, na verdade Ele está e sempre esteve agindo. A resposta de Deus a Habacuque é que havia um instrumento em suas mãos que já estava em ação e breve seria usado como forma de juízo sobre Judá: os caldeus. Eles invadiriam Judá e a subjugariam. Os ex-vassalos da Assíria seriam a mais nova potência mundial (Hc 1.5-11). É importante salientar, contudo, que os caldeus não seriam apenas o instrumento divino para julgar os judeus. Por intermédio deles, Deus também pretendia executar seu juízo sobre todas as nações que dEle haviam se esquecido (1.6,10).

O Segundo Enigma e a Resposta de Deus (Hc 1.12—2.20)

Depois de ouvir a resposta divina, Habacuque fica perplexo. Um povo mais ímpio do que Israel estaria sendo usado por Deus como instrumento de juízo, e isso obviamente o perturbava. Sua reação foi absolutamente natural: perguntou ao Senhor como poderia ser isso e por quanto tempo os babilônios, após suas conquistas, continuariam dominando (Hc 1.12-17). Deus, então, responde a Habacuque, dizendo que o soberbo perecerá (como os versículos 5 a 20 do capítulo 2 descrevem), enquanto o justo, por sua vez, viverá (2.4). É importante dizer que o soberbo, nessa passagem, não é apenas o caldeu, mas também os ímpios de Judá, que perecerão no ataque babilônico. Porque Deus é santo e justo, os caldeus serão castigados a seu turno. Porque Deus é santo e justo, os ímpios de Judá também serão castigados, e primeiro do que os caldeus.

Além de estar dizendo claramente que os justos de Judá, apesar do sofrimento pelo qual passarão no ataque caldeu, serão poupados (como aconteceu com Jeremias, Daniel e tantos outros), o Senhor mostra ao profeta que sua compreensão concernente à vida espiritual ainda era superficial. Ainda faltava a Habacuque considerar alguns aspectos essenciais da vida com Deus. Sua teologia ainda ignorava nuanças vitais, e

que agora são sintetizadas para o profeta em uma única frase: "O justo viverá pela sua fé".

O justo não vive pelo que vê, sente, percebe, imagina ou pensa, mas pela fé. "Porque andamos por fé e não por vista" (2 Co 5.7). Não que essas coisas não sirvam, vez por outra, para alimentar a nossa fé, mas não podem ser consideradas fundamento para ela. Nossa fé está fundamentada no próprio Deus, em sua Palavra. O justo está baseado nela. Sua sobrevivência e êxito dependem da Palavra de Deus (Sl 1.1-3). Jesus deixou isso bem clarificado em seu Sermão da Montanha, na metáfora das casas edificadas sobre a areia e a rocha (Mt 7.24-27).

Em outras palavras, nenhuma adversidade, por mais intensa e intransigente que seja, é eficiente o bastante para desestruturar a vida daquele que vive sinceramente pela fé. Se a vida do servo de Deus tem por fundamento qualquer coisa que não seja a verdadeira fé, ela desmorona já na primeira intempérie.

Há outros aspectos dessa resposta e que foram abordados com mais profundidade no meu livro *Habacuque — A Vitória da Fé sobre o Caos* (CPAD), que analisa esse livro da Bíblia versículo por versículo. Refiro-me especialmente aos capítulos 7, 8 e 9, que se dedicam apenas ao estudo do versículo 4 do capítulo 2 de Habacuque.

Salmo do Profeta-Levita (Hc 3.1-19)

O terceiro capítulo de Habacuque traz em si peculiaridades marcantes e extremamente singulares. A primeira encontramos logo no primeiro versículo desse capítulo: "Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto" (Hc 3.1).

Esta é uma "oração do profeta". Normalmente, o ministério profético é diferenciado do sacerdotal da seguinte forma: enquanto o sacerdote apresenta diante de Deus as causas humanas, o profeta faz caminho inverso, entregando ao povo aquilo que recebeu do próprio Deus. Assim, o ministério sacerdotal é intercessório, enquanto o profético é caracterizado pela transmissão da orientação divina ao povo. Os dois eram bem definidos e se completavam.

No entanto, na primeira grande marca desse capítulo de peroração, lemos que Habacuque, apesar de ser profeta, exerceu um ministério intercessório. Ele não apenas profetizou, mas também intercedeu fervorosamente pelo seu povo.

Em segundo lugar, o capítulo 3 do livro do profeta-levita é uma oração, mas também é um cântico. Ou melhor: é uma oração canta-

da. Como levita que era, Habacuque sabia da importância do louvor e, nesse caso, sob a inspiração divina, preferiu orar a Deus em forma de cântico.

Qual o objetivo do profeta em registrar essa oração para o seu povo? João Calvino expôs muito bem o porquê:

> Não há dúvida de que o profeta ditou essa forma de oração para o seu povo antes de este ser conduzido para o exílio [...] O profeta, aqui, colocava diante deles as matérias da fé e estimulava-os a orar, e nós sabemos que nossa fé não pode ser fortalecida em um caminho melhor do que através do exercício da oração [...] Ele levantava sua própria oração, mas não de forma privativa, só para ele mesmo ou como algo composto apenas para si; sua oração deveria ter alguma autoridade entre o povo [...] uma forma de oração ditada para eles pela boca do profeta, como o próprio Espírito mostrando-lhes como deveriam orar [...] O Espírito Santo, através do profeta, estava guiando-os e ensinando.[2]

Sem dúvida, a oração de Habacuque tinha a finalidade de consolar e fortalecer a fé do seu povo no exílio, e ela também apresenta, justamente por isso, um valor didático. O povo deveria lembrar-se dessa prece como um padrão a ser seguido. Os judeus precisavam orar a Deus durante o período de cativeiro da mesma forma que o profeta, isto é, com o mesmo propósito, sentimento e fé.

Que possamos seguir seu exemplo, levantando nossa voz não apenas para transmitir a verdade divina, mas também para clamarmos em favor dos que ouvem a mensagem de Deus.

---

[1] CESAREIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

[2] CALVIN, John. **Commentaries on the twelve minor prophets by John Calvin**. vol. IV. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1950.

10

Sofonias
O Instrumento Divino para Despertar as Reformas de Josias e um Anunciador do "Dia do Juízo" e da Restauração Final

Silas Daniel

Sofonias, cujo nome significa "O Senhor esconde", foi um dos principais profetas de sua geração e um homem de linhagem nobre. Não por acaso, ele é o único profeta do Antigo Testamento que abre o livro de sua profecia apresentando uma longa árvore genealógica. Ele a traça até o seu tataravó Ezequias, o rei de Judá (Sf 1.1). Isso quer dizer que Sofonias era, como Isaías o foi também em seus dias, um palaciano — só que um palaciano de família real, um descendente de Davi.

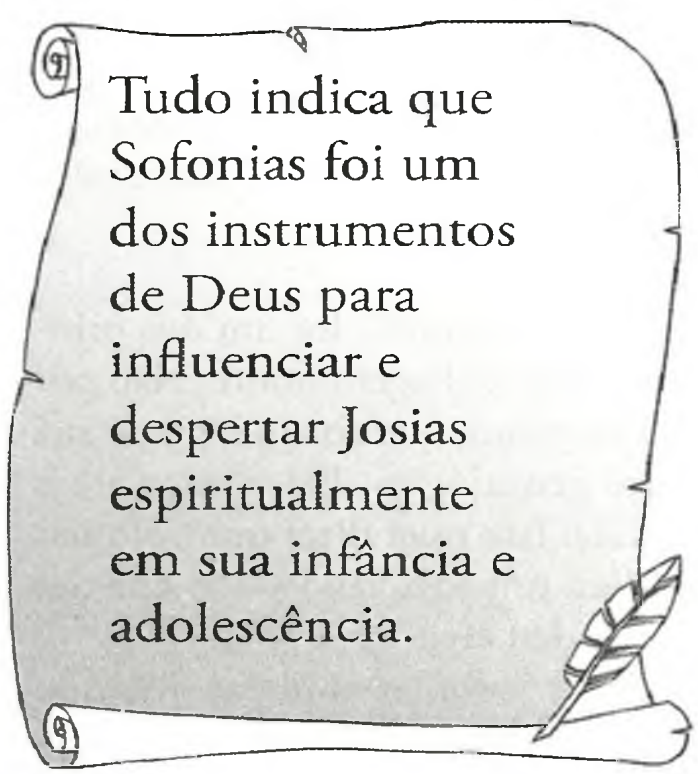
Ainda na abertura do livro, encontramos Sofonias também situando seus leitores quanto à época e ao local do exercício de seu ministério pro-

fético. Ele registra que profetizou nos dias do rei Josias (Sf 1.1) — isto é, de 639 a.C. a 609 a.C. — e chama Jerusalém, capital do Reino de Judá, como "este lugar" (Sf 1.4), o que denota que morava nessa cidade. Era um homem de Jerusalém, de linhagem real, palaciano e chamado por Deus para um ministério profético que marcaria sua geração, como o seu contemporâneo de ministério profético, o levita e profeta Jeremias, mais jovem do que ele, também marcou.

O Contexto e o Propósito da Profecia de Sofonias

Nos dias de Josias, sabemos que houve um período de avivamento e reforma em Judá (2 Cr 34—35) e, ao que tudo indica, Sofonias participou intensamente desse processo, antecipando-se a ele, profetizando sobre os pecados de Judá e as mudanças que a nação precisava, como podemos ver em passagens como a dos versículos 4 e 5 do capítulo primeiro. Os versículos de 4 a 13 do capítulo 1 e os primeiros sete versículos do capítulo 3 são todos de denúncias de pecados que grassavam em Judá e de pregação de arrependimento e reformas que só se concretizariam nos dias de Josias.

Por ter acesso ao palácio, com certeza as profecias de Sofonias devem ter chegado aos ouvidos do rei Josias e encontrado eco no seu coração, inspirando-o a realizar as reformas que necessitava fazer. A Bíblia nos informa que, ainda aos 8 anos de idade, Josias começou a buscar ao Senhor (2 Cr 34.2) e, com certeza, sua busca a Deus o tornou sensível à mensagem profética. Talvez até o próprio Sofonias tenha sido um instrumento de Deus para influenciar e despertar Josias espiritualmente em sua infância e adolescência.



Pouco tempo após as profecias de Sofonias, as reformas de Josias começaram. Elas tiveram início no décimo segundo ano do seu reinado, o que põe sua execução por volta do ano 627 a.C. (2 Cr 34.3). Essa primeira fase das reformas durou seis anos (2 Cr 34.8), e o paralelo entre o que representaram e as profecias de Sofonias é extremamente significativo, isso porque se percebe

claramente que o conteúdo que o profeta recebera de Deus para entregar ao povo quanto ao que precisava ser feito (Sf 1.4-6) foi materializado e executado cabalmente pelo reinado de Josias (2 Cr 34.3-7).

O evento que catalisou a segunda e grande fase dessas reformas foi, como sabemos, a descoberta do Livro da Lei no Templo do Senhor (2 Cr 34.8-21). Diz a Bíblia que, ao acompanhar a leitura do texto sagrado, o jovem rei logo percebeu ainda mais a enormidade do pecado do seu povo e conclamou-o ao arrependimento e a mais reformas necessárias (2 Cr 34.8—35.19).

No momento da leitura do texto sagrado, Josias mui provavelmente deve ter se lembrado das profecias de Sofonias, só que este, ao que tudo indica, já era falecido nessa época, posto que quando o rei ordena ao sumo sacerdote Hilquias, a Aicão, a Abdom, a Safã, o escrivão, e a Asaías, ministro do rei, que procurem um profeta do Senhor para consultarem a Deus sobre o assunto, estes não procuram o profeta Sofonias, que seria a primeira escolha, aquela mais provável, mais buscam a profetisa Hulda, que também morava em Jerusalém (2 Cr 34.21,22). Logo, tudo leva a crer que Sofonias já era falecido quando da segunda fase de reformas de Josias. Por essa época, Jeremias já devia ter cerca de cinco anos de ministério profético. Ou seja, Deus não deixou o seu povo sem voz profética nesse período: sai o ancião Sofonias, entra o jovem Jeremias.

A maioria dos expositores bíblicos coloca, por todos esses fatores, a profecia de Sofonias por volta do ano 630 a.C., isto é, três anos antes do início da primeira fase de reformas de Josias; e a morte do profeta, durante a realização dessa primeira fase de reformas, quando o ministério de Jeremias estava começando.

Divisão do Livro

O Livro de Sofonias é marcado por um estilo poético belo, que denota as qualidades culturais de seu autor. Como sabemos, Deus inspirou de forma única os autores das Sagradas Escrituras, mas, obviamente, respeitando as suas características próprias ao escreverem. Além de Sofonias, há diversos outros exemplos. Por ser o profeta Isaías um homem culto e palaciano, quem tem condições de ler o livro de sua profecia no original hebraico logo percebe que este foi escrito em um estilo mais culto, enquanto por ser o profeta Amós um homem mais simples, boiadeiro e agricultor, percebe-se que o seu texto no hebraico é mais simples. A mesma diferença cultural pode ser vista entre o texto grego das Epístolas de Paulo e de Pedro.

Para fins práticos, a profecia de Sofonias pode ser dividida, pelo menos, em três partes:

1) O juízo de Deus contra Judá e o juízo vindouro sobre as nações (1.1—2.3);

2) O juízo de Deus contra diversas nações gentias (2.4-15);

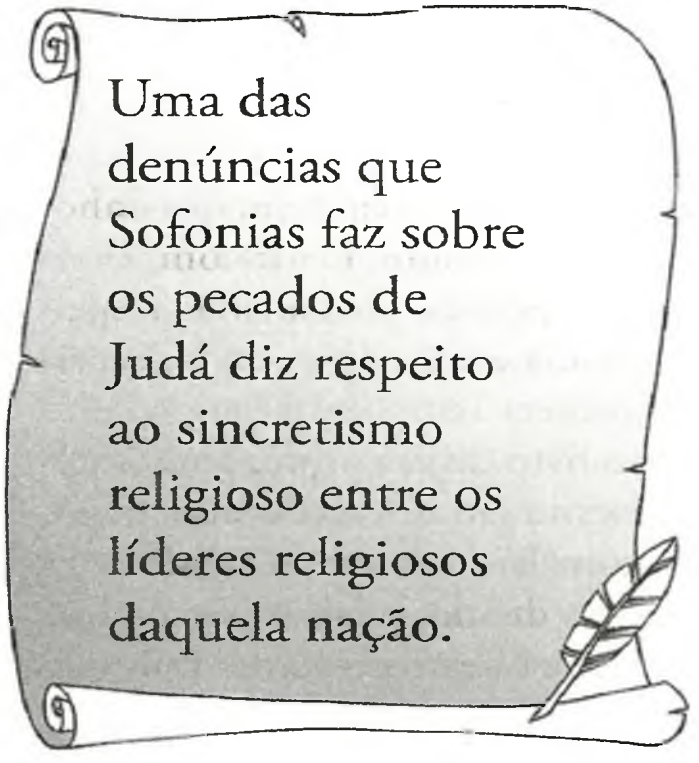
3) O castigo e a restauração de Jerusalém (3.1-20).

Na primeira parte, um juízo impetuoso é anunciado contra Judá por sua idolatria e contra as demais nações. Na segunda parte, os alvos específicos são a Filístia, Moabe, Etiópia, Amom e a Assíria. Na terceira parte, após mais uma chamado ao arrependimento direcionado a Judá, segue-se a promessa de restauração dos judeus a partir de seus remanescentes fiéis.

O Juízo de Deus contra Judá (Sf 1.4-13)

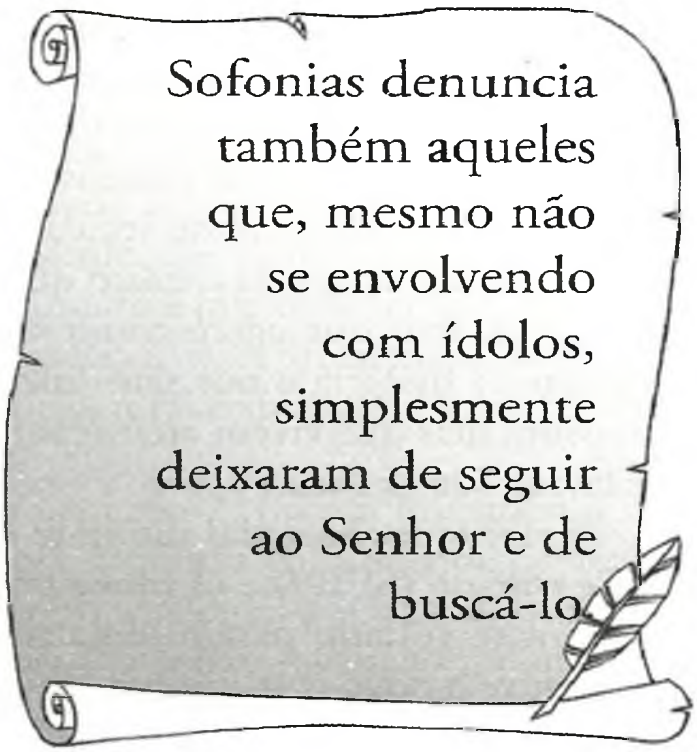
Uma das denúncias que Sofonias faz sobre os pecados de Judá diz respeito ao sincretismo religioso entre seus líderes religiosos. Afirma o profeta que os sacerdotes estavam exercendo duplo e contraditório ofício sacerdotal: cultuavam, ao mesmo tempo, a Jeová e a deuses pagãos: "... e exterminarei deste lugar [Jerusalém] o resto de Baal e o nome dos quemarins com os sacerdotes" (Sf 1.4).

A expressão "quemarins" é a forma plural do hebraico *komer*, que é utilizada aqui em referência a sacerdotes pagãos. Trata-se de ministradores dos ídolos. Ou seja, alguns sacerdotes de Jeová haviam aceitado a ideia de ministrar também em altares erguidos a deuses pagãos. Ainda hoje, tal prática se repete quando obreiros do Senhor acham nada demais trazer para a igreja, para sua liturgia e para as mensagens a serem pregadas na Casa do Senhor, elementos e recursos do culto pagão. Isso é sincretismo religioso, é misturar o santo com



o profano, a luz com as trevas. Como exorta Paulo,

> Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. (2 Co 6.14-18)



Outro ponto denunciado por Sofonias é o mero formalismo religioso dos crentes em Judá, que os levou ao politeísmo. Ele se refere àqueles que "se inclinam jurando ao Senhor e juram por Malcã" (Sf 1.5). Isso quer dizer que muitas pessoas em Judá, que provavelmente haviam começado transformando o seu fervor religioso em uma religiosidade meramente formal — manifestada só de lábios, mas não de vida —, com o passar do tempo acabou também passando a achar nada demais adorar a Jeová e aos deuses pagãos ao mesmo tempo. O seu mero formalismo religioso acabou levando-os ao politeísmo. Eles chegaram ao ponto de se inclinar para jurar a Jeová, mas achando nada demais logo depois jurar também ao deus pagão Malcã (mais conhecido como Moloque, mas que também era chamado de Milcom; era o deus dos amonitas — 1 Rs 11.5-7). Deus perdera a exclusividade no coração deles, e tudo começou a partir do dia em que passaram a servi-lo não mais de fato, mas apenas de palavras.

Sofonias assevera ao povo que Deus rejeita aqueles que, embora se identifiquem como seus seguidores, também praticam a imoralidade e o paganismo, e que ainda acham tudo isso nada demais, não vendo contradição alguma em suas atitudes. O castigo divino seria certo se o povo não se arrependesse. A idolatria, o politeísmo e o sincretismo religioso deveriam ser extirpados de Judá.

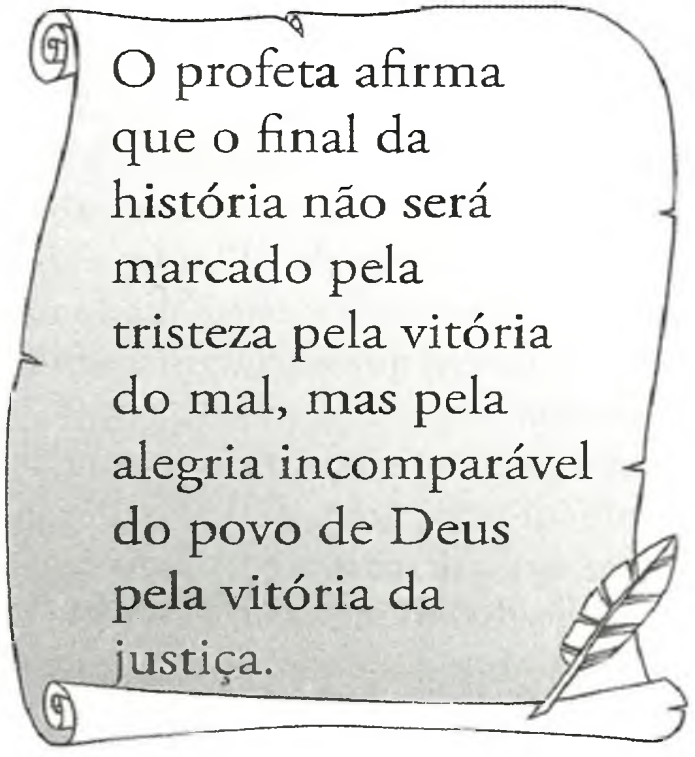
Na sequência, Sofonias denuncia também aqueles que, mesmo não tendo experimentado nenhum envolvimento com ídolos, simplesmente deixaram de seguir ao Senhor e de buscá-lo, e "nem perguntam mais por Ele" (Sf 1.6). Isto é, são pessoas que arrefeceram na fé a ponto de viverem uma vida meramente secularista, sem preocupação com a vontade de Deus para suas vidas. Claro que não são pessoas que não creem mais em Deus, mas que agem como se não acreditassem mais na sua intervenção na história e nos seus juízos. Não são pessoas que professam o ateísmo, mas que vivem ateisticamente. São ateístas práticos. Em outras palavras, são deístas.

Finalmente, Sofonias dirige-se ao povo para denunciar a sua violência e engano (Sf 1.9) e os filhos ímpios dos reis Manassés e Amom, que haviam se voltado para a idolatria, inclusive com a prática de desfilarem entre o povo com roupas que os identificavam como adoradores de deuses pagãos. Esse é o significado da expressão "vestidura estranha" (Sf 1.8). Os negociadores saqueadores ("carregadores de dinheiro", Sf 1.11) também são mencionados.

Em síntese, a profecia de Sofonias se dirige tanto àqueles religiosos que passaram a adorar, ao mesmo tempo, a Jeová e a outros deuses, como se isso fosse possível, de fato; como àqueles outros dentre o povo que simplesmente deixaram de adorar a Jeová, seguindo os seus próprios caminhos sem Deus.

Eis os terríveis dias de Judá antes das reformas de Josias.

O juízo de Deus sobre os enganadores, violentos, idólatras e roubadores seria poderoso (Sf 1.7—2.3). E os crentes que se tornaram deístas (Sf 1.6), passando a viver uma vida de pecado como se nunca o juízo de Deus pudesse vir sobre eles ("O Senhor não faz bem nem faz mal", Sf 1.12), também sofreriam fortemente o juízo divino (Sf 1.12,13). O povo seria como um sacrifício a ser devorado e cujos convivas, preparados pelo Senhor para devorar o sacrifício, seriam os invasores de Judá (Sf 1.7).



O Juízo Vindouro sobre as Nações do Mundo e o Julgamento de Povos Específicos (Sf 1.2,3,14-18; 2.1-15)

Em alguns momentos de sua profecia, permeada da expressão escatológica "Dia do Senhor", Sofonias alude ao Julgamento das Nações. Nos versículos 2 e 3 do primeiro capítulo, ele já menciona esse juízo global, e o assunto volta no final do primeiro e início do segundo capítulo (1.14—2.1-3). O texto fala de "desolação" (1.15), homens andando "como cegos" (1.17) e de "uma destruição total e apressada" sobre "todos os moradores da terra" (1.18).

Porém, a partir do versículo 4 do capítulo 2, há um julgamento de nações específicas. O julgamento sobre a Filístia compreende os versículos 4 a 7. As quatro cidades citadas no versículo 4 (Gaza, Asquelom, Asdode e Ecrom) pertenciam aos filisteus, que habitavam ao sudoeste de Judá, na costa do mar Mediterrâneo.

O juízo sobre Moabe e Amom é assunto dos versículos 8 a 10. Esses povos, lembra Deus, haviam escarnecido do povo do Senhor (2.10) e pagariam por essa sua soberba e por toda a sua impiedade. Os etíopes também são alvos do juízo divino (2.12). E, posteriormente, no Livro de Ezequiel, lemos que "a absorção dos territórios de Amom e Moabe está claramente pressuposta nas distribuições de terra no Milênio (Ez 45.1-25; 47.13—48.35)".[1]

Acerca do juízo de destruição da Assíria (2.13-15), este se cumpriu apenas dezoito anos após a profecia de Sofonias, mais precisamente no ano 612 a.C.

O Castigo e a Restauração de Jerusalém (Sf 3.1-20)

O julgamento de Jerusalém volta a ser abordado ao final do livro. Deus inicialmente destaca que o povo de Israel, infelizmente, não dava ouvidos aos seus alertas (Sf 3.2), nem mesmo diante do cumprimento de outros castigos divinos profetizados sobre outras nações (Sf 3.6,7). Ademais, a descrição que Deus faz da corrupção das principais autoridades civis e religiosas do povo demonstra o terrível estado daquela nação: príncipes e juízes corruptos e opressores, profetas levianos e aleivosos, aproveitadores, enganadores; e sacerdotes profanos e que violentam a Lei (Sf 3.3,4).

Mas a profecia de Sofonias termina com uma mensagem de esperança, de restauração. Deus primeiro fala do Julgamento das Nações mais uma vez, anunciando que este será seguido por uma conversão mundial

e a instituição do culto universal a Jeová (Sf 3.8-10). Por sua vez, Israel será uma nação santa, humilde e completamente voltada para Deus (Sf 3.12,13).

Deus punirá os inimigos de Israel e retirará a sua mão de juízo sobre o seu povo (Sf 3.15), e habitará para sempre no meio dele (Sf 3.17). A consequência disso é que a sorte do povo de Israel será completamente mudada (Sf 3.18-20).

Ressalta Sofonias que haverá regozijo e alegria extraordinários quando Cristo retornar (Sf 3.14-17). Ou seja, o final da história não será marcado pela tristeza pela vitória do mal, mas pela alegria incomparavelmente incomparável do povo de Deus pela vitória da justiça.

[1] **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 970.

11

Ageu
Um Chamado de Retorno ao Compromisso com Deus

Silas Daniel

Introdução

O Livro de Ageu pode ser definido como um chamado de retorno ao compromisso do povo de Deus com seu Senhor. Ele foi o primeiro profeta que Deus levantou após a volta dos judeus do exílio babilônico, e é um dos poucos profetas cujas datas de suas profecias podem ser determinadas com exatidão, porque Ageu registrou-as todas em seu livro. Foram, ao todo, quatro mensagens em seu ministério.

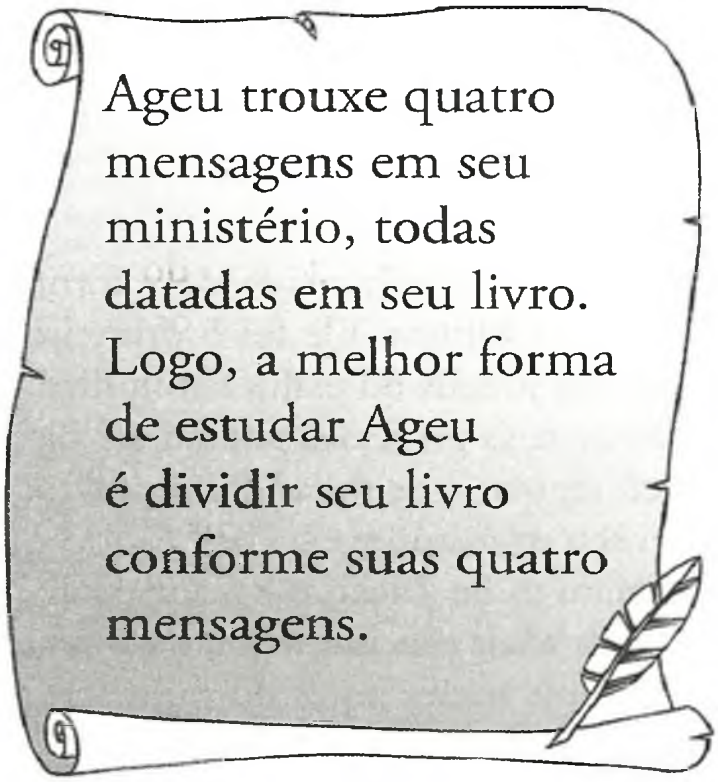
Após o ministério de Ageu, se seguiriam os de Zacarias — que profetizou juntamente com ele — e Malaquias. Mais precisamente, o profeta Ageu começou o seu ministério apenas dois meses antes do ministério do profeta Zacarias (Ag 1.1 c/c Zc 1.1).

Ageu é mencionado duas vezes por Esdras, e em uma dessas vezes juntamente com o profeta Zacarias (Ed 5.1; 6.14). Tudo leva a crer que ele era bem idoso quando começou o seu ministério profético, pois Ageu fala do Templo de Salomão como se o tivesse visto (Ag 2.3). Por isso, muitos expositores bíblicos acreditam que Ageu deveria ter mais de 70 anos de idade quando começou a profetizar.

Contexto e Propósito do Livro

Em 586 a.C., Jerusalém foi destruída por Nabucodonosor em sua terceira investida contra Judá. O cativeiro duraria até 538 a.C., quando Ciro, rei da Pérsia, que havia derrotado os caldeus, promulga um decreto permitindo o retorno dos exilados judeus para a sua terra. Apenas dois anos após esse decreto, o povo que retornara inicia a reconstrução do Templo de Jerusalém. Porém, seis anos depois, no ano 530 a.C., essa obra, ainda inconclusa, é interrompida, porque Cambises — sucessor de Ciro, que falecera — decretou o embargo da obra de reconstrução, dando ouvidos a denúncias falsas de povos vizinhos inimigos de Israel.

Somente após o falecimento de Cambises, quando Dario Histaspes assume o Reino da Pérsia, o povo judeu recebe autorização de novo para reconstruir o Templo. Só que em vez de os judeus voltarem-se para o projeto de reconstrução, relaxam totalmente. Eles invertem suas prioridades e começam a se preocupar mais em adornar suas próprias casas e fazer crescer seus negócios pessoais. Simplesmente, abandonam o compromisso que haviam assumido, logo quando voltaram do exílio, de reconstruir o Templo do Senhor.



O tempo se passa e vem um período de seca e escassez sobre o povo judeu, que acaba voltando-se para Deus para saber o porquê de Ele ter permitido que esses males sobreviessem ao seu povo. É, então, o ano de 520 a.C. e já haviam se passado, portanto, dez anos da interrupção da reconstrução do Templo. É nesse contexto que Deus levanta o ancião Ageu como profeta para responder à pergunta do seu povo, para conclamá-lo ao

arrependimento e para despertá-lo a voltar ao seu compromisso de reconstruir o Templo em Jerusalém.

Nessa época, o governador de Israel era Zorobabel e o sumo sacerdote chamava-se Josué (Ag 1.1). Ambos aparecem também no Livro de Zacarias.

Divisão do Livro

Como adiantamos na introdução, Ageu trouxe quatro mensagens em seu ministério, todas datadas por ele em seu livro. Logo, a melhor forma de estudar o Livro de Ageu é justamente dividindo-o em quatro partes, sendo cada porção uma de suas quatro mensagens. Dessa forma, podemos dividi-lo da seguinte maneira:

1) Primeira mensagem: A repreensão divina pelo povo ter abandonado o compromisso de reconstruir o Templo (Ag 1.1-15);

2) Segunda mensagem: A promessa divina de maior glória para o segundo Templo (Ag 2.1-9);

3) Terceira mensagem: Um chamado à verdadeira santidade (Ag 2.10-19);

4) Quarta mensagem: Uma promessa de segurança para Israel (Ag 2.20-23).

A seguir, analisaremos sinteticamente cada uma dessas mensagens e sua aplicação para a nossa vida hoje.

Primeira Mensagem: Chamado de Retorno ao Compromisso de Reconstruir o Templo (Ag 1.1-15)

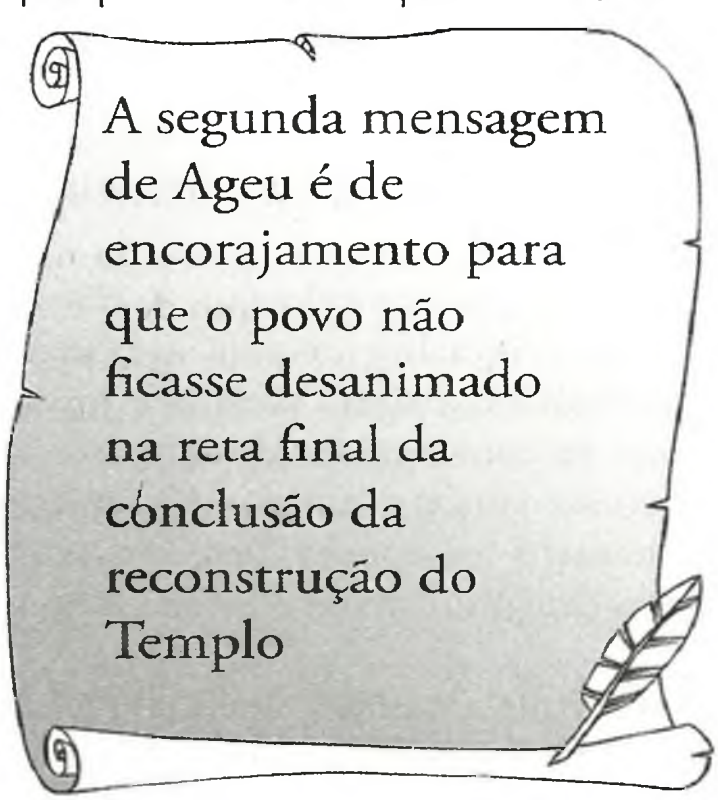
A primeira profecia de Ageu foi proferida no segundo ano do reinado de Dario Histaspes, e era direcionada originalmente para os líderes do povo pós-exílio: o governador Zorobabel e o sumo sacerdote Josué (Ag 1.1). Primeiro os líderes deveriam se conscientizar do que estava acontecendo para, em seguida, o povo ser conclamado a ouvir aquela mensagem. Zorobabel e Josué eram homens tementes a Deus e deram ouvidos à mensagem do Senhor tanto pelo ministério de Ageu como pelo ministério de Zacarias.

A primeira coisa para a qual Deus chama a atenção nessa primeira mensagem dada pela instrumentalidade de Ageu é o argumento usado

pelo povo para adiar o projeto de reconstrução do Templo: "Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa do Senhor deve ser edificada" (Ag 1.2). Ou seja, para o povo, a Casa do Senhor não era prioridade. Consideravam mais importante adornar suas casas (Ag 1.3). Deus então os conclama a atentar para os seus caminhos (Ag 1.4) e responde à pergunta dos judeus sobre o porquê de Ele ter permitido que a seca e a escassez os atingissem: era fruto de sua desobediência, de sua atitude de descompromisso com as coisas de Deus, do deixar a vontade do Senhor em segundo plano, de priorizar os projetos pessoais deles em detrimento da vontade de Deus (Ag 1.5-11). Ainda hoje isso não acontece?

Quantas vezes, logo depois que a tribulação passa (representada aqui pelo exílio babilônico), quando uma relativa calmaria se instala e as coisas começam a caminhar bem na vida do crente, ele acaba esfriando em sua vida espiritual, deixando em segundo plano a vontade de Deus para sua vida e dedicando-se tão somente à concretização de seus projetos pessoais? Então, quando isso acontece, muitas vezes Deus permite que adversidades nos sobrevenham para que nos voltemos para Ele e nos lembremos de honrar o compromisso que fizemos com o Senhor. As prioridades de Deus devem estar sempre acima de nossas prioridades; as conveniências de Deus devem estar acima de nossas conveniências; a vontade de Deus deve estar acima de nossos caprichos.

Após essa profecia ser entregue a Zorobabel e Josué, e por meio deles ter chegado ao povo (Ag 1.12), Ageu registra que houve arrependimento por parte de todo o povo e de seus líderes, que imediatamente recomeçaram o projeto de reconstrução do Templo de Jerusalém. Inclusive, estes foram em seguida animados por Deus, por intermédio de Ageu para que não esmorecessem nesse projeto, porque Deus estava com eles para os fazer prosperar (Ag 1.13-15).



Nessa passagem, Ageu é chamado de "embaixador" (Ag 1.13). No original hebraico, o vocábulo aqui é *mal'ākh*, que significa "mensageiro" (com missão diplomática, como os servos de Jacó em Gênesis 32)

ou "anjo". Essa expressão aparece sendo usada outras vezes para profetas em Isaías 44.26 e Malaquias 3.1, e também para designar sacerdotes em Eclesiastes 5.6 e Malaquias 2.7.[1]

Segunda Mensagem: A Maior Glória para o Segundo Templo (Ag 2.1-9)

A segunda mensagem de Ageu, dirigida originalmente também a Zorobabel e Josué, é de encorajamento para que o povo não ficasse desanimado na reta final da conclusão da reconstrução do Templo. Esse encorajamento não significava tanto que o povo agora estava novamente disposto a parar, mas, sim, que estava triste pelo fato de que o novo Templo não teria, pelos poucos recursos que os judeus pós-exílio tinham àquela época, a mesma riqueza de materiais e grandiosidade que tivera o lendário Templo erguido pelo rei Salomão.

Deus diz que estaria com eles, que não temessem (Ag 2.4,5) e que a glória do segundo Templo seria maior do que a do primeiro (Ag 2.9). Sobre essa profecia da "glória da segunda Casa", ela foi cumprida parcialmente por ocasião da encarnação de Cristo, quando este mesmo Templo erguido na época de Ageu, já reformado por Herodes, receberia o Filho de Deus encarnado e seria palco de milagres efetuados pelo ministério de Cristo e dos apóstolos. Porém, essa profecia parece apontar também para um futuro mais distante, quando o Templo reconstruído se encherá de uma glória nunca antes experimentada após a execução do juízo divino sobre as nações e o estabelecimento do Milênio, pois, nessa passagem, há também uma referência a um juízo futuro sobre as nações na expressão "tremer todas as nações", tremor este que será acompanhado pela inauguração de um novo tempo, que, sabemos, só poderá ser realizado pelo Messias em seu retorno.

Chama a atenção que, em toda essa segunda mensagem, Deus não é chamado apenas algumas vezes de "Senhor dos Exércitos", como nas outras três mensagens, mas em toda essa mensagem Ele é assim denominado, como uma forma de enfatizar ao povo de Israel o fato de que mesmo sendo este muito pequeno em seu retorno do exílio, o Deus a quem servia era muito grande. Simplesmente, Ele é o Senhor dos Exércitos, o Criador dos céus e da terra, e de tudo que neles há; o Senhor da história, aquEle que faz "tremer todas as nações" (Ag 2.7) e que é o dono do ouro e da prata, isto é, de todas as riquezas (Ag 2.8).

> Sobre a expressão "virá o desejado de todas as nações" (Ag 2.7), sua interpretação é controversa. Muitos intérpretes entendem

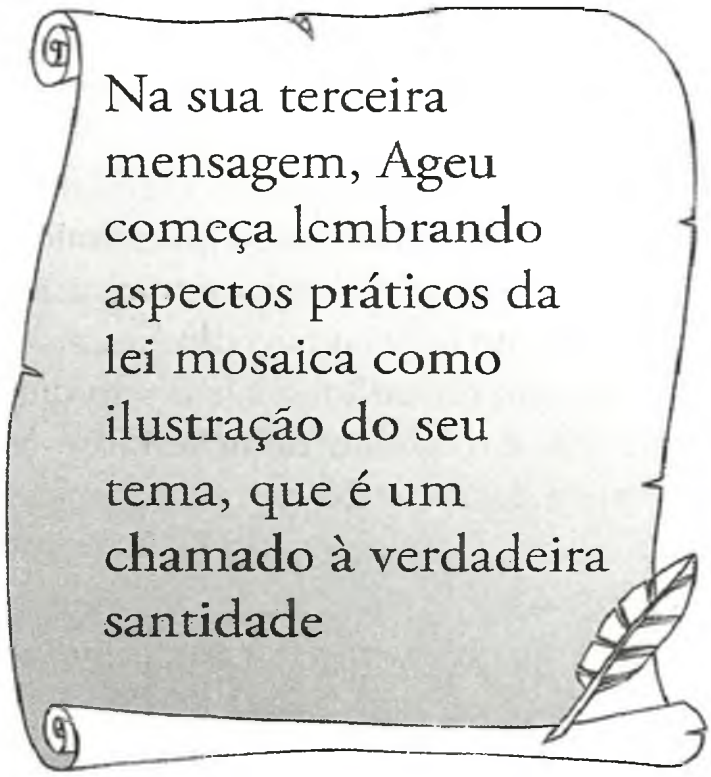
que aqui há uma alusão a Jesus, porém "algumas versões traduzem a expressão como 'as coisas preciosas de todas as nações virão' (versão RA). Isso encontra respaldo na construção da sentença em hebraico. O verbo 'virá' está no plural; portanto, a palavra 'desejado' não pode se referir a uma pessoa individualmente. Esse versículo é melhor interpretado como uma referência às nações que um dia trarão suas ofertas a Deus, a fim de serem consagradas para o seu serviço".[2]

Terceira Mensagem: Um Chamado à Verdadeira Santidade (Ag 2.10-19)

A terceira mensagem de Ageu começa lembrando aspectos práticos da lei mosaica como ilustração do seu tema, que é um chamado à verdadeira santidade.

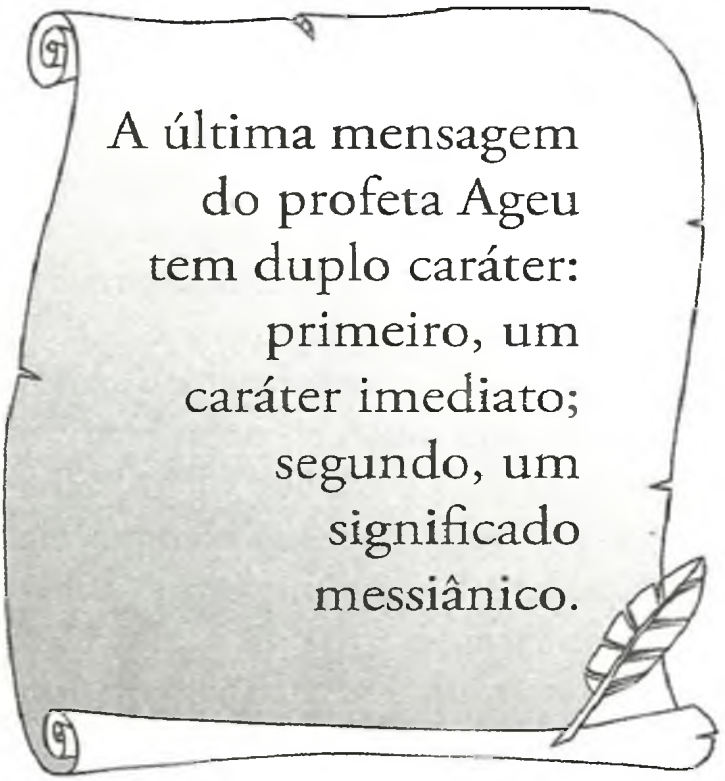
Ageu começa lembrando que coisas santificadas não têm o poder de santificar outras coisas pelo mero contágio, ao passo que o pecado costuma afetar e contaminar tudo à sua volta, como ensinava o ritual das purificações da lei mosaica. Logo, a mensagem clara é que a santidade não contagia outros, mas o pecado sim, e que por isso o povo deveria ter cuidado para não se deixar contaminar pelo pecado novamente e procurar viver uma vida de verdadeira santidade a Deus (Ag 2.11-14).

Afirma Ageu que não adiantava o povo oferecer sacrifícios se não havia real disposição em cortar o pecado de suas vidas, se não havia real arrependimento (Ag 2.14). Os sacrifícios não teriam significado, não seriam suficientes, se não houvesse uma busca sincera do povo em viver segundo a vontade de Deus, como Davi já dissera antes em seu célebre Salmo de arrependimento (Sl 51.16,17).



Por fim, Ageu arremata lembrando ao povo que a seca e a escassez os atingiu por causa da desobediência, mas que Deus restauraria a sorte dos remanescentes (Ag 2.16-19), desde que essa volta sincera para Deus fosse

uma realidade acompanhando a reconstrução do Templo: "Agora, pois, aplicai o vosso coração a isso, desde este dia em diante, antes de pordes pedra sobre pedra no Templo do Senhor" (Ag 2.15).



Quarta Mensagem: Uma Promessa de Segurança para Israel (Ag 2.20-23)

A última mensagem do profeta Ageu tem duplo caráter: primeiro, um caráter imediato; segundo, um significado messiânico.

Em um primeiro plano, Deus está trazendo uma mensagem de segurança a Zorobabel e ao povo de Israel, dizendo que, nos próximos anos, muitas nações seriam abaladas, haveria turbulências, como aconteceram antes, mas o povo estaria em segurança e Deus confirmaria o governo de Zorobabel (Ag 2.20-23). Mas, em segundo plano, Ageu parece também apontar para o futuro, quando as nações serão turbadas e, ao final, o Messias, descendente de Zorobabel, que era descendente de Davi — e que, portanto, representava simbolicamente o Messias —, haveria de vir e reinar, estabelecendo a segurança plena e definitiva para o seu povo Israel (Ag 2.23).

Mais uma vez, a mensagem profética começa falando de uma realidade imediata para, depois, o profeta apresentar esse contexto imediato como carregado de um simbolismo que vislumbra uma promessa ainda maior, escatológica, relativa ao final da história. Em outras palavras, é mais uma vez a afirmação de que Deus é o Senhor do ontem, do hoje e do futuro; e de que Ele se preocupa com os detalhes do agora ao mesmo tempo em que não perde o controle sobre o contexto mais amplo da existência, sobre os desdobramentos do fim dos tempos. Ele é o Senhor!

[1] **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1749.

[2] Idem, p. 973.

12

Zacarias
O Profeta Messiânico e a Segurança Futura de Israel

Silas Daniel

O livro de Zacarias é preponderantemente escatológico. O seu contexto histórico é o mesmo de Ageu, mas a diferença é que enquanto Ageu trazia mensagens da parte de Deus que, em sua maioria, remetiam aos problemas imediatos do povo, com apenas alguns vislumbres de um futuro bem mais distante, as profecias de Zacarias eram, em sua maioria, voltadas para esse futuro mais amplo e remoto.

Por outro lado, o propósito imediato dessas revelações escatológicas dadas por Deus a Zacarias era também responder a um estado pelo qual o povo de sua época passava. Esse futuro escatológico foi apresentado por Deus com o objetivo original de consolar e animar os judeus em seu estado de vicissitudes experimentado naquelas primeiras décadas pós-exílio. Deus queria que o povo soubesse que aquela situação desalentadora pós-exílio não era o final da história,

que o fim de Israel seria especial e, portanto, valiam a pena os esforços empreendidos no presente.

O povo deveria levantar a cabeça e olhar para a frente com esperança, porque o final de Israel seria glorioso. Agora, os judeus estavam sem rei, despojados e sob o governo de um povo estrangeiro, mas, no futuro, a nação seria completamente restaurada e se tornaria, inclusive, a sede do governo do Messias sobre toda a Terra (Zc 2.10-13 e capítulo 8). Essa mensagem trouxe ânimo ao povo para que terminasse a reconstrução do Templo (Ed 5.1). Esse reinício começou durante o ministério de Ageu, que antecedera em dois meses o ministério de Zacarias (Ag 1.1 c/c Zc 1.1). Este, por sua vez, teve um ministério profético mais longo do que o de Ageu.

Finalmente, em um segundo plano, essas profecias deveriam também ser registradas para a posteridade com o objetivo de fazer com que o povo de Deus, durante a história, se conscientizasse do plano divino para o fim dos tempos, sobretudo no que concerne ao futuro de Israel. Não por acaso, o tema central do livro, enfatizado nos últimos capítulos, é o Messias.

Eis o contexto e o propósito do Livro de Zacarias. Nas próximas páginas, nos deteremos na análise do conteúdo e do significado de suas mensagens. Porém, antes disso, é preciso apreciar, para fins práticos de estudo, como podem ser divididas as suas profecias.

Uma Divisão Prática do Livro

Uma divisão fundamental do livro de Zacarias é a que o divide em dois compartimentos: o primeiro, do capítulo 1 ao 6, é composto de mensagens entregues por visão; e o segundo, que vai do capítulo 7 ao 14, é composto de mensagens entregues por palavra. Entretanto, a divisão mais didática e usual é a que esmiúça o livro em pelo menos três partes. O teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman, que é um dos que adotam essas três seções, as designa de forma bem prática, a qual reproduzo aqui:[1]

1) Seção simbólica: visões de esperança (capítulos 1 a 6);

2) Seção prática: exortações à obediência e à piedade (capítulos 7 e 8);

3) Seção profética: promessas de glória por meio da tribulação (capítulos 9 a 14).

A primeira seção consiste em visões proféticas noturnas atinentes ao período de reconstrução do Templo. A segunda seção compreende exortações divinas sobre a necessidade de uma vida de santidade e comunhão com Deus. Já a terceira e última seção apresenta profecias relativas ao Messias e ao futuro de Israel.

Visões de Esperança (Capítulos 1 a 6)

Como Jeremias, Ezequiel e provavelmente Habacuque, Zacarias era de família sacerdotal. Ele era filho de Baraquias e neto de Ido (Zc 1.1), sendo cabeça sacerdotal da descendência de seu avô (Ne 12.16). Ele serviu em Jerusalém no pós-exílio tanto como sacerdote quanto como profeta.

As profecias dos capítulos 1 a 6 acontecem no período de 520 a.C. a 518 a.C., período de reinício da reconstrução do Templo. Essas mensagens alinham-se ao propósito das profecias de Ageu, que era de encorajar os cerca de 50 mil judeus remanescentes do exílio a persistirem na reconstrução da Casa do Senhor. Ou seja, nesse período, estavam trabalhando juntos um profeta idoso (Ageu) e um profeta jovem (Zacarias).

Essas mensagens da primeira seção são manifestas em forma de visões noturnas. Vejamos a seguir cada uma delas e seus respectivos significados.

1) A primeira visão noturna é a do cavaleiro e seus cavalos (Zc 1.7-17). Esse cavaleiro é claramente um agente de Deus. Há quem acredite que ele seja uma manifestação do Anjo do Senhor, que em algumas passagens das Escrituras parece ser uma manifestação de Cristo pré-encarnado, mas não podemos afirmar isso com certeza nesse caso. O certo é que esse agente de Deus na Terra e seus "cavalos" tinham por função observá-la (Zc 1.10). Ao serem perguntados por um anjo acerca do resultado de sua patrulha, eles testificaram que, naquele momento, "toda a terra" estava excepcionalmente "tranquila e em descanso" (Zc 1.11). Isso significava que haviam se cumprido as profecias divinas até ali, isto é, as que se estendiam até a predição do retorno dos judeus do exílio babilônico.

Na sequência à resposta do agente de Deus e dos demais a ele subordinados naquela missão, segue-se a intercessão do anjo que o interpelou. Ela se dá em favor de Jerusalém (Zc 1.12). O próprio Deus responde à intercessão do anjo, afirmando que estava zelando por Jerusalém e Judá (Zc 1.14) e julgaria, pelos seus excessos, as nações que haviam sido instrumentos de seu juízo sobre Judá (Zc 1.15). Além do mais, Deus faria seu povo prosperar (Zc 1.16,17).

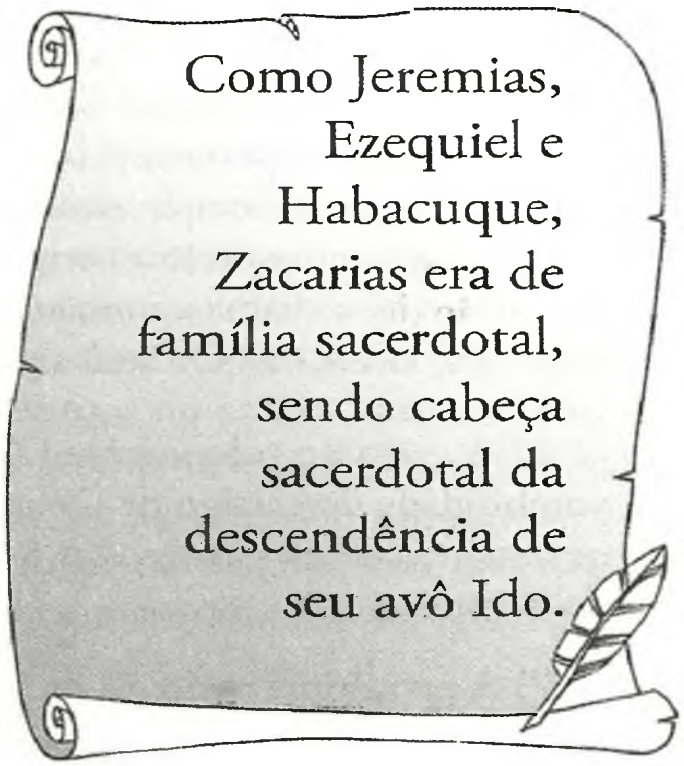
2) A visão dos quatro chifres e dos quatro ferreiros (Zc 1.18-21) fala do juízo de Deus sobre os opressores de Judá e Israel. Ao que tudo

indica, os ferreiros são quatro impérios que se levantariam contra os quatro chifres, isto é, contras cidades que se excederam em suas ações contra os Reinos do Norte e do Sul. Chifres, como lembra o teólogo puritano Matthew Henry, são símbolos de força e poder, e os ferreiros são operários habilitados a serrar chifres.[2] São, nas palavras de Wesley, "instrumentos de Deus para quebrar esses destruidores".[3]

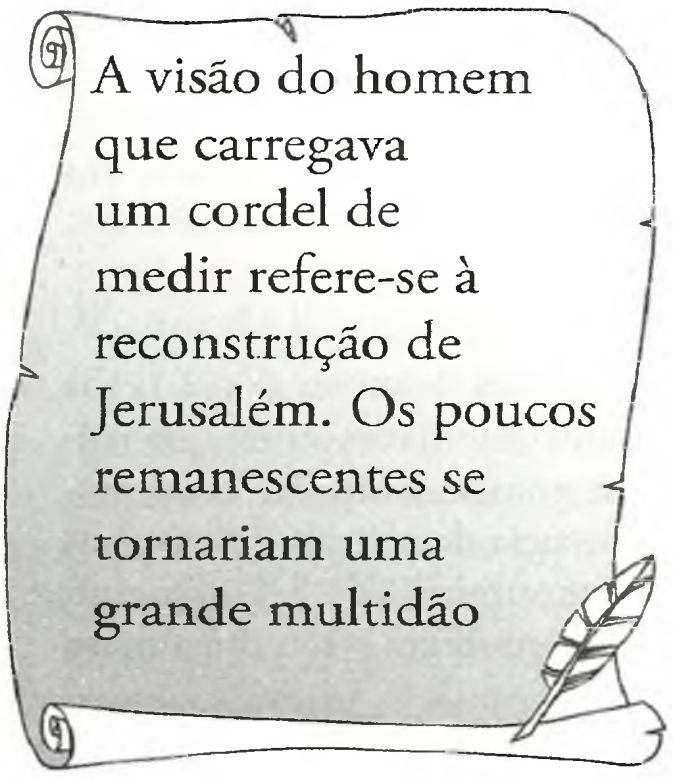
3) A visão do homem que carregava um cordel de medir (Zc 2.1-13) refere-se à reconstrução de Jerusalém. Os poucos remanescentes que voltaram do exílio se tornariam no futuro uma grande multidão. Esse crescimento é representado nesta visão pela ausência de muros, que simboliza a incapacidade de conter a multidão que surgiria (Zc 2.4). Quanto à proteção, Deus seria um muro de fogo para proteger o seu povo nessa fase de reconstrução (Zc 2.5).

Na sequência dessa visão, a realidade se amplia. O foco passa a ser messiânico. Israel é "a menina do seu olho" (Zc 2.8), a qual ninguém pode tocar. Israel deve alegrar-se porque, no Reino do Messias, as nações se ajuntarão e serão povo de Deus, e Jerusalém será a capital do Reino de Cristo (Zc 2.10-13).

4) A visão da defesa divina às acusações de Satanás contra o sumo sacerdote Josué e da justificação deste por Deus (Zc 3.1-10) apontam para a purificação do remanescente do povo judeu, representado aqui pelo seu sumo sacerdote. As vestes sujas falam do pecado do povo (Zc 3.3); o ser "tição tirado do fogo" (Zc 3.2) é uma alusão às privações sofridas durante o exílio babilônico e dos quais o povo sobreviveu para viver a reconstrução; e as vestes novas e festivas que substituem as sujas (Zc 3.4,5) são um sinal da nova realidade que Israel passaria espiritualmente ao ser santificada por Jeová. Essas bênçãos, entretanto, estavam condicionadas à observância às ordenanças divinas (Zc 3.7).



Ao final dessa visão, uma realidade messiânica é antevista. Essa purificação pela qual o povo passaria prefigura uma ainda maior, que ocorrerá



durante o Reino do Messias, que é chamado nesta visão de "Servo do Senhor" e "O Renovo" (Zc 3.8). A pedra única sobre a qual se encontram sete olhos é uma referência à plenitude do conhecimento e da sabedoria (Zc 3.9). Esses sete olhos lembram os sete olhos do Cordeiro manifestados em uma visão específica de Apocalipse, olhos estes que, tanto ali como aqui, apontam para a perfeição do saber, para a onisciência do Cristo (Ap 5.6). A obra expiatória do Cordeiro é que garante o fim da "iniquidade da terra em um dia" (Zc 3.9). No Reino do Messias, haverá comunhão plena e paz (Zc 3.10).

5) A visão do castiçal de ouro e das sete lâmpadas (Zc 4.14) fala da ação do Espírito Santo sobre a vida do governador Zorobabel e do sumo sacerdote Josué, representados aqui por duas oliveiras (Zc 4.3,11-14). Pelo poder do Espírito Santo (Zc 4.6), eles levariam adiante a obra de reconstrução do Templo — simbolizado aqui pelo castiçal de ouro — e conduziriam o povo segundo a vontade de Deus. Se na visão de Apocalipse 1 os castiçais representam igrejas, isto é, as sete comunidades de crentes da Ásia Menor (Ap 1.20), na visão de Zacarias o castiçal representa a Casa do Senhor, o Templo (Zc 4.2,9).

Da mesma forma que a profecia de Ageu 2.3-7 — que anima o povo para a reconstrução do Templo ressaltando que, apesar de o segundo edifício ser muito simples em relação ao original, ele receberia a glória de Deus —, Zacarias, nesta visão, chama a atenção do povo para a valorização do "dia das coisas pequenas" (Zc 4.10). Ou seja, aquela simples obra seria abençoada por Deus.

6) A visão do rolo voante (Zc 5.1-4) é uma advertência sobre a inexorabilidade do castigo de Deus sobre os judeus que fossem infiéis entre os remanescentes, castigo este que seria manifestado após a reconstrução do Templo.

7) A penúltima visão é a da mulher e do efa (Zc 5.5-11), que a maioria dos expositores acredita que seja uma referência a um castigo mais

remoto, que acontecerá só no final dos tempos, onde Sinar, que é Babilônia, representa o governo mundial do Anticristo. Essa mulher dessa visão representa provavelmente o pecado da idolatria, e o efa, ou o que ele carrega, representa claramente todo tipo de impiedade (Zc 5.8).

8) Finalmente, na visão dos quatro carros (Zc 6.1-8), que encerra essa seção de visões noturnas, os carros simbolizam a rapidez e o tamanho do julgamento divino sobre os antigos opressores de Israel. Essa visão é seguida pela orientação dada ao sacerdote-profeta Zacarias para que faça coroas com ouro e prata para serem colocadas sobre a cabeça do seu colega e piedoso líder, o sumo sacerdote Josué, que lideraria a reconstrução do Templo e do culto no Templo, simbolizando o Messias que haveria de vir e que seria Rei e Sumo Sacerdote perfeito do povo (Zc 6.12).

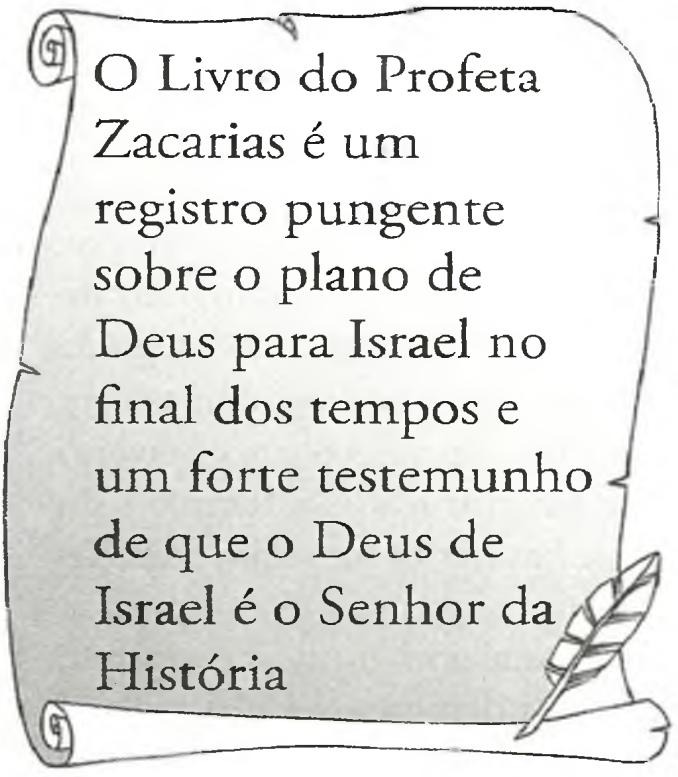
A reconstrução do Templo, liderada por Josué ao lado de Zorobabel, aponta para a reconstrução espiritual do povo liderada pelo Messias durante o seu Reinado, que não terá fim.

Exortações à Obediência e à Piedade (Capítulos 7 e 8)

As exortações que se seguem nos capítulos 7 e 8 são a resposta divina a um questionamento do povo, apresentado, em todo o seu contexto, nos três primeiros versículos do capítulo 7. Uma delegação de Betel formada por representantes do povo queria saber se os judeus deveriam continuar ou parar o jejum anual que realizavam em memória à queda de Jerusalém. A resposta divina é clara: o que Deus queria mesmo era a obediência do povo, o compromisso com a justiça, a observância da sua vontade (Zc 7.8-14).

Como frisa o teólogo Lawrence Richards, duas coisas devem ser frisadas sobre esse jejum: "Primeiro, Deus não havia ordenado aqueles jejuns e, portanto, eles não eram obrigatórios. [...] Segundo, os jejuns haviam se tornado uma mera tradição para a geração presente".[4] Isso significa que a sua importância inicial já havia se perdido, e isso é demonstrado pela vida descompromissada com a justiça que vivia a geração de Zacarias sete décadas após a destruição de Jerusalém. Por isso Deus pergunta: "Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, jejuastes para mim, mesmo para mim?" (Zc 7.5). Ou seja, o jejum já havia perdido o sentido. Era só um mero ritualismo e demonstração de autopiedade. Não era mais para Deus, mas para eles mesmos, uma espécie de "expressão egoísta da própria postura que levara gerações anteriores a abandonar a Deus".[5]

Em suma, a resposta de Deus é que Ele desejava obediência em vez de jejum. Inclusive porque fora a própria desobediência do povo que



trouxera as punições passadas que deram lugar a esse jejum memorial (Zc 7.11-14).

No capítulo 8, por sua vez, vemos Zacarias novamente partindo de uma realidade imediata para introduzir uma mensagem sobre um futuro escatológico. Nesse capítulo, ele fala ainda do jejum memorial, dizendo que ele deveria dar lugar à obediência (Zc 8.16,17) e ser substituído por festas de adoração a Deus e confraternização entre o povo de Israel, que deveria amar "a verdade e a paz" (Zc 8.18,19); e, no meio dessas orientações, é antevisto aquele grande dia, em um futuro mais distante, em que os jejuns e o luto do povo de Israel dariam definitivamente lugar às festas no Reino do Messias, quando, inclusive, Jerusalém seria a capital do mundo (Zc 8.20-23).

Um trecho especial dessa profecia do capítulo 8 é quando Deus diz que encherá as ruas de Jerusalém com um povo feliz e saudável (Zc 8.4,5), trará de volta a Jerusalém os que estavam dispersos (Zc 8.7,8), e tornará Israel uma terra produtiva (Zc 8.12) e uma bênção para todos os povos (Zc 8.13), por causa do seu zelo, isto é, do seu cuidado para com o seu povo — "Zelei por Sião com grande zelo" (Zc 8.2). Em outras palavras, pelo seu amor. Ora, uma vez que a profecia do capítulo 8 é uma continuação posterior (Zc 8.1) à resposta acerca do assunto do jejum do capítulo 7 — evocado nos versículos 16 a 19 —, isso significa que Deus está dizendo ao povo: "É o meu amor que me motiva a fazer o bem a vocês, não o fato de vocês jejuarem ou não".[6] O que Deus pedia apenas eram a obediência e a adoração sinceras do seu povo (Zc 8.16-19).

Promessas de Glória por meio da Tribulação (Capítulos 9 a 14)

As profecias dos capítulos 9 a 14 foram escritas por Zacarias muito tempo depois das primeiras profecias registradas no início do seu livro. Nessa época, inclusive, o profeta Ageu já era, sem dúvida, falecido.

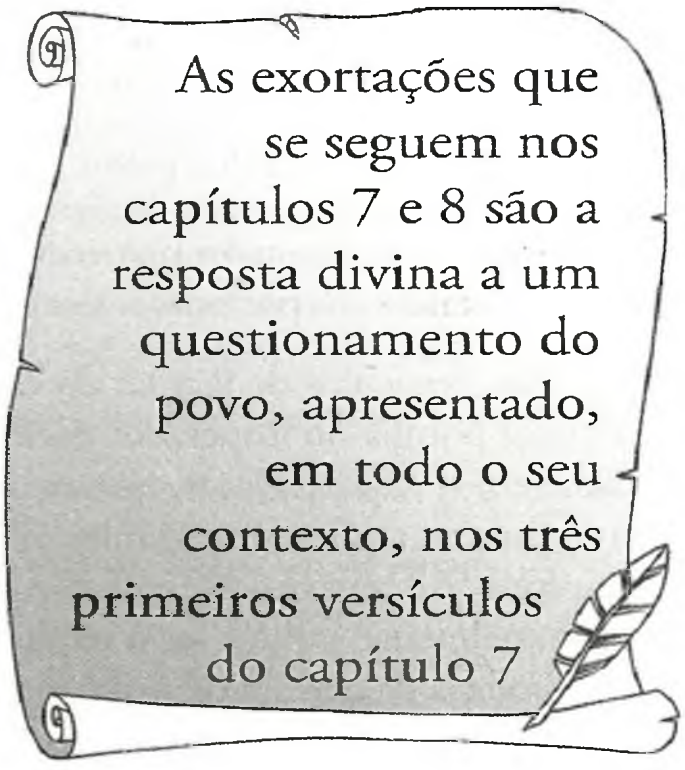
Se os primeiros oito capítulos, especialmente os seis primeiros, foram escritos no período de 520 a.C. a 518 a.C., essa última parte foi escrita

por volta dos anos 480 a.C. 470 a.C. Aqui, já não estamos mais diante de um jovem profeta Zacarias, mas do ancião Zacarias, o profeta. Tudo leva a crer que, por essa época, a nova geração do povo já não era sensível à voz de Deus como nos dias de Zorobabel e Josué, posto que Jesus lembra que Zacarias, já idoso, acabou assassinado "entre o santuário e o altar" pelos seus colegas oficiais do Templo (Mt 23.25).

Nos capítulos de 9 a 10, Zacarias profetiza sobre como Israel sobreviverá durante o Império Greco-Macedônico; e no capítulo 11, o tema é Israel em um contexto mais messiânico. Os capítulos 12 a 14 são dedicados totalmente ao Reino do Messias.

Os primeiros sete versículos do capítulo 9 falam da expansão das conquistas de Alexandre, o Grande. O verso 8, porém, fala que Jerusalém se veria livre do ataque de Alexandre, profecia esta que se cumpriu em um episódio lindo narrado em detalhes pelo historiador judeu Flávio Josefo:

> Quando este ilustre conquistador [Alexandre, o Grande] tomou esta última cidade [Tiro], ele avançou para Jerusalém e o grão-sacrificador [sumo sacerdote] Jado, que bem conhecia a sua cólera contra ele, vendo-se com todo o povo em tão grave perigo, recorreu a Deus, ordenou orações públicas para implorar o Seu auxílio e ofereceu-Lhe sacrifício. Deus apareceu-lhe em sonhos na noite seguinte e disse-lhe que fizesse espalhar flores pela cidade, mandar abrir todas as portas e ir revestido de seus hábitos pontificais, com todos os santificadores [sacerdotes] também assim revestidos e todos os demais vestidos de branco, ao encontro de Alexandre, sem nada temer do soberano, porque ele os protegeria.
>
> Jado comunicou com grande alegria a todo o povo a revelação que tivera e todos se prepararam para esperar a vinda do rei.
>
> Quando se soube que ele já estava perto, o grão-sacrificador [sumo sacerdote], acompanhado pelos outros sacrificadores [sacerdotes] e por todo o povo, foi ao seu encontro com essa pompa tão santa e tão diferente da das outras nações, até o lugar denominado *Safa*, que em grego significa *mirante*, porque de lá se podem ver a cidade de Jerusalém e o Templo. Os fenícios e os caldeus que estavam no exército de Alexandre não duvidaram de que, na cólera em que ele se achava contra os judeus, ele lhes permitiria saquear Jerusalém e daria um castigo exemplar ao grão-sacrificador [sumo sacerdote]. Mas aconteceu justamente o contrário, pois o soberano apenas viu aquela grande multidão de homens vestidos de branco, os sacrificadores [sa-



cerdotes] revestidos com seus paramentos de linho e o grão-sacrificador [sumo sacerdote] com seu éfode de cor azul, adornado de ouro, e a tiara sobre a cabeça com uma lâmina de outro sobre a qual estava escrito o nome de Deus, e aproximou-se sozinho dele, adorou aquele augusto Nome e saudou o grão-sacrificador [sumo sacerdote], ao qual ninguém havia ainda saudado.
Então, os judeus reuniram-se em redor de Alexandre e elevaram a voz para desejar-lhe toda sorte de felicidade e de prosperidade. Mas os reis da Síria e os outros grandes, que o acompanhavam, ficaram surpresos de tal espanto que julgaram que ele havia perdido o juízo. Parmênio, que gozava de grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo o mundo, adorava o grão-sacrificador [sumo sacerdote] dos judeus. "Não é a ele, o grão-sacrificador, que eu adoro", respondeu, "mas é a Deus de quem ele é o ministro, pois quando eu ainda estava na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, Ele me apareceu em sonhos com esses mesmos hábitos e me exortou a nada temer, disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu-me que Ele estaria à frente do meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis porque, jamais tendo visto antes a ninguém revestido de trajes semelhantes aos com que Ele me apareceu em sonho, não posso duvidar de que não tenha sido por ordem de Deus que empreendi esta guerra e assim vencerei a Dario, destruirei o império dos persas e todas as coisas suceder-me-ão segundo meus desejos". Alexandre, depois de ter assim respondido a Parmênio, abraçou o grão-sacrificador [sumo sacerdote] e os outros sacrificadores [sacerdotes], caminhou depois no meio deles até Jerusalém, subiu ao Templo e ofereceu sacrifícios a Deus da maneira como o grão-sacrificador [sumo sacerdote] lhe dissera que devia fazer.
O soberano pontífice [sumo sacerdote] mostrou-lhe em seguida o livro de Daniel, no qual estava escrito que um príncipe grego destruiria o império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era ele de quem a profecia fazia menção. Alexandre ficou muito contente. No dia seguinte, mandou reunir o povo e ordenou-lhe que dissesse que favores desejava receber dele. O grão-sacrificador [sumo sacerdote] respondeu-lhe que eles lhe suplicavam permitir-lhes viver segundo suas leis e as leis de seus antepassados, e isentá-los, no sétimo ano, do tributo que lhe pagariam durante os outros. Ele concedeu-lho. Tendo-lhe, porém, eles pedido que os judeus que moravam em Babilônia e na Média gozassem dos mesmos favores, ele o prometeu com grande bondade e disse que se alguém desejasse servir em seus exércitos, ele o permitiria viver segundo sua religião e observar todos os seus costumes. Vários, então, alistaram-se.[7]

Nos versículos de 9 a 12 do capítulo 9, Zacarias estabelece um contraste entre a pompa do imperador Alexandre e a simplicidade e humildade do Rei dos reis, o Messias, Jesus, que viria "justo e salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta" (Zc 9.9). Até o verso 12 do capítulo 9, o tema é o Messias. Dos versículos de 13 a 17, a Grécia, que é citada nominalmente, volta a ser o tema. O versículo 13 especificamente fala acerca da profecia da derrota de Antíoco Epifânio, que aconteceria em 168 a.C.

No capítulo 10, há promessas a Israel, e a maioria é exclusivamente

relativa ao reino messiânico. No versículo 4 desse capítulo, Jesus é chamado de "a pedra angular" ou "a pedra de esquina" que sairá de Judá. Isso significa que Jesus é o alicerce para o futuro, a segurança, aquEle que garante um bom final à História. No mesmo texto, Ele aparece também como "a estaca da tenda" e "o arco da guerra", que simbolizam respectivamente o apoio para a prosperidade futura do povo de Israel e o Messias como o grande líder guerreiro do seu povo.

O capítulo 11 é totalmente messiânico: nos versículos 7 a 8, o Messias é apresentado como o Pastor de Israel; nos versículos 9 a 14, Ele é rejeitado pelo seu rebanho e trocado por 30 moedas de prata, em uma referência à traição de Judas Iscariotes (Zc 11.13 c/c Mt 26.14-16); e nos versículos 15 a 17, um "pastor insensato" se levanta, numa referência ao Anticristo.

Seguindo a sequência dos acontecimentos finais da História, como pode ser visto também em Daniel e em Apocalipse, os capítulos 12 a 14 falam da destruição definitiva dos inimigos de Israel e do arrependimento e da purificação do povo judeu. No capítulo 12, Israel é cercado pelo Anticristo, mas salvo pelo Messias; no capítulo 13, Israel é purificado; e no capítulo 14, exaltado pelo seu Rei, aquEle "a quem transpassaram" (Zc 12.10), o Pastor que foi "ferido" (morto — Zc 13.7), mas ressuscitou e voltará em glória, descendo "sobre o Monte das Oliveiras" (Zc 14.4) para lutar contra os inimigos de Israel, julgar as nações e estabelecer o seu reino milenar na Terra (Zc 14.1-21).

Enfim, o livro do profeta Zacarias é um registro pungente acerca do plano de Deus para Israel no que diz respeito ao final dos tempos e, portanto, um forte testemunho de que o Deus de Israel é o Senhor da História.

---

[1] PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia** — livro por livro. 5. ed. São Paulo: Editora Vida, 1978, p. 176, 177.
[2] HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
[3] WESLEY, John. **John Wesley's Notes on the Bible**. Kindle Edition, 2010.
[4] RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Devocional da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 533.
[5] Idem, p. 533.
[6] Idem, p. 533.
[7] JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus** — obra completa. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1992, p. 273, 274 (Antiguidades Judaicas, Primeira Parte, Livro Décimo Primeiro, capítulo 8).

13

Malaquias
A Sacralidade da Família

Alexandre Coelho

Ainda fazeis isto: cobris o altar do Senhor de lágrimas, de choros e de gemidos; de sorte que ele não olha mais para a oferta, nem a aceitará com prazer da vossa mão. E dizeis: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher do teu concerto. E não fez ele somente um, sobejando-lhe espírito? E por que somente um? Ele buscava uma semente de piedosos; portanto, guardai-vos em vosso espírito, e ninguém seja desleal para com a mulher da sua mocidade.

– *Malaquias 2.13-15*

Mas para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas; e saireis e crescereis como os bezerros do cevadouro.

– *Malaquias 4.2*

Introdução

Qual seria a última mensagem de Deus para o seu povo no Antigo Testamento? Isso fica a cargo de Malaquias, que demonstra que a forma

com que adoramos a Deus precisa ser compatível com a vida que demonstramos com Deus aos que estão à minha volta. A vida do adorador deve falar tanto quanto ou mais alto que seus louvores.

Quem Foi Malaquias

Malaquias foi um profeta do qual pouca coisa se sabe. Conforme William M. Greathouse,

> Sob o aspecto histórico, nada sabemos sobre a vida do profeta Malaquias. Tudo o que entendemos é o que deduzimos de suas declarações. Não há como ter certeza de que Malaquias, que significa "meu mensageiro", é o nome do profeta ou apenas seu título [...] Embora não tenhamos certeza quanto ao nome do profeta, não temos dificuldade em formar uma concepção clara e precisa sobre a personalidade de Malaquias. O pequeno livro de sua autoria apresenta um pregador impetuoso e vigoroso que buscava sinceridade na adoração e santidade de vida. Possuía intenso amor por Israel e pelos serviços do Templo.[1]

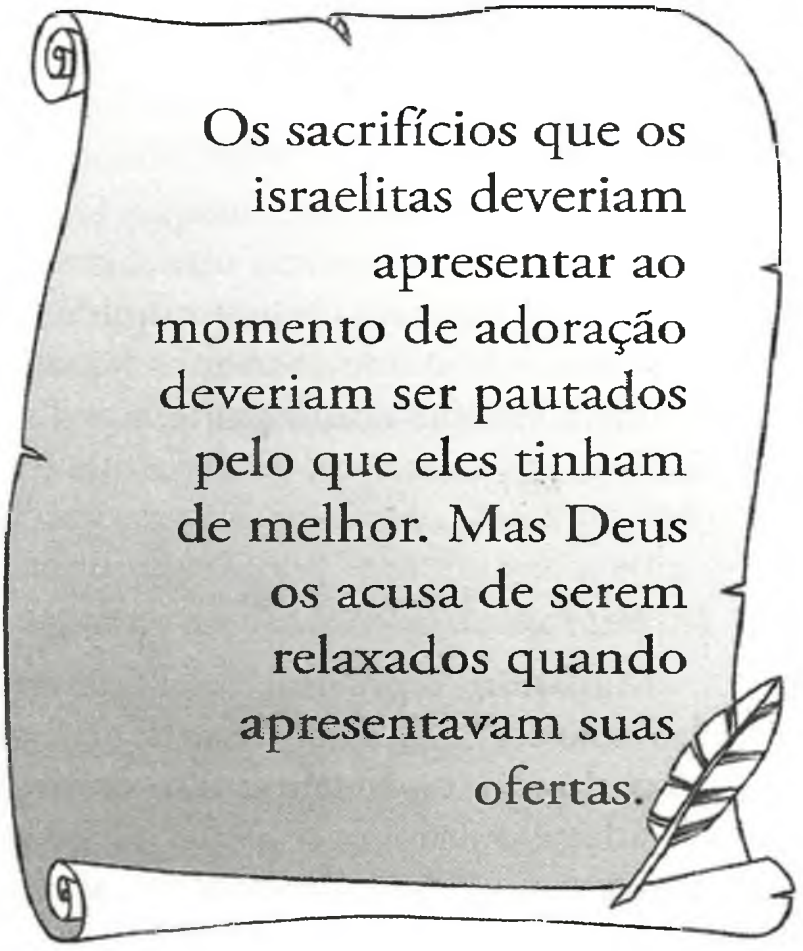
Essas assertivas nos mostram um profeta comprometido com Deus e com sua mensagem, desejoso de ver sua nação progredindo depois de tantas tragédias pelas quais que lhe foi permitido passar.

Sua Mensagem

Malaquias tem pelo menos quatro temas principais em sua profecia.

A. Ele trata do desprezo dos israelitas pelos sacrifícios no templo.

Os sacrifícios que os israelitas deveriam apresentar ao momento de adoração deveriam ser pautados pelo que eles tinham de melhor. Mas Deus os acusa de serem relaxados quando apresentavam suas ofertas: "Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e dizeis: Em que te havemos profanado? Nisto, que dizeis: A mesa do Senhor é desprezível. Porque,



Lembre-se de que sinceridade não é tudo. Os israelitas cobriam de lágrimas o altar do Senhor, mas Deus abominava essas lágrimas. Eles não tinham suas orações respondidas. Por quê? Por causa da deslealdade dos homens para com suas esposas.

quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não faz mal! E, quando ofereceis o coxo ou o enfermo, não faz mal! Ora, apresenta-o ao teu príncipe; terá ele agrado em ti? Ou aceitará ele a tua pessoa? — diz o Senhor dos Exércitos" (Ml 1.7,8).

B. Trata dos casamentos com vizinhos estrangeiros

Deus condena os filhos de Israel pela prática dolosa do divórcio com suas esposas judias, a fim de se casarem com mulheres estrangeiras. Pelo teor do texto, entendemos que se tratava de homens com certa idade, que desprezavam a esposa com quem tinham se casado na juventude para contraírem núpcias com mulheres estrangeiras mais novas.

C. Fala do Dia do Senhor

Esse não é um dia em que Deus há de acertar as contas com seus inimigos. "Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não o serve. Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo" (Ml 3.18,4.1).

D. Fala da infidelidade na entrega dos dízimos

Malaquias repreende seus contemporâneos pelo descaso na entrega dos dízimos. Pela falta dessa contribuição, faltava mantimentos na Casa do Senhor, e os israelitas não conseguiam ver o fruto do seu trabalho. "Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois

amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação" (Ml 3.8,9). Portanto, não era o caso de um israelita ou dois não entregarem seus dízimos, mas toda a nação!

Em que Aspecto Malaquias Fala Conosco?

Malaquias foi o último profeta do Antigo Testamento, e, portanto, sua mensagem é a última registrada no Antigo Testamento para um povo que ainda sofre com suas próprias atitudes rebeldes. Um grupo de israelitas retornou à terra santa em 538, e reconstruíram o templo entre 520 e 516 a.C.. Passados sessenta anos, Esdras veio ajudar na restauração de Israel, em 458 a.C, e Neemias, em 444 a.C., tornou para reconstruir os muros de Jerusalém.

Levando em conta que a profecia de malaquias é datada entre 450 e 400 a.C., temos então que quando ele profetizou já haviam se passado pelo menos um século desde o retorno do primeiro grupo de exilados judeus. Pelo que parece, a idolatria não era mais problema para os judeus, mas eles continuavam relapsos em relação às suas obrigações para com o culto e a vida com Deus. Os casamentos mistos se tornaram comuns. Os dízimos eram negligenciados, e os sacrifícios oferecidos eram de qualidade realmente inferior. Para Deus, qualquer coisa valia. Até aquilo que não tinha qualidade.

O Mau Testemunho dos Sacerdotes

O plano de Deus aos sacerdotes era que eles fossem os preservadores da lei divina. Isso implicava andar em santidade, mas também em retidão de justiça para com o povo. "Porque os lábios do sacerdote guardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei, porque ele é o anjo do Senhor dos Exércitos" (Ml 2.7). Mas os sacerdotes nos dias de Malaquias tinham se afastado tanto dos padrões divinos que Deus permitiu que a figura sacerdotal fosse tida em baixa estima pela população: "Mas vós vos desviastes do caminho, a muitos fizestes tropeçar na lei: corrompestes o concerto de Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, também eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os meus caminhos, mas fizestes acepção de pessoas na lei" (Ml 2.8,9). Por causa dos pecados desses homens, eles se tornaram motivo de escárnio, e não de admiração e respeito.

A Fidelidade no Casamento

O casamento também é contemplado em Malaquias, mais especificamente no desprezo dos homens por suas esposas judias e pelo casamento

desses mesmos homens com mulheres mais novas e estranhas ao pacto de Deus com Israel. Após esses dois atos, esses homens iam ao Templo para orar ao Senhor, como se nada houvesse acontecido. E Deus os repreende por sua infidelidade para com Ele e para com a família que tinham constituído.

Lembre-se de que sinceridade não é tudo. Os israelitas cobriam de lágrimas o altar do Senhor, mas Deus abominava essas lágrimas. Eles não tinham suas orações respondidas. Porquê? Por causa da deslealdade dos homens para com suas esposas. Isso desagradava profundamente ao Senhor. Séculos depois, Pedro escreveu: "Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações" (1 Pe 3.7). Esses textos não estão na Bíblia por coincidência. Orações podem ficar sem resposta não porque Deus não deseja respondê-las, mas porque Ele observa as atitudes da pessoa que está orando. De nada adianta fé na oração de um esposo se ele desonra sua esposa e não busca viver com ela com entendimento.

William M. Greathouse comenta que "a menção especial da **mulher da tua mocidade** mostra que as esposas judias idosas eram desconsideradas para que os maridos pudessem se casar com mulheres jovens e belas das nações vizinhas".[2]

Há pelo menos dois sérios motivos pelos quais Deus abomina o divórcio. Primeiro, porque é um atentado contra a unidade familiar. Ninguém pode se casar com o objetivo de se divorciar depois, caso o relacionamento passe por adversidades na esfera interpessoal. E segundo, como o casamento é um reflexo da união entre Deus e seu povo, a quebra dessa comunhão é naturalmente mal-vista pelo Senhor.

O divórcio possuía uma solenidade a ser cumprida. Abaixo, segue o exemplo de uma carta de divórcio, como era confeccionada:[3]

> "No ... dia da semana; no dia ... do mês....., no ano ....., eu, ..., que também sou chamado filho de..... da cidade de ..... junto do rio ....., por esse documento, consinto, de vontade própria, não sofrendo coação alguma, eu libero, repudio e afasto a ti, minha esposa..... que também é chamada de filha de ....., que, neste dia, na cidade de ....., junto ao rio ....., e que foi minha esposa durante algum tempo.
>
> E assim eu a libero e a mando embora, e afasto para que possa estar desobrigada a ter domínio sobre si mesma, para ir e se casar com o homem que desejar; e nenhum homem pode impedi-la, deste dia em diante, e não está obrigada a

nenhum homem; e isso será para você, de minha parte, um termo de dispensa, um documento de emancipação, uma carta de liberação, de acordo com a Lei de Moisés e Israel.

Testemunha ....., filho de .....

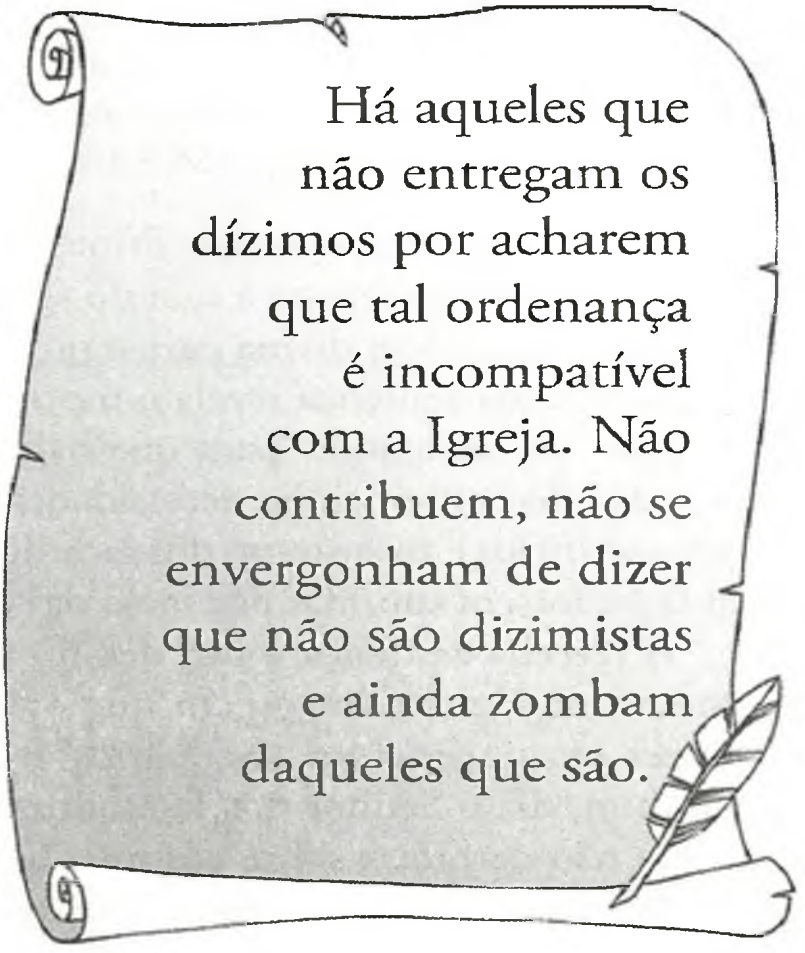
Testemunha ....., filho de .....

Lembremo-nos de que o casamento começa, em nossa cultura, pelo namoro, e namoro não é campo missionário. Deus não aprova casamentos mistos. Da mesma forma que essas uniões eram perniciosas no passado, entre os israelitas e os povos vizinhos, também permanece sendo em nossos dias.

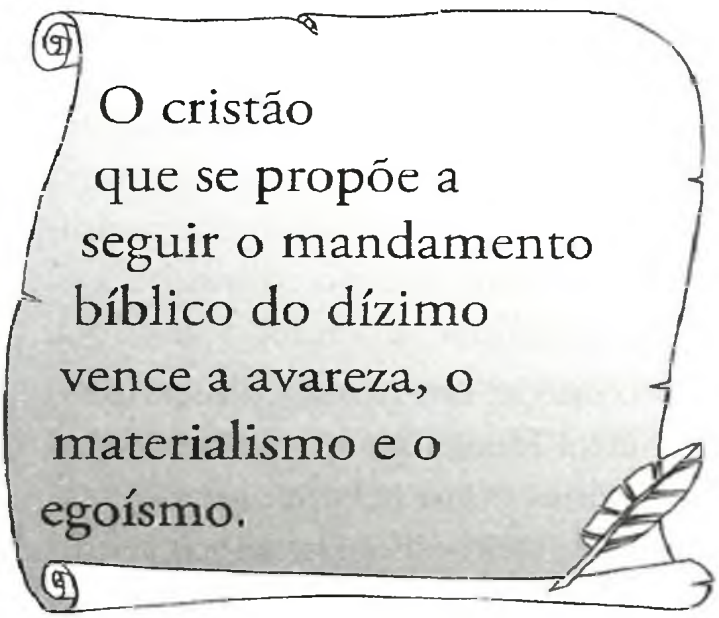
Os Dízimos

Além do casamento, Malaquias trata também de um tema importante para os nossos dias: o dízimo. Quando tocamos nesse assunto, é preciso reconhecer a existência de pessoas que tratam a questão de formas distintas.

Há os cristãos que contribuem normalmente, reconhecendo a entrega dos dízimos como um precedente divino, ordenado antes da Lei de Moisés e praticado inclusive por outros povos. Tal entendimento se baseia no fato de que os dízimos — juntamente com as ofertas — são o padrão de Deus para a manutenção física da igreja como instituição local, que possui despesas que precisam ser cobertas com as contribuições dos fiéis.



Há cristãos que sabem da validade dos dízimos em nossos dias, e fazem suas contribuições de forma organizada, mas que em algum momento de sua vida financeira, por descuido ou por algum tipo de emergência ou falta de



provisões, deixam de contribuir temporariamente, mas têm em seu coração o desejo de tornar a contribuir.

Há aqueles que não contribuem por não entender que os dízimos são a forma lícita de arrecadação de recursos financeiros. mas não tem uma atitude zombeteira para com os que contribuem e não difundem a ideia de que Deus não .

Há aqueles que não entregam os dízimos por acharem que tal ordenança é incompatível com a igreja. Não contribuem, não se envergonham de dizer que não são dizimistas e ainda zombam daqueles que são.

Uma última observação deve ser tratada aqui, de forma breve. Com base em Malaquias 3.10, algumas pessoas entendem que Deus deve ser provado pelos dizimistas fiéis. Se atentarmos para o texto de forma adequada, veremos que tal pensamento carece de respaldo.

> Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança. (Ml 3.10)

Atentemos para o texto. Primeiramente, vemos nele uma ordem: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro". Não se trata de uma opção, mas de uma ordem divina para o povo de Deus.

A segunda sentença revela o motivo pelo qual os dízimos devem ser trazidos ao santuário: "para que haja mantimento na minha casa". O Templo do Senhor tinha necessidades de elementos essenciais ao culto, aos sacrifícios e ao sustento dos sacerdotes. Deus esperava que tais necessidades fossem supridas por meio das contribuições dos israelitas.

A terceira sentença é um desafio àqueles que cumprem o mandamento de Deus e imaginam que os céus não se abriram de forma a trazer os suprimentos necessários à existência: "e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança". Observe a partícula condicional "se" no texto. Ela

traz a ideia de há uma condição imposta por Deus para que Ele seja provado pelos dizimistas: "Se eu não vos abrir as janelas dos céus e não derramar sobre vós bênção tal, que dela vos advenha maior abastança". Portanto, Deus admite ser provado apenas se Ele não abençoar aquele que cumpre sua parte no concerto com Deus e com a manutenção do culto. Portanto, Deus tem compromisso com aqueles que trazem seus dízimos ao santuário.

É evidente que algumas pessoas podem questionar sobre o mau emprego dos dízimos e ofertas em alguns lugares. Caso haja desconfiança sobre a utilização dos recursos entregues na igreja, que haja reuniões, assembleias, que se faça uma comissão a fim de observar as contas da igreja, para que não haja suspeitas de mau uso dos recursos, e que isso seja feito sem desrespeitar a autoridade dos administradores eclesiásticos e dos pastores. O que não pode haver é o descaso para com o cumprimento de tão sério mandamento.

O cristão que se propõe a seguir o mandamento bíblico do dízimo vence a avareza, o materialismo e o egoísmo. Vencendo a avareza, demonstra que seu amor não está no dinheiro. Vencendo o materialismo, ele demonstra que acata o que Jesus ensinou: "Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12.15). Vencendo o egoísmo, ele reconhece que pode usar seus bens para o interesse de outros.

O Livro

O livro de Malaquias possui quatro capítulos, e pode assim ser dividido:

I. Título, 1.1

II. O Amor de Deus por Israel, 1.2-5

III. Os Pecados dos Sacerdotes, 1.6—2.9

A Acusação de Deus, 1.6-14
O Julgamento de Deus, 2.1-9

IV. Divórcio e Casamento com Estrangeiras, 2.10-16

Casamento com Mulheres Pagãs, 2.10-12
Divórcio de Esposas Judias, 2.13-16

V. Onde Está o Deus do Juízo? 2.17—3.5

A. A Reclamação do Povo, 2.17
B. A Resposta do Senhor, 3.1-5

VI. Dízimo, o Caminho da Bênção, 3.6-12

A Acusação, 3.6-9
O Desafio, 3.10
A Promessa, 3.10-12

VII. O Triunfo Final dos Justos, 3.13—4.3

O Ceticismo, 3.13-15
As Pessoas Creem em Deus, 3.16-18
O Dia das Respostas, 4.1-3

VII. Conclusão, 4.4-6

[1] GREATHOUSE, William M. **Comentário Bíblico Beacon**. vol. 5. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 345.
[2] GREATHOUSE, 2005, p. 359.
[3] BENTHO, Esdras Costa. **A família no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 101.

Os Doze **Profetas** Menores

Os últimos Doze Profetas do Antigo Testamento foram homens de Deus que, em seus dias, depararam-se com situações que desafiam igualmente a Igreja de os nossos dias. Eles viram que o povo do Senhor esqueceu-se da pessoa a quem serviam, afastando-se da fé desejada por Deus e pervertendo práticas diárias. E a mensagem desses homens nos leva questionar:

- Como Deus lida com a traição de seu povo?
- Como Ele enxerga a justiça social?
- Deus tem misericórdia de nossos inimigos?
- Podemos prestar um culto que não será recebido por Deus por causa de nossas infidelidades no casamento?
- Podemos tratar com descaso as contribuições destinadas para o culto?
- O que Deus espera que façamos com nossos irmãos necessitados?
- Ainda há esperança de restauração para Israel?

Essas e outras perguntas são abordadas neste livro. *Os Doze Profetas Menores* é uma radiografia dos nossos dias, e serve para que atentemos para a Palavra de Deus e a forma com que precisamos viver em nossos dias, sob a perspectiva divina e com objetivos justos para com Deus e os homens. A mensagem dos profetas menores é a mensagem de Deus também para os nossos dias.

ISBN 8526303481

9 788526 303485